

VERSÃO BETA

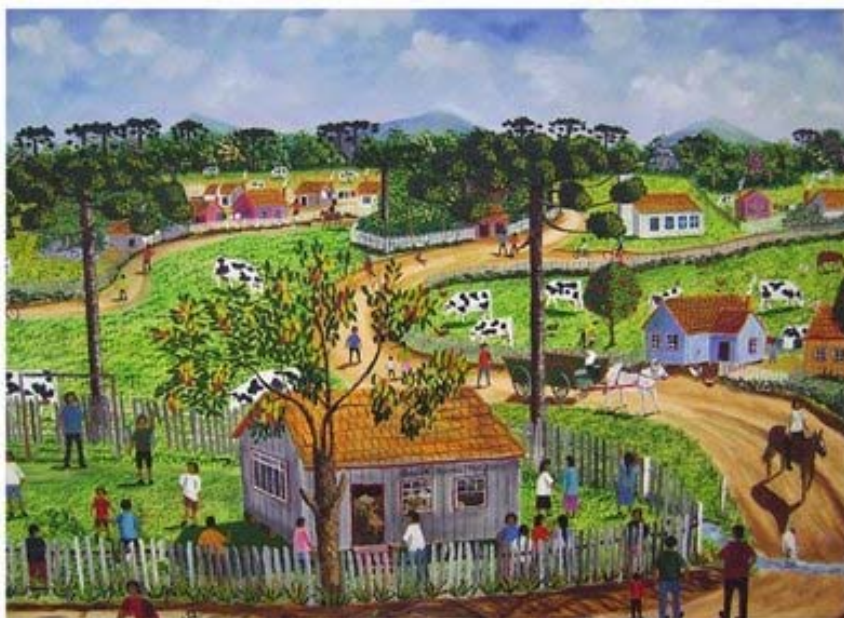
Sob o signo da palavra

ISSN 1677-2016

QUALIS B5

ANO IX – ESPECIAL I - 2011

64



**ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E A PRÁTICA
DE ESCRITA DE PEDAGOGOS E PEDAGOGAS DO CAMPO:
DESAFIOS DA PEDAGOGIA**



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

REITOR

Targino de Araújo Filho

DIRETORA DO CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS

Wanda Aparecida Machado Hoffmann

PROFESSORES DO DEPARTAMENTO DE LETRAS

Ariane Di Felippo - arianidf@uol.com.br
Camila Höfling - chofling@uol.com.br
Carla Alexandra Ferreira – rucarla@uol.com.br
Carlos Félix Piovezani Filho - cpiovezani@hotmail.com
Cristine Gorski Severo - crisgorski@gmail.com
Dirceu Cleber Conde – cleberconde2@gmail.com
Edna Parra Cândido - ednaparra@uol.com.br
Eliane Hércules Augusto-Navarro - eaugustonavarro@gmail.com
Fernanda dos Santos Castetano Rodrigues - fecastel@usp.br
Flávia Bezerra de Menezes Hirata-Vale - fbmhvale@gmail.com
Gládis Maria de Barcellos Almeida - gladis.mba@gmail.com
Irene Zanette de Castañeda - irene@power.ufscar.br
Jorge Vicente Valentim - superprofessor@uol.com.br
Joyce Rodrigues Ferraz Infante - ferrazrj@uol.com.br
Luciana Salgado – luciana@confraria de textos.com.br
Luzmara Curcino Ferreira - luzcf@hotmail.com
Maria Isabel de Moura - marisabel@terra.com.br
Maria Silvia Cintra Martins - msilviamart@yahoo.com.br
Marília Blundi Onofre - blundi@uol.com.br
Mônica Baltazar Diniz Signori - emesignori@hotmail.com
Nelson Viana - nlsviana@power.ufscar.br
Oto Araújo Vale - otovale@power.ufscar.br
Rejane Cristina Rocha - r2cris@yahoo.com.br
Rita de Cássia Barbirato Thomaz de Moraes- ritabarbi@power.ufscar.br
Roberto Carlos de Andrade - rc.andrade1964@bol.com.br
Roberto Leiser Baronas - baronas@uol.com.br
Rosa Yokota - rosayokota@yahoo.com
Sandra Regina Buttros Gattolin de Paula - sandra_gattolin@yahoo.com.br
Soeli Maria Schreiber da Silva - xoila@terra.com.br
Tânia Pellegrini - tpelleg@uol.com.br
Valdemir Miotello - miotello@terra.com.br
Vanice Maria Oliveira Sargentini – sargentini@uol.com.br
Wilson Alves-Bezerra - wilson_alves@yahoo.com
Wilton José Marques - willjm@uol.com.br

INTERFACES

ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E A PRÁTICA DE ESCRITA DE PEDAGOGOS E PEDAGOGAS DO CAMPO:

DESAFIOS DA PEDAGOGIA

Organizadores:

José Leite dos Santos Neto

Luiz Bezerra Neto

Marcos Gehrke

Paula da Silva

Valdemir Miotello

Revisão:

Ana Carolina Hepe Teixeira – Graduanda em Pedagogia -UFSCar

Daniela Carla de Oliveira – Doutoranda em Educação UFPR

José Leite dos Santos Neto – Graduando em Pedagogia - UFSCar

SUMÁRIO

	Apresentação	7
1. Vivências e troca de experiência na alfabetização de adultos		11
	Eliani da Silva Gonçalves Graciela Maria Lucileila Soares Costa Mirian Rosa	
2. A dor e a delícia na arte de ser educador: O que aprendemos e ensinamos		17
	Alessandra D. F. Teodoro Graciele da Silva Evangelista Ireni Bento dos Santos José Leite dos Santos Neto	
3. A troca de saberes campo e cidade, educandos/as da EJA e futuras pedagogas		27
	Ana Claudia Alves Lima Claudia Praxedes Kátia Rodrigues de Oliveira	
4. Ensinando e Aprendendo na Educação de Jovens e Adultos		39
	Éverton dos Santos Osório Silvana Mendes de Souza Stefani Marques Feliciano	
5. Os processos de alfabetização dos alfabetizadores: entre marcas limitadas e desafios das práticas de alfabetização		49
	Amanda Cristina Lino Ana Carolina Hepe Teixeira Jeniffer Aparecida Martins Rosalina P. Lima	

6. Os desafios na Educação de Jovens e Adultos	61
Cristiano Rosa	
Noemi Jesus	
Sinara Durante	
Sirleidina Mussopapo	
7. Aprendizados da prática pedagógica na Educação de Jovens e Adultos	69
Ana Flávia Flores	
Albertina Pereira dos Santos	
Josefa Adjane Dionísio Pereira	
8. Alfabetização de Jovens e Adultos: um desafio na educação	81
Fabiana Francisca da Silva	
Marielen Barbosa Araújo	
Sara da Silva	
Rita Luciene M.Santos	
9. Experiências vivenciadas na EJA	91
Daniele de Jesus loureiro de Melo	
Maria Alves da Silva	
Jociara Keila da Silva	
Viviane Aparecida Ribeiro de Almeida	
10. Alfabetizando: aprendendo e ensinando	101
Daiane Leite Barbosa Ramos	
Estefânia Loureiro de Melo	
Silvani da Silva	
Vânia Dalila Silva de Souza	
11. Aprendendo com a prática: Trocando experiências	111
Cristiane Rodrigues da Costa	
Edvaldo dos Santos	
Giseli de Fátima Teixeira Ramos	
Silvia Cristina dos Santos	

APRESENTAÇÃO

Para o educador-educando dialógico, problematizador, o conteúdo programático da educação não é uma doação ou imposição - um conjunto de informes a ser depositado nos educandos - mas, a devolução organizada e acrescentada ao povo daqueles elementos que este lhe entregou de forma desestruturada (Freire, 1997, p. 83-84).

Este número apresenta um conjunto de onze relatos de experiência, escritos por educandos-educadores do Curso de Pedagogia da Terra no componente curricular - Processos de Alfabetização -, articulando o estágio supervisionado em Educação de Jovens e Adultos - EJA e o conjunto do percurso formativo do curso. Este curso é realizado na Universidade Federal de São Carlos – UFSCar em parceria com os movimentos sociais do campo: Federação da Agricultura do Estado de São Paulo – FAF; Federação dos Empregados Rurais Assalariados do Estado de São Paulo – FERAESP; Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST; Organização de Mulheres Assentadas e Quilombolas do Estado de São Paulo – OMAQUESP; e o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária – PRONERA.

O trabalho que originou essa escrita, consistiu na realização de uma prática pedagógica, denominada Oficina de Capacitação Pedagógica – OCAP -, nas turmas do Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos - MOVA, em São Carlos. Os relatos articulam a fundamentação teórica aprendida no curso de pedagogia e em especial na alfabetização; os saberes docentes prévios de cada um e as práticas dos movimentos sociais na EJA. Por fim, a escrita, como interface de todo esse processo e que nos traz aqui.

Provocados em Paulo Freire essa produção escrita chega, agora, até você leitor neste suporte: a Revista Versão Beta, do Centro de Educação e Ciências Humanas - Departamento de Letras da UFSCar. Optou-se por escrever acerca da prática vivenciada durante a OCAP, nas turmas

do MOVA – São Carlos -, em forma de **relato de experiência**, para serem socializadas com os educadores do movimento de alfabetização.

Forjar escritas vivas (BAKHTIN, 2003), escrita com função social (SOARES, 1989) e colocá-las em movimento, itinerância (GEHRKE, 2010) esse foi o propósito. Como trata Freire (1987) todo conhecimento produzido sobre uma dada realidade precisa retornar aos sujeitos de origem, agora de modo organizado, refletido capaz de contribuir com as transformações pretendidas.

Escrever com professores ou futuros professores, colocá-los em situação de escrita, possibilitar práticas de escrita viva é algo que pode parecer trivial na formação inicial, universitária. Não o é. Aqueles e aquelas que formados para ensinar uma prática tão antiga, a escrita, cada vez menos tem conseguido fazê-la de forma formativa nos cursos de licenciatura. Produzem-se tantos relatórios, planos de ensino, sínteses, resenhas, resumos, artigos, monografias, entre tantos do gênero científico, e os professores se defrontam, ‘reclamam’, incomodam-se com o processo de escrever sobre sua prática. Por que escrever é um processo doloroso para muitos? Que experiências de escrita marcaram esses professores? Seria possível gerar novas experiências de escrita na formação inicial? Não teria a pedagogia o papel de (re)significar as práticas de escrita?

Os relatos de experiência produzidos intencionaram enfrentar essa problemática na formação inicial de pedagogos. Produzem-se textos e produziram-se também os educandos-educadores. Nem tudo expresso no escrito ora apresentado, mas nos diálogos estabelecidos, nas leituras realizadas, nas retomadas e reescritas, nas orientações dadas. As palavras escritas revelam o apreendido, as não ditas também.

Neste sentido, o trabalho seguiu um caminho, iniciado pelo planejamento da prática pedagógica e os planos de aula a partir do reconhecimento de cada turma pelo diagnóstico realizado; a vivência das aulas; o processo de avaliação e replanejamento coletivo e em cada grupo de educandos-educadores; os registros das práticas e as reflexões estabelecidas; momentos de escrita; por fim, o processo de sistematização e produção dos relatos de experiência.

Para que o texto cumpra sua função social, deve ser lido, precisa encontrar o leitor. Leitores são sempre diversos, todavia; direcionamos

nossos escritos aos educadores ou professores das turmas do MOVA, que colocaram a disposição da universidade e da Pedagogia da Terra seus espaços de trabalho e luta – as turmas de alfabetização dos bairros - para que a prática pedagógica fosse possível. Devolvemos-lhes, de certa forma, parte de nossos aprendizados, aquilo que se conseguiu transformar em palavras, que misturam apreensão, alegrias, limites, aprendizados e desafios que incluem o ato de registrar, escrever, reescrever para encontrar-se com você leitor.

Apresentam-se onze relatos de experiência, produzidos em onze grupos, todos com a mesma temática, a prática de alfabetização de jovens e adultos e a experiência vivida por cada grupo.

Boa leitura crítica, que necessariamente implica em novas escritas.

Marcos Gehrke

1. Vivências e troca de experiência na alfabetização de adultos

Eliani da Silva Gonçalves¹

Graciela Maria

Lucileila Soares Costa

Mirian Rosa

Este trabalho relata, em linhas gerais, as experiências vivenciadas na Oficina de Capacitação Pedagógica – OCAP - que se constitui em uma prática de estágio proposta pelos movimentos sociais e a universidade, contribuindo na formação das educadoras e educadores do curso de Pedagogia da Terra². Esta prática foi desenvolvida junto ao Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos – MOVA, no município de São Carlos/SP.

Para atuar nas turmas de alfabetização o grupo foi organizado em 11 equipes de trabalho, que atuaram em cinco bairros da cidade de São Carlos, com intuito de promover a interação e a troca de saberes entre os diferentes movimentos que compõe o curso.

A oficina aconteceu da seguinte forma: a) estudo sobre alfabetização de jovens e adultos na disciplina Processos de Alfabetização; b) exposição da Secretária Municipal de Educação, sobre o MOVA com enfoque nas características do movimento, das turmas e dos bairros; c) observação nas turmas durante um turno; d) construção do planejamento da prática em aula; e) intervenção nas turmas com

¹ Educandas do curso de Pedagogia da Terra de áreas de acampamento e assentamento e diferentes cidades, mas todas do Estado de São Paulo.

² Este curso acontece na Universidade Federal de São Carlos, tendo 41 educandos e educandas no processo de formação para atuar nas áreas de Reforma Agrária no Estado de São Paulo. O mesmo é uma parceria entre o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - INCRA, Universidade Federal de São Carlos-UFSCar, sendo este curso composto por 4 movimentos sociais: Federação da Agricultura do Estado de São Paulo – FAF; Federação dos Empregados Rurais Assalariados do Estado de São Paulo – FERAESP; Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST; Organização de Mulheres Assentadas e Quilombolas do Estado de São Paulo - OMAQUESP.

processo de avaliação e replanejamento a cada dia no coletivo da turma com aprofundamento teórico-prático da disciplina em estudo, organizado em 2 momentos.

Todos esses passos foram desenvolvidos objetivando a preparação para prática de estágio que aconteceria posteriormente no Tempo Comunidade.

Nossa equipe realizou a prática na Igreja Madre Cabrini, na qual fomos recepcionados por um dos alunos, ministro, responsável pela abertura da instituição que está localizada no bairro Monte Carlo no município de São Carlos. O espaço é constituído de um salão paroquial, pequenas capelas, refeitório, além de duas salas, mesas e cadeiras duplas, dois armários, 1 ventilador e 1 relógio de parede, local em que é atendido a turma de EJA, sendo uma de alfabetização e outra de escolarização. Neste bairro estão matriculados 25 educandos, mas apenas 18 educandos freqüentam diariamente, a idade dos mesmos varia de 23 aos 77 anos.

Os moradores do referido bairro são trabalhadores e trabalhadoras, aproximadamente, 3.500 dessas pessoas freqüentam os projetos da Igreja Católica, dentre eles a “Pastoral da Criança” que desenvolve um trabalho com 140 crianças entre as idades de 0 a 10 anos, no período contrário da escola.

No primeiro dia de nossa prática realizamos uma apresentação entre educandos, educandas e educadores, apresentando nossa proposta de atividade. Observamos, ainda, que o espaço era pequeno e não havia referência alguma de escrita, pois o local havia passado por uma reforma de pintura o que não permitia fixar cartazes nas paredes.

A educadora responsável pela sala, é formada em magistério e pedagogia e atua a dois anos na EJA, atualmente trabalha em 2 salas, uma na Igreja Madre Cabrini, no bairro Monte Carlo e na Cidade Aracy.

Neste dia de observação, a educadora responsável pela sala, trabalhou com os educandos e educandas a atividade de separação de sílabas. Atividade esta em que os alunos copiavam as palavras em seu caderno, ao término, a educadora os convidou para a realização da correção das palavras na lousa.

Nesta turma havia um educando de inclusão, o mesmo acompanha a turma e observamos que não há uma preocupação com a elaboração de atividades específicas para atender às suas necessidades. Além dessa constatação, notamos que há uma integração de forma mútua entre educadora e educando.

No que se refere aos demais educandos e educandas os motivos que os levam à retornar aos estudos, segundo os relatos dos mesmos: a) ler a bíblia; b) tirar carta de habilitação e, c) tornarem-se autônomos.

As observações nos proporcionaram conhecer a turma em que iríamos atuar. Procuramos, ainda, reunir informações a respeito de quais eram os níveis de desenvolvimento da escrita que os educandos e educandas se encontravam. Feito isso, elaboramos o plano de atividades para a realização da regência, recebemos o auxílio do educador responsável pela disciplina Processos de Alfabetização e, também, da equipe de OCAP.

No segundo dia, primeiro de nossa atuação em sala de aula, as educadoras Eliani e Lucileila ministraram as atividades, iniciando com a entrega da letra da música “Cidadão” de Lúcio Barbosa. Na sequência, foi realizada a leitura com a preocupação de que todos pudessem acompanhar e após ouvimos a música.

No segundo momento, solicitamos aos educandos e às educandas que destacassem a frase de maior significado, a escolhida foi: “Criança de pé no chão aqui não pode estudar”. Através do destaque feito pelos educandos e pelas educandas surgiu uma discussão que enfocou o tema da desigualdade existente na sociedade atual, enfatizando, segundo a fala de um educando: “que só quem está bem vestido e na moda tem o direito de entrar e sair nos diferentes espaços inibindo, assim, os trabalhadores e as trabalhadoras de frequentarem alguns espaços sociais”.

Após a discussão todos foram convidados a escolherem uma palavra do texto para construírem uma frase, com a finalidade de estimular a escrita espontânea. As demais educadoras Mirian, Graciela e Lucileila se dividiram nos grupos, com intuito de acompanhar e confrontar a escrita dos educandos e educandas.

Com o término da atividade, a educadora Lucileila explicou que a música tratava de uma determinada profissão, nesta perspectiva, a

educadora propôs que os educandos e educandas construíssem uma lista de profissões conhecidas e exercidas pelos mesmos, foram destacadas as seguintes profissões: pedreiro, faxineira, jardineiro, cozinheiro, trabalhador rural entre outras.

Tendo este contexto como pano fundo uma das propostas de atividades a serem realizadas se deu através da escrita das profissões. Paulo Freire (1981) ressalta a importância de inserir no processo criador de que ele também é sujeito.

Neste sentido é necessário trabalhar o conhecimento prévio do educando e da educanda incentivando a escrita espontânea, bem como a oralidade proporcionando o trabalho coletivo em sala de aula, uma vez que a escrita espontânea é resultado do processo de apropriação do educando e da educanda.

No terceiro dia, segundo de nossa prática, as atividades foram ministradas pelas educadoras Graciela e Mirian que se valeram do recurso pedagógico - alfabeto móvel -, por elas elaborado, para a montagem na lousa de letras, sílabas, palavras e a construção de frases, tendo como ponto de partida a música trabalhada no dia anterior. Para o desenvolvimento da atividade destacamos uma palavra geradora contida na música, que foi decodificada no quadro com o auxílio do alfabeto móvel, contando com a participação dos educandos e das educandas. A utilização deste recurso proporcionou a visualização e a exploração do alfabeto, contribuindo na aquisição da escrita. Paulo Freire comenta que a leitura de mundo precede a leitura da palavra.

No processo de decodificação, a educadora Mirian sistematizou, no quadro, as palavras que foram formadas a partir da palavra geradora "REBOCAR", demonstrando para os educandos e educandas que é possível a partir de um única palavra formar outras. Após esta atividade a educadora pediu para que os educandos e educandas construíssem uma palavra através da sílaba da palavra geradora.

Ao término, os educandos e educandas foram convidados a seguirem até o quadro para expor a palavra escrita espontânea, através delas chegou à escrita alfabética (o que no método tradicional chamariam de correção ortográfica). Na sequência, a educadora Graciela pediu para que os educandos e educandas elaborarem frases

com a palavra escolhida, que foram socializadas através de leitura ao final da aula.

Zanetti; Schwendler (2003) ressalta que para Paulo Freire

Ensinar “não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua produção ou a sua construção”. É na troca de saberes entre educandos e educadores e na reflexão e ação sobre a realidade em que vivem que o conhecimento é construído. (ZANETTI; SCHWENDLER, 2003, p.15).

Partindo desta concepção compreendemos que os educandos e educandas possuem uma vivência e que a mesma precisa ser valorizada no sentido de contribuir no processo de alfabetização.

Ao concluir a realização da oficina pedagógica realizamos agradecimentos a todos educandos e a todas educandas, como também para a educadora, através da construção de um poema. O material didático confeccionado pelas educadoras foi disponibilizado à educadora responsável pela sala para que usufrísse do mesmo.

O grupo avaliou que a realização da Ocap proporcionou uma nova aprendizagem, na qual pudemos compreender e relacionar a teoria com a prática. Tendendo o quão fundamental é conhecer contexto social e cultural antes de qualquer trabalho pedagógico, acreditamos, também, na necessidade da escola estar vinculada à vida, pois assim os educandos e educandas poderiam atribuir sentido ao conhecimento tornando-se, assim, sujeitos e construtores de uma nova sociedade.

Referências

FREIRE, Paulo. *Ação Cultural para a Liberdade*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

ZANETTI, Maria Aparecida; SCHWENDLER, Sonia Fátima. *Formação de Educadoras e Educadores: O planejamento na alfabetização de jovens e adultos*. Curitiba/PR: Editora Gráfica Popular, 2003.

2. A dor e a delícia na arte de ser educador: O que aprendemos e ensinamos

Alessandra D. F. Teodoro¹,
Graciele da Silva Evangelista²,
Ireni Bento dos Santos³,
José Leite dos Santos Neto⁴

Este relato visa apresentar as experiências realizadas entre os dias vinte e seis e trinta de julho do ano de dois mil e dez, na OCAP - Oficina de Capacitação Pedagógica, prática dos movimentos sociais que visa à preparação de educadores e educadoras do campo na prática pedagógica e no ensino. Prática esta realizada no Curso Especial de Licenciatura Plena em Pedagogia, denominado Pedagogia da Terra⁵, nomeado de turma de Helenira Resende⁶ da UFSCar.

O Curso é uma conquista da classe trabalhadora por parte dos movimentos sociais do campo e tem como objetivo formar educadores

-
- ¹ Graduanda – curso de licenciatura plena em Pedagogia da Terra – turma Helenira Resende – Universidade Federal de São Carlos – UFSCar - indicada para o curso pelo movimento social FERAESP, moradora do Assentamento Bela Vista no município de Araraquara.
 - ² Graduanda – curso de licenciatura plena em Pedagogia da Terra – turma Helenira Resende – Universidade Federal de São Carlos – UFSCar militante do MST, moradora do assentamento Josué de Castro no município de Andradina.
 - ³ Graduanda – curso de licenciatura plena em Pedagogia da Terra – turma Helenira Resende – Universidade Federal de São Carlos – UFSCar indicada pela FAF. Moradora do assentamento Monte Alegre no município de Motuca.
 - ⁴ Graduando – curso de licenciatura plena em Pedagogia da Terra – turma Helenira Resende – Universidade Federal de São Carlos – UFSCar. Sem movimento, morador do Assentamento Horto Guarani do município de Pradópolis.
 - ⁵ Ver site: www.pedagogiadaterra.ufscar.br
 - ⁶ A turma denomina-se por Helenira Resende por conta da sua luta, participou da Guerrilha do Araguaia, foi educadora, sempre lutou pela justiça social.

e educadoras para atuar no campo; este é o primeiro curso do Estado de São Paulo, realizado na Universidade Federal de São Carlos, que conta com a participação de quatro movimentos sociais do campo: FAF (Federação da Agricultura Familiar); FERAESP (Federação dos Empregados Rurais e Assalariados do Estado de São Paulo); MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) e OMAQUESP (Organização e Mulheres Quilombolas e Assentadas do Estado de São Paulo).

O referido curso se justifica com a especificidade da regência na educação de jovens e adultos realizada durante o tempo comunidade da sexta etapa, viabilizando habilitar os educandos e educandas do curso à atuação na educação de jovens e adultos.

A OCAP teve ênfase na alfabetização de Jovens e Adultos, nesta perspectiva, materializamos os seguintes objetivos: vivenciar a prática da alfabetização da educação de Jovens e Adultos; relacionar teoria e a prática tanto dos educandos e educandas quanto aos nossos, possibilitando um melhor entrosamento com a vivência na EJA.

Os educandos e educandas do curso Pedagogia da Terra dividiram-se em grupos de três e quatro pessoas para realizar os estágios em salas de aulas disponibilizadas pela secretária municipal de educação de São Carlos, no período noturno. Sendo assim, os educandos e educandas estudavam e elaboravam seus materiais didáticos e o planejamento durante o período diurno, em tempo integral, e à noite cada grupo se deslocava de ônibus, disponibilizados pela prefeitura da cidade para seus respectivos locais da OCAP e, portanto, às turmas de alfabetização. A intervenção foi monitorada por uma acompanhante durante os três dias.

A turma de alfabetização do Programa Brasil Alfabetizado⁷ era composta por dezesseis alunos matriculados, acima de 35 anos. As aulas eram realizadas no Centro Paroquial do Bairro Santa Felícia, bairro periférico. Caracterizado pela presença de diferentes igrejas, ora católica ora evangélica e pelo trabalho no corte da cana-de-açúcar,

⁷ De acordo com informações no portal do MEC, o Brasil Alfabetizado é um Programa de Alfabetização, voltado para jovens e adultos, para elevar o nível de escolaridade da população, o programa é desenvolvido em todo território nacional e paga bolsas aos educadores.

colheita de laranja, café, coleta de recicláveis e indústrias da cidade; mesmo após o trabalho cansativo do dia-dia os educandos se esforçam a participar do processo de alfabetização em período noturno.

Neste relato apresentamos algumas reflexões acerca da fundamentação teórica e metodológica, baseada na pedagogia libertadora de Paulo Freire (1987); a concepção de alfabetização; e o trabalho concreto realizado na turma de EJA. A prática perseguiu ainda a seguinte reflexão, não se educa com intuito de formar pessoas subordinadas ao sistema, mas sim uma educação que transforma e liberta os trabalhadores da alienação, como nos ajuda pensar Freitas (1995, 0.127), “enquanto o capital está interessado em preparar um novo trabalhador, nós estamos interessados em formar um novo homem”.

Este trabalho está dividido em duas partes, a saber: a) Relatando a Prática, que enfatiza o processo organizativo da intervenção; e b) Reflexões da Intervenção: Um Processo de Ensino e Aprendizagem, que traz nossas reflexões sobre todo o processo vivenciado durante a realização da OCAP.

Relatando a prática

A prática de intervenção foi dividida em quatro momentos: Observação, Planejamento, Intervenção, Replanejamento e Reflexão.

A Observação. Foi realizada no primeiro dia em sala de aula, com intuito de conhecer os educandos e perceber os níveis de apropriação da leitura e escrita, visto que esta sala era composta por cinco alunos cada qual com seu desenvolvimento. Neste dia desenvolvemos uma dinâmica de apresentação, na qual um educando deveria apresentar o outro, falando o nome, cidade natal e ocupação. Durante a apresentação os educandos relataram, brevemente, sua trajetória de vida e, neste momento, constatamos que muitos são originários de diversos estados brasileiros: Paraná, Bahia, Pernambuco, Minas Gerais e Acre, apenas a educadora da turma era natural do estado de São Paulo. Ao participar da dinâmica ficou evidente que muitos deles trabalham tanto no meio urbano como no campo, desempenhando

trabalhos informais e temporários, condição esta de muitos trabalhadores que vivem nas periferias urbanas.

Durante o período de observação, a educadora da turma iniciou a aula com o cabeçalho na lousa; na seqüência, passou atividades diferentes para cada aluno, pois cada um encontrava-se em um nível diferenciado de escrita e leitura. As atividades desenvolvidas foram: cópia do nome do quadro e que deveria ser reproduzido diversas vezes no caderno; contas de subtração com um algarismo; separação de sílabas; cópia de um texto do livro de ciências e diminutivo das palavras. Como se pode perceber as atividades não partiam da realidade dos alfabetizandos e os mesmos encontravam dificuldades para desenvolvê-las.

O momento de observação permitiu a construção de um diagnóstico, a partir do qual foi possível constatar a necessidade de trabalhar, principalmente, a escrita e seus diversos níveis de aprendizagem, pois a realidade dos educandos apontava para isso.

Portanto, alfabetizar não é fazer com que os alfabetizandos somente escrevam e leiam várias vezes para aprender, ou melhor, para memorizar as letras e as palavras. Quando pensamos em alfabetização, devemos pensar que é um processo e o mesmo não ocorre de uma vez. Desta forma, quem está sendo alfabetizado deve se apropriar aos poucos dos códigos lingüísticos o que possibilitará o acesso à leitura gráfica e interpretativa e o acesso à escrita e a partir de então o educando começa a se apropriar de outros códigos. Neste sentido (FERREIRO; TEBEROSKY, 1985) contribui quando apresenta o conceito da psicogênese que é um processo de desenvolvimento do pensamento e que não existe uma ordem para aprender.

O planejamento. Vários foram os momentos do planejamento. Um primeiro momento gerado a partir da disciplina Processos de Alfabetização. Teve como ponto de partida para a elaboração de material didático e as possíveis atividades, isso com as informações que as supervisoras de ensino do município trouxeram para o seminário inicial de conhecimento do MOVA. Tivemos informações e esclarecimentos referentes ao número de alunos e sua realidade, níveis de aprendizagens, concepções e práticas dos programas Brasil Alfabetizado e Movimento de Alfabetização – MOVA. Considerando

que não tínhamos dados concretos do nível de apropriação do código escrito dos educandos com que nosso grupo atuaria. Preparamos atividades como: escrita, leitura e cálculos. Destacamos uma receita como ponto de partida, visto que nesta atividade contemplaríamos os diversos níveis de aprendizado e os interesses das educandas. Depois da observação tivemos novos elementos para o replanejamento, que apresentaremos no relato que vem a seguir.

A Intervenção. Realizada no segundo dia da prática, a partir do replanejamento, momento em que repensamos criticamente nossa prática como educadores e alfabetizadores da educação de jovens e adultos. Desta feita e tomando por base os registros reunidos durante a observação, decidimos coletivamente mudar a temática de nossa regência, deixamos de trabalhar com a receita de bolo para abordar o tema “Migração”, considerando o fato, já descrito, de que muitos educandos não são originários do Estado de São Paulo.

Após nossa decisão e escolha traçamos novos objetivos, como: proporcionar a apropriação da leitura e da escrita. Para isso, utilizamos o alfabeto móvel e com o seu auxílio cada educando pode escrever de forma espontânea a palavra que considerava corresponder ao estado do Brasil em que nasceu. Durante a realização da atividade acompanhamos os educandos e aos poucos realizamos interferências, ora problematizando, ora tecendo relações com os conteúdos das disciplinas de matemática e geografia e utilizando-se de suas linguagens – cartográfica e numérica. Com o auxílio do mapa político foi possível visualizar os estados e suas fronteiras, além de mostrar o trajeto percorrido por cada um deles até o Estado de São Paulo.

A realização desta atividade possibilitou um diálogo crítico a respeito do movimento migratório e permitiu visualizar o percurso que cada um realizou de sua cidade de origem ao lugar que se encontra atualmente, as dificuldades enfrentadas, as mudanças feitas. Esse momento trouxe à tona situações problemas que foram exploradas no ato da escrita e da leitura das palavras, pois como afirma Soares (1999), o sujeito aprende atuando com e sobre a língua e a escrita. Assim nossa prática buscou seu sentido e a coerência com a teoria defendida.

Apontamos algumas dos discursos produzidos pelos nossos educandos durante a atividade: Porque todos vieram para São Paulo?

Porque não somos donos da terra, por quê? Porque alguns têm muito dinheiro e outros não?

O Replanejamento. Construído a partir das atividades realizadas no dia anterior, durante as quais percebemos as necessidades dos alfabetizandos para compreender e ler o mapa do Brasil, suas cores, estados, regiões e legendas. Diante disso, retomamos as explicações e problematizamos com os educandos que o mapa é uma representação do país e as informações nele contidas estão organizadas por legendas o que auxilia a leitura. A turma ficava muito atenta e curiosa durante as explicações, olhando o mapa buscando compreendê-lo. Isso mostrou que alfabetizar pode ser algo mais vivo e real e as atividades soltas podem ser superadas.

Feito isso e durante nossos diálogos (educadores e educandos) notamos que os alfabetizandos têm dificuldades para compreender a noção de tempo e espaço expressos nos mapas, que só foi possível perceber através da fala do educando que saiu do Acre para o Estado de São Paulo, em uma viagem de ônibus, e segundo sua impressão “Nossa! Passei três dias viajando para andar só isso!”. Aproveitando todas essas discussões e com a utilização do alfabeto móvel, solicitamos aos educandos que escrevessem mais palavras.

Neste último dia de intervenção, na parte final da aula, foi feita uma avaliação entre nós educadores e alfabetizandos da EJA. Realizamos um diálogo sobre o que aprendemos e ensinamos. Todos puderam se expressar. Além da avaliação entregamos uma lembrança do grupo para cada membro da sala de aula como uma forma de agradecer a participação e a recepção.

No decorrer desta experiência, compreendemos que educadores e educandos são seres inacabados, em constante processo de transformação e formação. Analisamos que o processo de formação e alfabetização pode acontecer em diversos espaços, como em casas, no trabalho, na família, nos movimentos sociais, nas igrejas, etc. Nestes espaços, de ensino e aprendizagem, os educandos aprendem e também ensinam, sendo esta uma relação dialética. Segundo Freire (1987) o processo de formação de educadores e educadoras deve resultar de um aprendizado em que o aprendiz se tornou capaz de recriar ou de refazer o aprendido.

Também foi de suma importância identificar a trajetória de vida de cada um dos educandos momento em que relataram a sua história e apontaram os motivos da sua não alfabetização. Motivos estes ligados a fatores sociais, políticos, econômicos e culturais que os excluíram da escola e do aprendizado da leitura e escrita. Os mesmos ao serem questionados sobre essa situação demonstraram sua compreensão a respeito (somos pobres, não tivemos tempo para estudar, precisava trabalhar, entre outros...), revelando a leitura da realidade que os mesmos foram capazes de fazer, e que para nós educadores fica clara a contradição entre as classes, vivemos numa sociedade dividida por classes sociais e alfabetizar implica necessariamente desvelar a realidade (FREIRE, 1984; 1987).

Comumente os educandos esperaram muitos anos para “segurar um lápis em suas mãos” (MST, 2003, p. 67), isso para aprender escrever e ler, cabe a nós educadores desafiar para outras dimensões e aspectos necessários a serem aprendidos. Mulheres e homens que hoje estão rompendo as desigualdades sociais e acessando os direitos que lhes foram negados, ler e escrever, acesso este que está ajudando a reescrever a sua história de vida, palavras e, principalmente, a leitura do mundo. Esse aprendizado é quem sabe o desafio maior.

Portanto, entendemos que os adultos retornam ao processo de alfabetização com o intuito de ler e escrever, para se inserir na sociedade letrada, ou arrumar um emprego por exemplo. Freire (2000, p. 68) pensa o seguinte, “o trabalho de alfabetização, na medida em que possibilita uma leitura crítica da realidade, constitui-se como um importante instrumento de resgate da cidadania.” Por isso faz-se fundamental compreender a história de vida, as contradições entre a classe e até mesmo ler um mapa e se localizar nele. Freire ainda diz mais, a alfabetização é uma criação, em que o educando aprende a falar a palavra, para depois reescrever o mundo, para transformá-lo, como trazem também (GEHRKE; ZANETTI; SCHWENDLER. 2003, p. 19) “Aprender a falar a palavra implica na leitura do mundo”.

Quando pensamos em alfabetizar jovens e adultos, precisa-se considerar que estes possuem um conhecimento prévio (FREIRE, 1987) com um universo de referência e utilizará o mesmo para desenvolver sua escrita e leitura.

Todo processo de alfabetização se dará de forma diferente, considerando as especificidades de cada turma e pessoa, ainda, os diferentes níveis de desenvolvimento da escrita e da leitura (SOARES, 1999). Ao propor atividades de alfabetização precisamos ter em mente, ainda, três aspectos a serem desenvolvidos - as linguagens. Oralidade, leitura e escrita, que se encontram no diálogo problematizador sobre a palavra e da palavra em si. Isso para que o educando compreenda sua totalidade, a fim de produzir a sua palavra na perspectiva da transformação da realidade, mediada pela linguagem.

Quando afirmamos que devemos ensinar e alfabetizar, muitas vezes, não nos atemos à importância deste ato e nos restringimos à mera técnica da decodificação das letras e palavras, até ensinamos, mas sabe-se que alfabetizar vai muito além e implica compreender e transformar a realidade. Inclui ter o direito de estudar em espaços físicos adequados, com profissionais qualificados e com ambiente alfabetizador e recursos necessários a formação.

Considerações Finais

O nível de desenvolvimento tecnológico em que se encontra a sociedade, os espaços sofisticados e diversificados da cultura letrada, exige daqueles que os freqüentam, ou assim desejam, um nível razoável de apropriação da cultura letrada. Quem menos se apropria desses espaços e dos conhecimentos que ele oferece são as pessoas analfabetas, pessoas sem os direitos básicos atendidos. .

Acreditamos ser de extrema importância a apropriação da cultura letrada, que vai para além do ensino de consoantes e vogais, o que serve apenas para a escola. Faz-se necessário aprender a leitura e a escrita, como forma de comunicação e ocupação dos espaços públicos que a sociedade oferece. Pensar que este ensino de leitura e escrita, deve se relacionar com o pensar e o olhar crítico sobre a sociedade, aspectos que buscamos despertar em nossos educandos.

Atualmente há inúmeras propostas apresentadas por intelectuais que discutem e pensam a alfabetização de jovens e adultos, entretanto, as discussões realizadas na academia ainda estão distantes das práticas aplicadas na sala de aula pelos profissionais da educação. Falta o

conhecimento chegar até os educadores, ou a construção de pontes entre a teoria e a prática? A prática da OCAP procurou ser essa possibilidade e que consideramos formativa.

A partir dos elementos destacados, observamos que o processo e a proposta de alfabetização presente hoje não satisfazem às necessidades precisas da educação de jovens e adultos, pois muitos educadores que atuam nas áreas de EJA não têm formação específica para atuar, ou seja, adequada para suprir às necessidades dos jovens e adultos. Neste sentido, avaliamos que o desafio em trabalhar na educação de jovens e adultos nos possibilitou uma reflexão sobre esta realidade a fim de despertar inquietações que impulsionem as práticas pedagógicas nesta modalidade de ensino.

Por fim, escrever esse relato foi outro grande aprendizado. Registrar e refletir sobre a experiência da OCAP; escrever e reescrever as ideias e experiências; produzir um texto em grupo e com muitas posições; escrever para um leitor crítico, entre outros.

Referências

FERREIRO, Emilia, TEBEROSKY, Ana. *Psicogênese da língua escrita*. Porto Alegre: Artes Médicas. 1985. Tradução de D. M. Lichtenstein, L. Di Marco, M. Corso.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Cortez, 8. ed. 1984.

_____. *Pedagogia do Oprimido*. 17ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. *Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: UNESP, 2000.

FREITAS, Luis Carlos de. *Crítica da organização do trabalho pedagógico e da didática*. Campinas, SP: Papirus, 1995.

_____. *Educação de jovens e adultos – sempre é tempo de aprender*. Caderno de educação 11. São Paulo, 2003.

GEHRKE, Marcos; ZANETTI, Maria Aparecida; SCHWENDLER, Sonia Fátima. *Formação de Educadoras e Educadores: O planejamento na alfabetização de jovens e adultos*. Curitiba/PR: Editora Gráfica Popular, 2003.

MST. *Educação de jovens e adultos – sempre é tempo de aprender*. Caderno de educação 11. São Paulo, 2003.

SOARES, Magda Becker. *Aprender a escrever, ensinar a escrever*. IN: ZACCUR, Edwiges (Org.). *A magia da linguagem*. Rio de Janeiro/RJ: DP&A: SEPE, 1999. p. 49-73.

3. A troca de saberes campo e cidade, educandos/as da EJA e futuras pedagogas

Ana Claudia Alves Lima¹

Claudia Praxedes²

Kátia Rodrigues de Oliveira³

Iniciando diálogo

Este relato tem por finalidade apresentar uma reflexão acerca da prática de alfabetização realizada no período de 26 a 30 de julho de 2010, no município de São Carlos/SP, através da Oficina de Capacitação Pedagógica (OCAP). Prática realizada no Curso de Pedagogia da Terra⁴ e visa propiciar aos educandos uma vivência coletiva na realização do estágio supervisionado. Essa capacitação aconteceu na modalidade de Educação de Jovens e Adultos, com carga horária de 20h, objetivando preparar os educandos do referido curso para a atuação em sala de

¹ Graduanda do curso de Pedagogia da Terra da Universidade Federal de São Carlos, assentada em Agudos/SP, militante do Movimento dos trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST), contribuinte no setor de Educação na regional de Iaras/SP.

² Graduanda do curso de Pedagogia da Terra da Universidade Federal de São Carlos, residente em Campinas/SP, militante do Movimento dos trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST), dirigente do setor de educação do Movimento no Estado de São Paulo.

³ Graduanda do curso de Pedagogia da Terra da Universidade Federal de São Carlos, residente do assentamento de Córrego Rico - Jaboticabal/SP, militante da Organização de Mulheres Assentadas e Quilombolas do Estado de São Paulo (OMAUESP), educadora de EJA no assentamento há 4 anos.

⁴ Pedagogia da terra é um curso pensado pelos Movimentos Sociais a partir do Programa Nacional de Educação a Reforma Agrária. No Estado de São Paulo este está acontecendo na Universidade Federal de São Carlos juntamente com os Movimentos: Movimento dos trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST); OMAUESP (Organização de Mulheres Assentadas e Quilombolas); Federação dos Empregados Rurais e Assalariados do estado de São Paulo (FERAESP) e Federação da Agricultura Familiar (FAF).

aula, e com isso relacionar teoria e prática e a preparação para o estágio na EJA no tempo comunidade⁵.

A organização da OCAP estruturou-se em equipes, a saber: de estagiários; de acompanhamento e auxílio dos estágios; de professores responsáveis pelas turmas em que o estágio aconteceu e da Secretária Municipal de Educação. Não podemos deixar de citar a importante contribuição do educador da disciplina “Processos de Alfabetização”.

Nos períodos diurnos e vespertinos relacionávamos a teoria da disciplina com a prática da OCAP, através de avaliação do processo com planejamentos e replanejamentos para as práticas de estágios. No período noturno, com o auxílio de transporte disponibilizado pela prefeitura, nos deslocávamos para a realização da prática nas turmas de EJA do município. A turma do curso de Pedagogia da Terra é constituída por quarenta e um (41) educandos divididos em 11 grupos que atuaram em cinco (5) bairros do município de São Carlos.

Este grupo, em especial, realizou a prática, no espaço “Obras Sociais da Associação Espírita Francisco Thiesen - Colégio Espírita Anália Franco”, localizado no bairro Antenor Garcia com, aproximadamente, seis mil moradores.

O espaço social, citado, existe há três (3) anos e conta com parceria da prefeitura municipal que oferece no local a Educação Infantil, Curso Técnico em Administração – destinado a jovens, residentes no bairro, com duração de dois (2) anos, após esse período os mesmos são encaminhados ao primeiro emprego – e à noite disponibiliza-o para educação de jovens e adultos, para a realização do programa da prefeitura Municipal como o Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos – MOVA. Movimento este desenvolvido com o apoio dos recursos do, também, programa agora Federal intitulado Brasil – Alfabetizado. Frequentam a turma sete (7) dos quatorze (14) educandos matriculados.

Os moradores do bairro são oriundos de outros estados, principalmente, os da região Nordeste. Os homens, atualmente,

⁵ O Curso de pedagogia da terra é um curso de alternância, portanto é composto pelo Tempo Escola (momento em que os educandos permanecem na Universidade, apreendendo a teoria) e Tempo Comunidade (momento em que vivenciam na prática em suas comunidades as teorias apreendidas).

trabalham na lavoura de cana, laranja e café, enquanto, as mulheres trabalham como domésticas na região central do município.

A educadora, responsável pela turma, reside na região. É formada em Letras e leciona nesta modalidade (EJA) há seis meses, além de trabalhar no curso técnico que é oferecido pelo centro. Por ser formada em licenciatura relata não ter muitas experiências nesta modalidade, no entanto vem se desafiando a compreender os processos de alfabetização.

Espera-se que este relato contribua para a discussão em torno da EJA nos movimentos sociais e na formação de educadores para o Movimento de Alfabetização de São Carlos. Para isso organizamos o texto da seguinte forma: fundamentação teórica da concepção de EJA; momentos da prática - observação, planejamento, regência e análise - e considerações finais.

Concepções que conduziram nossa prática

O desenvolvimento da prática partiu de uma análise de que o acesso à Educação de Jovens e Adultos ainda está à margem das prioridades educacionais. No Brasil, esta modalidade só ganhou visibilidade a partir da década de 50 do século XX (DI PIERRO, 2005), através de organizações que reivindicavam o direito a educação, entretanto, por este período ser marcado pelo discurso desenvolvimentista (STÉDILE, 2005) a educação cumpriria o papel da formação de novos trabalhadores para as indústrias nascentes no país. Mas, o acesso da classe trabalhadora a educação sempre esteve marginalizado e no caso específico da EJA há um agravamento, já que esta modalidade está vinculada diretamente à classe trabalhadora, seja no campo ou na cidade.

Atualmente há leis que garantem o direito à Educação de Jovens e Adultos e são encontradas, principalmente, em três (3) documentos: a Constituição Federal (1988); seguindo da Lei de Diretrizes de Base da Educação – LDB 5692/1996; e mais recentemente as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação de Jovens e Adultos do CNE/CEB (2000). No entanto, a sua concretude ainda está aquém do proposto, já que os índices de analfabetismo continuam elevados.

Segundo destaca Di Pierro (2010), em aula expositiva, a análise do censo demográfico sobre o analfabetismo no Brasil diz,

... concentra 40% das pessoas analfabetas ou com baixa escolaridade da América Latina. Em 2007, 10% da população de 15 anos ou mais - 14,1 milhões de pessoas - não sabiam ler ou escrever. Mais de 30 milhões tinham menos de quatro anos de estudos. A escolaridade média era de 7,3 anos de estudos. Mais de 60 milhões de jovens e adultos não haviam concluído o ensino fundamental. (DI PIERRO, anotações de sala de aula, 2010).

Estes dados demonstram o quanto à educação de jovens e adultos é uma demanda real e um desafio, pois tais políticas permanecem baseadas em programas, portanto, não há ações contundentes por parte dos governos.

Os poucos e inexpressíveis avanços conquistados, no decorrer dos anos, são fruto de lutas de movimentos sociais que não aceitam a atual situação de descaso com a educação, dentre os militantes mais atuantes podemos citar Paulo Freire. A união dos movimentos e a constante solicitação da sociedade vem fazendo com que se efetive uma nova proposta de educação emancipadora, que valorize os educandos como sujeitos no seu processo de aprendizagem. Tal qual afirma Soares (1999, p.52)

No que se refere ao processo de alfabetização, a concepção, psicogenética da aquisição do sistema de escrita e as contribuições das ciências linguísticas particularmente da psicolinguística “transformaram” o conceito do sujeito aprendiz da escrita - não mais um sujeito que aprende a escrever por imitação, por repetição, por associação, copiando e reproduzindo letras, sílabas, palavras, frases, mas um sujeito que aprende atuando “com” e “sobre” a língua escrita, buscando compreender o sistema, levantando hipóteses sobre ele, com base na suposição da regularidade nele, submetendo a prova essas hipóteses e supostas regularidades.

Essas palavras demonstram que é possível aprender a ler e escrever partindo da escrita espontânea (SOARES, 1999) do educando que ao levantar suas próprias hipóteses, em palavras significativas, ou seja,

mais do que aprender o ABC é preciso entender o contexto em que estas letras estão inseridas.

A concepção que defendemos, enquanto futuros pedagogos/as compreende que a alfabetização é um ato de criação e, logo, um ato político (FREIRE, 1987) no qual implica que o educador ao escolher um tema gerador o escolha, levando em conta, a real correspondência com a vida dos alfabetizando compreendendo, dessa forma, que a alfabetização deve partir dos saberes prévios, contudo, não devemos permanecer somente em tais conhecimentos, o educador precisa partir dele e desenvolver os processos de aprendizagem. Segundo Freire (Apud SCHWENDLER; ZANETTI, 2003, p 15.).

...partir dos saberes dos educandos não é fixar-se neles, mas sim, passando por eles, superá-los... ensinar não é transferir conhecimentos mas criar possibilidades para sua produção ou a sua construção. É na troca de saberes entre educando e educadores na reflexão e ação sobre a realidade, que o conhecimento é construído.

Analisando a prática desenvolvida na OCAP, percebemos a importância de ouvir e conhecer a realidade dos educandos que participariam dos processos de aprendizagem para melhor entender e valorizar seus conhecimentos prévios. Como, também, a extrema importância de se ter um bom planejamento de aula, coerente com a concepção que defendemos.

É imprescindível saber dosar os momentos de discussões e diálogos em sala, com os momentos de apreensão da leitura e da escrita, pois o diálogo vem de um conhecimento prévio do aluno e a leitura e a escrita são os aprendizados que eles ainda não adquiriram na sua plenitude. Portanto, se faz necessário atuar como educador mediador deste processo de aprendizagem, uma vez que não é qualquer ensinar, já que somos parte de um movimento social e este “ensinar” que buscamos é para conscientização e problematização da realidade, como afirma Brandão (2001, p.35)

...educar é fazer perguntas... ensinar é criar pessoas em que a inteligência venha ser medida, mais pelas dúvidas mal formuladas, do que pelas certezas bem repetidas... aprender é construir um saber

pessoal e solidário, através do diálogo entre iguais, sociais culturalmente diferenciados.

No entanto, o desafio posta aos educadores é a permanente atualização, sempre buscando aprender para sanar as necessidades dos educandos. Além de fazer uso de diferentes recursos didáticos que condizem com o perfil do educando, contribuindo para seu desenvolvimento intelectual.

Percebemos, também, a importância da prática, pois é através dela que conseguimos reconhecer nossos limites. Além disso, entendemos que teoria e a prática andam juntas, teoria sem prática e prática sem teoria não tem validade para profundas análises.

A construção do planejamento é um limite a ser superado, pois durante nossa prática, percebemos os limites que ainda possuímos em planejar uma aula de EJA, sobretudo, pensando na questão de organização do tempo e na realização das atividades de forma a não se estender muito em algumas e deixar de aproveitar outras.

Dentre as inúmeras contradições visíveis e invisíveis na educação, percebemos que os espaços destinados à alfabetização de jovens e adultos estão, normalmente, fora dos espaços escolares que só são frequentados por esses sujeitos quando seguem para a escolarização. Esta constatação permite inferir que os processos de alfabetização ainda não são valorizados na sua totalidade, ficam à mercê da boa vontade de instituições que disponibilizam espaços físicos para o desenvolvimento dos programas e não são garantidos por políticas públicas do município, estadual ou federal. A alfabetização de adultos é entendida, ainda hoje, como um paradigma compensatório (DI PIERRO, 2005).

Apesar de todas estas dificuldades e necessidades a serem superadas, avaliamos que os aprendizados adquiridos, nesta prática, foram fundamentais para o entendimento do processo de aprendizagem e, também, sobre as políticas públicas relacionadas à EJA.

Apresentando a prática

O planejamento do trabalho teve início com a presença das representantes da Secretaria Municipal de Educação, apresentando o

Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos – MOVA - realizado em parceria com o programa Brasil-Alfabetizado. As mesmas informaram sobre a concepção e funcionamento do movimento, os bairros em que estavam organizadas as turmas EJA, como também a quantidade de educandos em cada turma, entre outros aspectos.

O desenvolvimento da prática teve como base: os fundamentos das disciplinas de Metodologias de EJA e de Processos de Alfabetização, estudados no decorrer do curso; a observação na sala em que atuaríamos; o diálogo com a educadora, responsável pela turma, para que o plano atendesse às necessidades dos educandos, partindo das suas realidades, como orienta Paulo Freire (1987).

Tendo em vista que o aprendizado se constitui da relação entre teoria e prática, tal qual afirma o mesmo autor:

Quanto mais penso criticamente, rigorosamente, a prática de que participo ou de a prática de outros, tanto mais tenho possibilidade primeiro, de compreender a razão de ser da própria prática, segundo, por isso mesmo me vou tornando capaz de ter pratica melhor. Assim, pensar minha experiência como pratica inserida na prática social é trabalho sério e indispensável (FREIRE, 1991, p-106).

Nesta perspectiva, o grupo avaliou que seria de extrema importância inserir, primeiramente, na realidade dos educandos para depois planejar a prática.

O primeiro momento com a turma, permitido pela educadora, foi através de uma observação participativa de 1h e 30min, ajudando-a nas atividades que estava desenvolvendo, que tinha como tema: a política partidária. A educadora iniciou a aula lendo um poema de Bertold Brecht “O analfabeto político”, após conduziu um debate sobre o texto e passou uma atividade de caça-palavras que tinha como palavras chaves os cargos a serem disputados nas eleições como: presidente, governador, senador, etc.

O grupo era composto por sete (7) educandos/as, diagnosticamos que três (3) destes eram alfabetizados os demais pré-silábicos e silábicos, segundo a concepção de Ferreiro (1985). A sala por ser emprestada à EJA não apresentava um ambiente alfabetizador, ou seja, pouco propicia ao diálogo, pois o espaço era pequeno e as carteiras

ficavam enfileiradas, dificultando o trabalho da educadora, também, não apresentava materiais alfabetizadores expostos como alfabeto, palavras, textos, cartazes, entre outros.

Os educandos comunicativos e críticos, isso se deve ao fato de que a educadora instiga-os com atividades que geram debates, por se tratar da realidade em que vivem. Outra constatação, realizada durante os momentos de observação, se deu em relação aos educandos, oriundos de diferentes estados e uma quantidade expressiva vem dos estados do Nordeste, e apenas uma educanda do estado de São Paulo.

É importante ressaltar, que apesar do espaço pertencer a determinada religião os educandos não são necessariamente pertencentes à mesma, aliás, participam de outras religiões. No diálogo inicial, com a turma, constatamos também que o grupo de educandos é composto por aposentados, pedreiros, empregadas domésticas e donas-de-casa.

Sendo assim, planejamos nossa prática partindo do tema “Política”, uma vez que o mesmo já estava sendo explorado pela educadora. O objetivo, por nós definido, foi apresentar os diversos campos da política não sendo esta só partidária como também, propiciar a sequência do processo de alfabetização e de compreensão do tema relacionando com a vida. Feito isso, construímos um varal de alfabeto para utilizarmos e deixarmos na sala.

Na primeira regência do grupo, utilizamos a metodologia de leitura, com e para eles do poema “Perguntas de um operário letrado”- Bertold Brecht, pois a professora já havia trabalhado um poema do mesmo autor no dia anterior. Após a leitura, realizada com eles e depois feita por alguns deles, discutimos pontos apresentado no texto que se relacionavam com a realidade vivida. No ato da leitura foram elencadas palavras desconhecidas, as mesmas foram explicadas com o auxílio do dicionário. Na sequência, dividimos os educandos em dois grupos para a produção de um texto acerca das discussões geradas a partir da leitura do texto. O grupo era diversificado, uma vez que os educandos encontram-se em níveis de escrita diferentes. Para o desenvolvimento desta atividade, utilizamos a metodologia de eger um escriba por grupo para escrever todas as ideias discutidas, como propõem (SOARES, 1999, p. 55) “opondo-se as atividades

“controladas” de escrita, as concepções psicogenéticas e psicolinguísticas sobre a aquisição da escrita geraram as atividades de “escrita espontânea”.

Posteriormente ao término da aula, durante 1h e 30min, aproximadamente, nos encontramos com o acompanhante da prática (estágio) que nos acompanhava para uma avaliação da prática, com a perspectiva de avaliarmos os pontos positivos e negativos da regência, para melhor conduzirmos a prática vindoura. A avaliação foi positiva, mas alguns cuidados precisariam ser observados: a) organização do tempo de realização das atividades; b) apresentação antecipada do planejamento para a educadora responsável pela sala.

Na sequência das atividades, e nosso último encontro, iniciamos com a leitura do alfabeto, depois utilizamos um dos textos produzidos pelos educandos, transcrito em papel pardo pelo grupo condutor, para valorizar a escrita espontânea (SOARES, 1999) dos educandos. De posse do texto, realizamos a leitura e a correção coletiva das palavras escritas, atividade esta realizada na lousa e que contou com a participação de todos. Em seguida, ouvimos a letra da música “Cidadão”, de Lúcio Barbosa na voz de Zé Ramalho e fizemos uma pseudo-leitura⁶, estratégia de leitura que toma como ponto de partida um assunto que os educandos dominavam.

Finalizamos a aula com um agradecimento à educadora e aos educandos que nos receberam e compartilharam conosco seus saberes. Para agradecê-los construímos um portfólio com os nomes dos educandos/as, da educadora e do grupo de estagiárias. Logo, após realizamos uma avaliação geral em que os educandos analisaram a nossa participação apontando como positivo a organização da sala, a participação deles na escrita na lousa e da leitura coletiva e, como negativo, os poucos dias que atuamos em sala de aula.

Ao final desta prática, realizamos uma avaliação que reuniu a supervisora de estágio que nos acompanhava e a educadora. Neste momento, foi levantado que a interação do grupo é muito boa e que conseguimos atingir nosso objetivo, ou seja, motivá-los a ler e escrever a partir da própria vivência.

⁶ Pseudo-leitura - Uma falsa leitura, onde o educador passando o dedo pela palavra lê juntamente com o educando algo que ele já conhece, mas não lê.

O que aprendemos com a prática, considerações finais

A OCAP possibilitou que os educandos do curso de Pedagogia da Terra experimentassem a prática de atuação em Educação de Jovens e Adultos que, diferentemente de outros cursos acredita que a formação teórica sem vivência na prática não forma o educador que pretende construir uma educação emancipadora.

Considerando que os índices de analfabetismo ainda são crescentes, sobretudo, no campo, este processo de aprendizagem, na modalidade EJA, é de extrema importância, assim como para a realização do estágio em EJA que seria realizado no tempo comunidade do curso.

Os objetivos da prática que eram relacionar as vivências dos educandos com os processos de alfabetização foram cumpridos, pois esta propiciou a articulação de fundamentos teóricos adquiridos no decorrer do curso e da disciplina de Processos de Alfabetização, apresentada ao longo da semana, com as práticas realizadas com os educandos da EJA.

A metodologia de conduzir a OCAP realizando: planejamento, avaliação e replanejamentos possibilitou um melhor aprendizado acerca da alfabetização, como também o nosso desenvolvimento da escrita. Contribuindo, para a elaboração deste relato e possibilitando aos leitores conhecer esta experiência que poderá contribuir para a formação e prática de outros educadores.

Durante a realização de nossa prática, avaliamos que a modalidade EJA é complexa, já que estes educandos possuem a leitura de mundo (FREIRE, 1999) e fica sob nossa responsabilidade, enquanto educadores, lhes apresentar a leitura da palavra através da leitura que fazem do mundo.

Enfim, com esta prática, analisamos que todas as discussões acerca da EJA são fruto das lutas de movimentos sociais que lutaram e lutam pelo direito a educação, em especial aos jovens e adultos que não tiveram acesso a esse direito na idade oportuna, já que em nossa sociedade capitalista a educação para classe trabalhadora se resume em formar novos trabalhadores passivos para serem explorados (FREITAS, 1995). Contudo a EJA é um espaço de aprendizagem, mas também de trocas de saberes para construção de uma nova sociedade.

Referências

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Ler e escrever: as palavras e o mundo*. IN: BRANDÃO, Carlos Rodrigues [org]. *De Angicos a ausentes: 40 anos de educação popular*. Porto Alegre/RS: MOVA-RS; CORAG, 2001. p. 13-41.

BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB*. Lei nº 9394/1996. Edição atualizada em 2007. Aracaju/SE: SINTESE, 2007.

_____. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. *Parecer CEB 11-10 maio de 2000. Aprova as Diretrizes Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos*. Brasília: Diário oficial da União: Gráfica de Senado Diário Oficial da União: Gráfica do Senado 2000.

DI PIERRO, Maria Clara. *Notas sobre a redefinição da identidade e das políticas públicas da Educação de jovens e adultos no Brasil*. Campinas/SP: Revista Educação e Sociedade. vol. 26, nº 92, p. 1115-1139, Especial-outubro/2005.

FERREIRO, Emilia, TEBEROSKY, Ana. *Psicogênese da língua escrita*. Porto Alegre/RS: Artes Médicas. 1985. Tradução de D. M. Lichtenstein, L. Di Marco, M. Corso.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 12 ed, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREITAS, Luiz C. *Crítica da organização do trabalho pedagógico e da didática*. Campinas/SP: Papirus, 1995.

FREITAS, Marcos C; BICCAS, Maurilane de S. *História Social da educação no Brasil (1926-1996)*. São Paulo/SP: Cortez, 2009.

STEDILE, João Pedro (Org). *A questão agrária no Brasil: o debate na esquerda 1960-1980*. 1ª Ed, São Paulo/SP: Expressão Popular, 2005.

SOARES, Magda Becker. *Aprender a escrever, ensinar a escrever*. IN: ZACCUR, Edwiges (Org.). *A magia da linguagem*. Rio de Janeiro/RJ: DP&A: SEPE, 1999. p. 49-73.

ZANETTI, Maria Aparecida; SCHWENDLER, Sonia Fátima. *Formação de Educadoras e Educadores: O planejamento na alfabetização de jovens e adultos*. Curitiba/PR: Editora Gráfica Popular, 2003.

4. Ensinando e Aprendendo na Educação de Jovens e Adultos

Éverton dos Santos Osório¹

Silvana Mendes de Souza²

Stefani Marques Feliciano³

Descrevemos aqui a prática da Oficina de Capacitação Pedagógica (OCAP), desenvolvida na modalidade da Educação de Jovens e Adultos (EJA), no município de São Carlos, no período de 26 a 30 de julho de 2010. A oficina foi realizada juntamente com a disciplina de Processos de Alfabetização no Curso de Pedagogia da Terra⁴ da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

Este curso é composto por quatro movimentos sociais do campo: Federação da Agricultura Familiar (FAF), Federação dos Empregados Rurais e Assalariados do Estado de São Paulo (FERAESP), Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e Organização de Mulheres Assentadas e Quilombolas do Estado de São Paulo (OMAUESP).

¹ Graduando do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Terra Turma Helenira Resende da Universidade Federal de São Carlos - UFSCar, militante do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) é do assentamento Rodeio, na região do Pontal do Paranapanema - SP

² Graduanda do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Terra Turma Helenira Resende da Universidade Federal de São Carlos - UFSCar, foi indicada pela Federação dos Empregados Rurais e Assalariados do Estado de São Paulo - FERAESP e mora no Assentamento Bela Vista na região de Araraquara - SP.

³ Graduanda do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Terra - Turma Helenira Resende - Universidade Federal de São Carlos - UFSCar, militante da Organização de Mulheres Assentadas e Quilombolas do Estado de São Paulo - OMAUESP e mora no assentamento Reage Brasil, no município de Bebedouro - SP.

⁴ O curso de Pedagogia da Terra é estruturado a partir da pedagogia da alternância que se organiza em Tempo Escola (TE) e Tempo Comunidade (TC). O Tempo Escola é um período de 50 dias em que os educandos ficam alojados na universidade e realizam as disciplinas teóricas e o Tempo Comunidade é um período de aproximadamente 90 dias em que estes fazem atividades curriculares delegadas pelo curso em seu lugar de origem.

A OCAP teve por objetivo capacitar os educadores na relação entre teoria e prática; proporcionar a formação de educadores permitindo reflexões a cerca das problemáticas encontradas na EJA. Para tanto, a turma do curso de Pedagogia da Terra formada por 41 educandos foi dividida em 11 grupos, nossa equipe foi composta por 3 educandos. Todos os grupos foram encaminhados para diferentes estabelecimentos do município realizando a mesma oficina, com o mesmo objetivo.

Nossa atuação ocorreu no Centro Comunitário Astolpho L. do Prado, no bairro Santa Felícia com aproximadamente 30 anos. Atualmente, uma cidade, pois possui várias agências bancárias, igrejas, mercados, lojas comerciais, escolas, entre outros.

Neste bairro, atuamos junto à sala de EJA que é parte do Movimento de Alfabetização (MOVA) na qual estivemos presentes durante os dias 27, 28, 29 e 30 de julho de 2010. Neste período, foram realizadas atividades em sala de aula, tais como: observações, intervenções pedagógicas e a participação no Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo (HTPC), juntamente com os educadores, responsáveis pela turma na qual seria realizada a oficina e com outros educadores que atuam na Educação de Jovens e Adultos do município.

Os 16 educandos que frequentam as aulas na EJA no Centro Comunitário são oriundos de diferentes estados brasileiros e vieram para o Estado de São Paulo, cidade de São Carlos, com a perspectiva de melhorar de vida. No entanto a realidade encontrada, tanto por homens como por mulheres, não respondia às expectativas e, assim, muitos se viram obrigados a trabalhar nas lavouras, no corte de cana, na colheita da laranja, entre outras atividades que não garantiam a melhoria na qualidade de vida.

Cabe ressaltar que a educadora, desta sala, reside no referido bairro. É graduada em biologia e possui o curso de magistério. Leciona na educação infantil em uma escola do município no período da tarde, faz pós-graduação de Curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos (CEEJA) na UFSCar e alfabetiza os adultos.

Assim, a OCAP foi realizada com a finalidade de praticar a alfabetização com os educandos deste lugar e qualificar nossa formação enquanto educadores.

Refletindo sobre a prática educativa na Educação de Jovens Adultos

Até o fim do século XIX, as oportunidades de escolarização eram restritas, acessíveis quase que somente às elites proprietárias e aos homens livres das vilas e cidades, minorias da população. Com o advento do século XX marcado pela difusão da alfabetização no Brasil, na qual no último ano o Conselho Nacional de Educação (CNE) expediu a Resolução CNE/CEB nº 1, de 5 de julho de 2000, a qual ao tomar como referência o parecer CNE/CEB 11/2000 - homologado pelo ministro da educação em 7 de julho de 2000, institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a EJA.

A Resolução CNE/CEB 1/00 apresenta 25 artigos que normalizam, em âmbito nacional, a educação de pessoas jovens e adultas em todas as suas modalidades. A função desse documento é estabelecer diretrizes nacionais que devem, obrigatoriamente, ser observadas na oferta da EJA, nas etapas fundamentais e médias, em instituições que integrem a organização da educação nacional, considerando o caráter próprio desta modalidade de educação.

A alfabetização de Jovens e Adultos adquiriu nova posição na agenda das políticas nacionais com o lançamento em 2003, do Programa Brasil Alfabetizado do governo federal, e a progressiva inclusão da modalidade no Fundo de Financiamento da Educação Básica (FUNDEB) a partir de 2007.

Nos últimos anos, dentro de um cenário de grandes e rápidas transformações econômicas, políticas e sociais, as concepções de educação sofreram impactos significativos. Diante da necessidade de responder às demandas por condições de exercício da cidadania a sociedade e o estado, sensibilizados, vão reconhecendo a urgência de elaborar e programar políticas públicas da juventude dirigida à garantia da pluralidade de seus direitos, dentre eles a educação.

Observa-se que a educação de jovens e adultos tem um passado de exclusão, de modo que foi negado o acesso à escolarização para aqueles jovens e adultos que não tiveram acesso a esta em idade própria, tal como afirma Britto (2003, p. 24):

A educação de adultos não deve ser pensada como um processo de recuperação de algo que tenha sido perdido ou não aprendido no

momento adequado. Tampouco deve seguir os mesmos critérios e referenciais da educação regular de crianças e adolescentes. O adulto não volta para a escola para aprender o que deveria ter aprendido quando criança e não aprendeu. Ele busca a escola para aprender habilidades necessárias para ele no momento atual.

Assim, somente no final dos anos 40 surgem as políticas públicas para EJA, tal qual afirma Di Pierro (2005, p. 1117):

Ao final dos anos 40 do século passado foram implementadas as primeiras políticas públicas nacionais de educação escolar para adultos, que disseminaram pelo território brasileiro campanhas de alfabetização. No início da década de 1960, movimentos de cultura popular, ligados a organizações sociais, a Igreja Católica e os governos desenvolveram experiências de alfabetização de adultos orientadas a conscientizar os participantes de seus direitos, analisarem criticamente a realidade e nela intervir para transformar as estruturas sociais injustas. Diretriz totalmente contrária teve o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL) da década de 1970, conduzido pelo regime militar no sentido de sua legitimação.

Neste período, a escolarização de jovens e adultos ganhou feição na campanha do Mobral que não cumpriu sua promessa de erradicação do analfabetismo e foi substituído pela Fundação Educar. No entanto, esta foi extinta em 1990 e a alfabetização de jovens e adultos foi descentralizada para os municípios e organizações sociais que atuaram em parcerias com programas como Alfabetização Solidária ou Movimentos de Alfabetização (MOVA).

O MOVA foi criado em São Paulo quando Paulo Freire, então secretário de educação do município, ajudou a implementar o programa aproveitando as parcerias entre governo municipal e organizações comunitárias, tal modelo foi expandido para outros municípios e estados. Assim, pode-se constatar que a escolarização de jovens e adultos sempre foi compartilhada por órgãos públicos e organizações.

Dentro deste contexto cabe lembrar que OCAP foi realizada no Centro Comunitário Astolpho L. do Prado, o no bairro Santa Felícia, no qual é desenvolvido o MOVA, que tem como meta estabelecer algumas

aprendizagens mínimas que os educandos devem desenvolver em relação à leitura, linguagem oral e a escrita.

Assim, as atividades desta oficina foram planejadas de maneira a não reproduzir o processo de alfabetização que vivenciamos, no qual o método de ensino utilizado, até então, valorizava a memorização das letras e das sílabas. Fato que nos remete a pensar que hoje a alfabetização oferecida às crianças e adultos não é diferente desta antiga prática - a memorização. Portanto, não devemos esperar que apenas repitam mecanicamente um conjunto limitado de textos ou sigam o modelo de exercícios de memorização e recitação, apresentado nas diversas cartilhas. O processo de alfabetização centrado em textos artificiais como “Ivo viu a uva”; “Caco Comeu a coco”; “A baba e o bebe”, são textos que não trazem benefícios aos educandos. Ao contrário, sempre dificultam a aprendizagem.

É preciso ressaltar que, ainda hoje, o tratamento de adultos em processo de alfabetização é infantilizado, ou seja, são entendidos como crianças nas salas de alfabetização. Mas, se o objetivo é formar pessoas capazes de usar a escrita e a leitura para diversos fins, então, é necessário que os educandos tenham contato com textos e práticas que os remetam à sua realidade, dando início ao processo de aprendizagem e, também, sejam considerados como adultos que possuem características e vivências próprias que não devem ser desconsideradas pelo educador. Aprender a ler e a escrever é entender e aprender a língua falada, como afirma Brandão (2001, p. 26):

Em um nível mais elaborado, em uma dimensão mais funcional de aprendizagem, quem aprende a ler-e-a-escrever é levado a desvendar alguns segredos de sua língua situados mais afundo do que a mera equivalência entre categorias decimais, de signos e de símbolos. Não apenas se aprende a ler e a escrever: *O livro azul é de Luiz*. Ao contrario, aos poucos se vai descobrindo que para essas seis figuras – com – letras- e- acentos façam sentidos, uma indica ação ou uma identidade que é um verbo; a outra numa pessoa, um sujeito, um predicado; a outra um objeto e a outra, ainda, um qualificador do objeto pertencente ao sujeito. E uma é um artigo definido e a outra uma conjunção.

Entretanto, o educador deve englobar o conceito referente às concepções de letramento que conforme ressalta Soares (1999, p. 52):

As contribuições das ciências linguísticas, particularmente da psicolinguística, “transformaram” o conceito de sujeito aprendiz da escrita – não mais um sujeito que aprende a escrever por imitação, por repetição, por associação, copiando e reproduzindo letras, sílabas, palavras, frases, mas um sujeito que aprende atuando “com” e “sobre” a língua escrita, buscando compreender o sistema, levantando hipóteses sobre ele, com base na suposição de regularidade nele, submetendo à prova essas hipóteses e supostas regularidades.

Assim, os educandos não deixarão de aprender como funciona o sistema da representação alfabética, a importância das sílabas, fonemas, palavras e outras, no processo de alfabetização. Além disso, terão contato com diversos tipos de textos e apropriação destes para desenvolver as habilidades de leitura e de escrita de maneira autônoma ao longo de suas vidas.

Diante deste contexto, a OCAP, uma prática pedagógica objetiva levar aos educandos momentos de alfabetização da escrita e da leitura e contribuir para a nossa formação enquanto educadores. Considerando que os educandos já possuem conhecimentos, pontos de vista, habilidades, crenças e valores, tal como descreve Freire (1986, p. 21):

Enquanto ato de conhecimento e ato criador o processo de alfabetização tem no alfabetizando, o seu sujeito. O fato de ele necessitar da ajuda do educador, como ocorre em qualquer relação pedagógica, não significa dever a ajuda de o educador anular a sua criatividade e responsabilidade na construção de sua linguagem escrita e na leitura desta linguagem.

De modo que cabe ao educador tomar estes conhecimentos como ponto de partida ao seu trabalho nas salas de aula.

A oficina de capacitação pedagógica e a prática

No dia 27 de julho de 2010, iniciamos a OCAP. Durante o período matutino, em sala de aula na universidade e sob a orientação do

Professor Marcos que explicou questões como: a organização da turma; a divisão dos grupos; os locais em que cada grupo iria realizar a oficina; a avaliação no dia posterior de cada prática; o tempo destinado para as oficinas e as aulas que iria ministrar; a participação do HTPC dos educadores da EJA. Após, o professor deu sequência à aula da disciplina de Processos de Alfabetização.

No período da tarde, recebemos a visita das coordenadoras da EJA e da Secretaria Municipal de Educação da cidade que vieram expor, para a turma, as práticas desta modalidade de ensino, bem como o funcionamento do movimento - MOVA.

Ao término da exposição, a turma foi dispensada às 16h para organização pessoal, tendo em vista que teríamos que utilizar o transporte escolar para nos deslocarmos até os locais em que aconteceriam as aulas - 19h às 21h30min -, retornando para a universidade às 23h. Tempo suficiente para avaliar, trocarmos ideias e curiosidades. Vale destacar que tínhamos um coordenador para cada grupo de educandos, que auxiliou na construção dos planejamentos e acompanhou nossas atividades nas salas de EJA, sendo possível realizarmos uma avaliação em conjunto sobre o dia e a prática.

O primeiro dia foi dedicado à observação do bairro, do ambiente escolar e dos educandos com o intuito de planejarmos a intervenção para o dia seguinte. Assim foi possível identificar que o bairro, apesar de grande possuía aspecto periférico, havia uma lanchonete e um bar em cada esquina. O Centro Comunitário é constituído por quatro salas, corredor e banheiros. Na sala de aula, havia um alfabeto ilustrado, painéis de datas comemorativas, armários e uma mesa grande com várias cadeiras que comportava todos os educandos e esta localizada no centro da sala.

Posteriormente à chegada dos educandos, a educadora responsável pela turma solicitou que todos se apresentassem. Ela tomou a iniciativa e fez uma breve fala a seu respeito, após nos apresentou e passou a vez para a turma. Neste momento, os educandos relataram a sua história de vida. Feito isso, a educadora deu início à sua aula, no decorrer desta observamos a necessidade que os educandos tinham em apropriar-se da escrita e da leitura. Identificamos que dos 16 educandos apenas 3

estavam na fase silábica, 2 na pré-silábica e os demais não reconheciam as letras.

Já no segundo dia da prática (28/07), na universidade, houve a socialização a respeito da vivência em cada uma das turmas. Na ocasião levantamos dúvidas, descrevemos as turmas, trocamos experiências e curiosidades que ocorreram nesta primeira noite de trabalho. Na sequência seguimos os estudos sobre alfabetização e realizamos a construção do planejamento da prática a ser realizada à noite.

Um dos fatos que nos permitiu pensar a aula foi que os educandos, desta sala, contaram a sua trajetória enquanto trabalhadores, apontando os motivos pelos quais não conseguiram frequentar a escola, pois precisavam trabalhar nas fábricas, na colheita de laranja, café, cana de açúcar entre outros.

As atividades de alfabetização aconteceram com o auxílio da letra da música “Cidadão”, do autor Gil de Lucena. No primeiro momento, a letra e a música foram ouvidas pelos educandos, logo após realizamos a leitura da letra que estava em uma folha impressa, para cada um dos educandos, com caracteres grandes. A leitura foi realizada com aqueles que já a dominavam, enquanto os outros ficavam ouvindo a leitura e acompanhando com o auxílio dos educadores.

Logo após a leitura foi solicitado aos educandos que destacassem as palavras relacionadas ao tema, sempre com o auxílio dos educadores. Assim os educandos circularam as palavras e na sequência as transcreveram para seus cadernos. Em seguida, expomos um cartaz com figuras de diferentes profissões perguntando se eles identificavam as mesmas. Com isso solicitamos para que escrevessem nos cadernos as profissões que cada figura representava.

Um fato que merece ser destacado é que tanto os educadores auxiliavam os alfabetizando na escrita, quanto os próprios educandos que já haviam se apropriado da escrita contribuíam com os demais.

No terceiro dia, na universidade, a partir da socialização das vivências realizamos o replanejamento das atividades, porque havíamos planejado poucas atividades. Confeccionamos o alfabeto móvel para cada educando e recortamos algumas figuras que seriam utilizadas na dinâmica de encerramento.

Neste sentido, utilizamos uma palavra geradora retirada da letra da música para trabalhar a decodificação utilizando o alfabeto móvel, tendo em vista que os educandos pudessem perceber as diferentes posições que as letras ocupam, experimentando as trocas, como também descobrindo as várias posições das letras dentro do sistema da escrita. Portanto, formaram novas palavras a partir da proposta inicial e, na sequência, escreveram em seus respectivos cadernos.

Para finalizar as atividades da oficina, propomos uma dinâmica que consistia na distribuição de figuras relacionadas ao tema trabalho, em que cada educando recebeu uma figura. Foi iniciado uma história a partir da figura que a educadora possuía em mãos e os demais educadores e educandos tinham que dar continuidade e sentido à história a partir da figura que haviam recebido.

O nosso intuito com esta atividade era proporcionar momentos de descontração utilizando o tema abordado durante as aulas. Esta dinâmica foi uma das formas de encerramento das aulas, pois além desta, houve agradecimentos tanto por parte dos educadores como dos educandos.

No dia seguinte, foi feita a socialização dos limites e possibilidades de atuar na Educação de Jovens e Adultos, através dos relatos das experiências vivenciadas pela turma durante Oficina de Capacitação Pedagógica, feito isso, retornamos aos grupos para a sistematização e elaboração deste relato.

Cabe destacar que no último dia, no período da noite, toda a turma do curso foi participar do HTPC dos educadores de EJA do município, em que foram realizados os agradecimentos aos educadores, educandos do curso e coordenação.

Dessa maneira, consideramos que a Oficina de Capacitação Pedagógica possibilitou a troca de aprendizagem, pelo fato dos educandos morarem na cidade trouxeram elementos ricos da suas vivências o que contribui para a elaboração do planejamento das atividades e para nossa formação enquanto educadores do campo.

Cabe ressaltar, ainda, que muitas das limitações dos educadores que atuam nas várias modalidades de ensino ocorre pelo fato destes não possuírem formação específica e continuada, limitando, assim, sua prática pedagógica e docente.

Assim, esta oficina trouxe diversas contribuições para a nossa formação enquanto educadores pois proporcionou perceber a ligação da teoria com a prática, e tivemos a oportunidade de experimentar conceitos e conteúdos estudados durante a disciplina, ou seja, ao mesmo tempo nas salas de EJA do município de São Carlos.

Cabe lembrar que a experiência da Oficina de Capacitação Pedagógica - OCAP dos movimentos sociais, pode ser utilizada em cursos de formação de educadores pois visa à formação para atuar nas diferentes modalidades de ensino, seja no campo ou na cidade, permitindo reflexões acerca das problemáticas encontradas no âmbito educacional.

Referências

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Ler e escrever: as palavras e o mundo*. IN: BRANDÃO, Carlos Rodrigues [org]. *De Angicos a ausentes: 40 anos de educação popular*. Porto Alegre/RS: MOVA-RS; CORAG, 2001. p. 13-41.

BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases – LDB, lei 9394-96*. Brasília, 1996.

_____. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. *Parecer CEB 11-10 maio de 2000. Aprova as Diretrizes Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos*. Brasília/DF: Diário oficial da União: Gráfica de Senado Diário Oficial da União: Gráfica do Senado 2000.

BRITTO, Luis Percival Leme, 1957. *Contra o consenso: cultura escrita, educação e participação*. Campinas/SP: Mercado de letras, 2003.

DI PIERRO, Maria Clara. *Notas sobre a redefinição da identidade e das políticas públicas de educação de jovens e adultos no Brasil*. Campinas/SP: Revista Educação e Sociedade, vol. 26 n. 92, out. 2005, p. 1115-1139.

SOARES, Magda Becker. *Aprender a escrever, ensinar a escrever*. IN: ZACCUR, Edwiges (Org.). *A magia da linguagem*. Rio de Janeiro/RJ: DP&A: SEPE, 1999. p. 49-73.

5. Os processos de alfabetização dos alfabetizadores: entre marcas limitadas e desafios das práticas de alfabetização

Amanda Cristina Lino¹
Ana Carolina Hepe Teixeira²
Jeniffer Aparecida Martins³
Rosalina P. Lima⁴

“... minha presença no mundo não
É a de quem a ele se adapta, mas a de quem nele se insere.
É a posição de quem luta para não ser apenas objeto,
mas sujeito também da História”.
Paulo Freire

Este artigo é resultado da Oficina de Capacitação Pedagógica (OCAP) ofertada pelo curso de Pedagogia da Terra da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), na modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA), no período de 26 à 30 de julho de 2010.

-
- ¹ Graduanda em Pedagogia da Terra – Turma Helenira Resende da Universidade Federal de São Carlos - UFSCar. Militante do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST, e moradora do Assentamento Horto Bela Vista no Distrito de Iperó-SP
 - ² Graduanda em Pedagogia da Terra – Turma Helenira Resende da Universidade Federal de São Carlos - UFSCar. Indicada pela Federação dos Empregados Rurais e Assalariados do Estado de São Paulo – FERAESP, e representante do Assentamento Comunidade Agrária 21 de Dezembro, no município de Descalvado - SP
 - ³ Graduanda em Pedagogia da Terra – Turma Helenira Resende da Universidade Federal de São Carlos - UFSCar. Militante da Organização de Mulheres Assentadas e Quilombolas do Estado de São Paulo, e moradora do Assentamento Formiga, no município de Colômbia - SP
 - ⁴ Graduanda em Pedagogia da Terra – Turma Helenira Resende da Universidade Federal de São Carlos - UFSCar. Militante do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST, e moradora do Assentamento Agrovila I Bairro 13 de Maio, no município de Itapeva - SP

A referida oficina é uma forma característica dos Movimentos Sociais⁵, realizada nos cursos de Pedagogia da Terra e auxiliam a promover a formação de educadores/as, possibilitando observar e vivenciar a inter-relação entre as disciplinas aprendidas em sala de aula – a teoria – com a prática educativa realizada na escola e, neste caso específico, nas salas de EJA.

Além disso, a oficina possibilitou a aproximação entre educandos e educandas do curso, uma vez que envolveu a todos e todas. Dentre os objetivos da oficina, podemos destacar a observação e a reunião de elementos para a realização do estágio da 6ª etapa do Tempo Comunidade⁶, para a formação geral dos pedagogos e pedagogas da turma Helenira Resende. Para tanto, a turma composta de 41 educandos e educandas foi organizada em 11 grupos de trabalho para atuarem, em parceria, com o educador/educadora que leciona no Movimento de Alfabetização - MOVA⁷.

A experiência se desenvolveu no bairro Cidade Aracy, no município de São Carlos. Localidade esta, que antes de receber o *status* de bairro, era uma fazenda produtora de eucalipto, em que os/as moradores/as mais antigos/as, dentre eles/as educandos/as do MOVA, se reconhecem como trabalhadores/as do campo. O bairro é hoje um dos maiores da cidade com, aproximadamente, 40.000 habitantes. O processo de desenvolvimento e urbanização deste bairro é recente (15 anos) e, neste

⁵ Federação da Agricultura Familiar (FAF), FERAESP, MST e OMAQUESP.

⁶ Os cursos realizados pelos movimentos sociais, se organizam através da metodologia da pedagogia da Alternância, em que os educandos passam parte de sua formação no Tempo Escola, ou seja na Universidade se apropriando da teoria, e o outro Tempo denominado Tempo Comunidade, em que os educandos desenvolvem práticas educativas e de estágio em suas realidades, dando continuidade aos estudos vinculando-os com a prática e realizando reflexões sobre esta.

⁷ O MOVA surgiu em 1989, durante a gestão de Paulo Freire na Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, com uma proposta que reunia Estado e organizações da Sociedade Civil para combater o analfabetismo, oferecendo o acesso à educação de forma adaptada às necessidades e condições dos alunos jovens e adultos. Atualmente é um programa de alfabetização permanente que funciona a partir de convênios entre a prefeitura e entidades assistenciais, sociedades e associações.

contexto, se verifica a existência de uma demanda considerável de alfabetização e escolarização dos/as moradores/as.

Na sequência, abordaremos as reflexões feitas sobre a OCAP e as teorias que fundamentam o diálogo sobre a EJA e em relação ao aprender e ensinar deste texto.

Caminhando em busca do aprender e ensinar: diálogos e perspectivas

Durante a realização da oficina, com o objetivo de valorizar a prática na formação dos/as educadores/as, foram organizados dois momentos de estudos acerca das concepções e metodológicas de alfabetização, da elaboração de planejamento, do replanejamento e de avaliação do trabalho.

Esta organização possibilitou compreender a importância e a necessidade de se planejar, de replanejar, demonstrando que o planejamento é de suma importância para o fazer pedagógico e os planos de aulas construídos a partir de então e por nós propostos objetivavam: conhecer o processo de ensino e aprendizagem entre educador e educando; conhecer a realidade dos mesmos; fazer uma caracterização do espaço; diagnosticar os níveis de aprendizagem; dialogar sobre a variedade linguística; apresentar a nossa realidade aos educandos, enquanto assentados da reforma agrária. Em vista disso, desenvolvemos com os/as educandos/as a decodificação das palavras ACAMPAMENTO e ASSENTAMENTO para, assim, conhecer a existência de famílias silábicas e compreender a lógica de construção da escrita das palavras.

É importante ressaltarmos que este artigo é fundamentado nas discussões de Paulo Freire, mais especificamente na concepção de alfabetização, escolhida em decorrência da natureza do público e, por acreditarmos que a referida concepção rompe com a visão mecanicista e copista de alfabetização, contribuindo no desenvolvimento da consciência, na formação de um sujeito crítico em que os processos de alfabetização vinculam-se com a vida.

Nosso público foi constituído de trabalhadores e trabalhadoras que não puderam ou foram impedidos de estudar em idade própria por diferentes motivos: sobrevivência, dificuldade de acesso, machismo,

dentre outros. Quantas mulheres foram proibidas de frequentar a escola, porque seus pais tinham medo elas trocassem cartas com possíveis namorados? Quantas mulheres que não puderam se dedicar ao estudo por causa do casamento? Quantas delas não puderam se dedicar ao estudo pela falta de condições materiais dignas de sobrevivência? São indagações pertinentes e que se tornam verdadeiras quando são reconhecidas nas falas de mulheres educandas da EJA

Eu não estudei quando criança, porque o pai não deixava com medo que eu escrevesse cartas para o namorado. A gente só trabalhava, trabalhava, de dia até a noite, e no fim das contas levava coro! Aqueles pais bravos, antigo, sabe? (Educanda da EJA, Diário de campo, 27/07/2010).

A esse respeito Di Pierro pontua que

A alfabetização, concebida como o conhecimento básico, necessário a todos no mundo em transformação [...], é um direito humano fundamental. Em toda a sociedade, a alfabetização é uma habilidade primordial em si mesma e um dos pilares para o desenvolvimento de outras habilidades. Existem milhões de pessoas – a maioria mulheres – que não têm a oportunidade de aprender nem mesmo o acesso a esse direito (DI PIERRO, 2008, p. 88).

Nesta perspectiva, podemos destacar que a EJA, no Brasil, esteve historicamente associada ao público desfavorecido que, em sua idade própria, não puderam se dedicar aos estudos pelos motivos já mencionados. O alto índice de analfabetos entre a população adulta e idosa é o reflexo de uma história marcada por 500 anos de exploração perpassando pela Colônia de Portugal e, atualmente, em seu processo de ascensão neoliberal. Sendo assim,

O desafio é oferecer-lhes esse direito [alfabetização]. Isso implica criar pré-condições para a efetiva educação por meio da conscientização e do fortalecimento do indivíduo. A alfabetização tem também o papel de promover a participação em atividades sociais, econômicas, políticas e culturais, além de ser requisito básico para a educação continuada durante toda a vida. (DI PIERRO, 2008, p. 88).

Portanto, cabe à EJA proporcionar o acesso e ensinar códigos linguísticos; a prática da leitura e da escrita; o acesso à cultura; promover a participação em atividades econômicas, políticas e sociais e, também, romper com a consciência ingênua visando o alcance da consciência crítica dos trabalhadores e trabalhadoras de sua condição e dos problemas de sua comunidade.

Por acreditar que a organização do trabalho de alfabetização na perspectiva freireana é eficaz no sentido do cumprimento dos objetivos traçados no planejamento deste processo, visando uma prática que vá além da aprendizagem e das técnicas da alfabetização apenas, acreditando que a leitura do mundo precede a leitura da palavra, sendo a palavra um elemento presente na cultura, na vida do ser humano, e esta deve ser apreendida para traduzir os movimentos da vida, e não o processo inverso, em que a vida é condicionada pelas palavras e pela ideologia (FREIRE, 1996).

Para estes objetivos, laçamos mão de metodologias que pudessem auxiliar em nossa prática, neste sentido a metodologia⁸ de Paulo Freire foi de fundamental importância pois:

... a alfabetização é algo muito sério, não só sério, mas profundo, político, muito mais do que um puro exercício linguístico do comando da linguagem. E precisamente porque é comando de linguagem é mais do que fonemas, é mais do que sons. É história mesmo. É vida. É desvelamento da ideologia que está contida na própria linguagem, no próprio discurso (FREIRE apud ZANETTI; SCHWENDLER, 2003, p. 25)

As marcas da prática: aprender ensinando e ensinar aprendendo

A realização de nossa oficina foi dividida em dois momentos, o saber: observação e contato com a prática com o intuito de conhecer os/as educandos/as e a educadora, responsável pela turma, fazendo uma possível interação com os/as mesmos/as, para compreender um

⁸ Nas palavras de Barreto, “Paulo Freire considerou mais correto dizer que criou uma metodologia de alfabetização, pois a palavra metodologia comportava a escolha de diferentes caminhos para se chegar ao conhecimento, diferentemente dos 'métodos'.” (sem referência)

pouco da realidade em que estão inseridos/as. Para tanto, optamos por nos dividir de forma que cada integrante ficasse responsável por desenvolver uma tarefa: a) entrevistar a educadora; b) caracterizar o espaço; c) identificar dos níveis de aprendizado dos/as educandos/as; d) observar metodologia utilizada pela educadora; e) dialogar com os/as educandos/as. Pois como afirmam Zanetti e Schwendler (2003, p.17):

O educador e educando são sujeitos do processo educativo e neste, o educador aprende ao ensinar e o educando ensina ao aprender. Isto requer uma autêntica relação dialógica, que se constrói a partir de um profundo respeito ao ser, saber e pensar do outro.

Essa relação entre educador/a e educando/a, possibilitou trocas de aprendizagens, nas quais, percebemos a importância da postura do/a educador/a, atento e interessado em conhecer o/a educando/a, de voltar o olhar para a vida, evidenciando os conhecimentos prévios adquiridos em suas experiências, pois estes podem ser matérias-primas no trabalho pedagógico.

A turma é constituída, oficialmente, por 18 educandos/as matriculados/as, entretanto, somente dez (quatro homens e seis mulheres) são frequentadores assíduos. De acordo com os dados levantados, durante nossos diálogos, identificamos que os/as educandos/as vem de diferentes regiões, de diferentes Estados (BA, MG, PR, SE) e da cidade de São Carlos, além disso, foi possível identificar um ponto em comum entre eles/as: a história de vida enraizada no campo.

A turma está alojada em um salão cedido pela Igreja Batista do Avivamento, a sala de aula é adaptada, possui carteiras, lousa, cadeiras e mesa para a educadora, porém por ser um salão amplo e situado em uma esquina o barulho ambiente interfere consideravelmente no desenvolver das atividades.

O segundo momento foi destinado ao contato com a prática, para tanto foi necessário realizar o planejamento da aula para a sua construção recebemos: apoio, durante os dois dias, de integrantes da equipe de acompanhamento da Ocap, o que nos proporcionou maior segurança no desenvolvimento de nossa prática.

A partir das nossas anotações e observações, resultado do dia anterior, nos reunimos para a produção do plano de aula. No qual, tínhamos como objetivo dialogar sobre a variedade linguística. Para isso, confeccionamos, em um papel pardo, com letras bastão para facilitar a leitura/visualização dos/as educandos/as, um cartaz com a letra da música “ABC do Sertão”, de Luiz Gonzaga. Vejamos:

Lá no meu sertão pros caboclo lê
Têm que aprender um outro ABC
 O jota é ji, o éle é lê
 O ésse é si, mas o érre
 Tem nome de rê
 O jota é ji, o éle é lê
 O ésse é si, mas o érre
 Tem nome de rê
Até o ypsilon lá é pissilone
 O eme é mê, O ene é nê
O efe é fê, o gê chama-se guê
Na escola é engraçado ouvir-se tanto "ê"
 A, bê, cê, dê,
 Fê, guê, lê, mê,
 Nê, pê, quê, rê,
 Tê, vê e zê

Lá no meu sertão pros caboclo lê
Têm que aprender outro ABC
 O jota é ji, o éle é lê
 O ésse é si, mas o érre
 Tem nome de rê
 O jota é ji, o éle é lê
 O ésse é si, mas o érre
 Tem nome de rê
Até o ypsilon lá é pissilone
 O eme é mê, O ene é nê
O efe é fê, o gê chama-se guê
Na escola é engraçado ouvir-se tanto "ê"
 A, bê, cê, dê,
 Fê, guê, lê, mê,
 Nê, pê, quê, rê,
 Tê, vê e zê

A, bê, cê, dê,
Fê, guê, lê, mê,
Nê, pê, quê, rê,
Tê, vê e zê

Atenção que eu vou ensinar o ABC

A, bê, cê, dê, e
Fê, guê, agâ, i, ji,
ka, lê, mê, nê, o,
pê, quê, rê, ci
Tê, u, vê, xis, pissilone e zê

No início da aula, realizamos uma apresentação oral das atividades a serem realizadas, com a intenção de informar aos/as educandos/as o andamento das atividades. Feito isso e com a exposição do cartaz, lemos e cantamos a letra da música 2 vezes. Desta leitura, extraímos algumas palavras significativas do texto, junto com os/as educandos/as, estabelecendo, assim, o diálogo a respeito da variedade linguística e diferenças culturais existentes no Brasil. Neste momento, os/as educandos/as associaram a letra da música a exemplos concretos em suas vidas.

Após o diálogo, trabalhamos com as palavras destacadas pelos/as educandos/as, para isso nos valem do alfabeto móvel. Neste momento, uma das educandas-educadora participou como mediadora no processo de construção de uma lista de palavras que foi escrita na lousa, enquanto as outras 3 educandas-educadoras se dividiram para acompanhar, individualmente, cada educando/a no processo de montagem das palavras, já que os mesmos precisavam de ajuda por encontrarem-se no início do processo de alfabetização. Assim, buscando colocar em prática as metodologias apreendidas durante a disciplina Processos de Alfabetização, fomos aprendendo a relacionar o aprendido com a difícil e curiosa tarefa de alfabetizar.

Dentre os recursos utilizados – alfabeto móvel e lousa – cabe destacar a utilização desta última, já que foi uma solicitação da educadora da turma, tendo em vista que os/as educandos/as necessitam de prática para se sentirem estudantes, além disso, eles/as não estavam habituados a trabalhar com o alfabeto móvel, portanto, havia a necessidade de copiar em seu caderno e, por isso os/as educandos/as construíram as palavras com este recurso. Ainda no final das

atividades, realizamos a avaliação coletiva e agradecemos a oportunidade pela troca de saberes daquele momento e o convite para que fizéssemos um novo encontro no dia seguinte.

No último dia de trabalho, compreendemos a importância do planejamento para o bom desenvolvimento das atividades, pois avaliamos que, considerando ao dia anterior, atingimos nossos objetivos e as atividades estabelecidas. Para que nossa prática fosse possível, participamos de momentos de replanejamento e produção das letras das palavras ACAMPAMENTO e ASSENTAMENTO, que nos apoiaria no decorrer da regência.

Iniciamos a aula com a leitura da poesia acima apresentada, construída por um assentado e estudante da EJA de outro município, do livro intitulado “Histórias de vida”, que contribuiu para a compreensão do que é ser assentado. Com as letras das palavras mencionadas foram criadas, pelos/as educandos/as, novas palavras.

O encerramento das atividades, foi marcado pela entrega do livro “Cantares da Educação do Campo”, que contém as letras das músicas produzidas pelo MST para os/as educandos/as. A educadora da turma, foi presenteada com 2 livros, o de poesias, que trabalhamos com os/as educandos/as e um de fotografias dos assentamentos, de Douglas Mansur, intitulado “Orgulho de ser Assentado”.

Após todo o trabalho de reflexão, identificamos que um dos grandes limites vivenciados no campo da alfabetização tem sido o processo de elaboração do planejamento, reflexão, avaliação e estudo coletivo. Em vista disso, questiona-se: Mas como aplicar a interdisciplinaridade sem uma perspectiva de trabalho coletivo? Como trabalhar envolvendo as várias dimensões dos conhecimentos e saberes, envolvendo educadores/as de diversas áreas? Como elaborar um planejamento coletivamente? Como conduzir uma aula coletivamente? Como elaborar um material didático coletivamente?

Estas perguntas se materializam, em nossa realidade, como desafios da prática pedagógica na EJA, pois se convencionou historicamente, diante do descaso que se tem com esta modalidade, de que para a alfabetização dos trabalhadores e trabalhadoras bastava um/a educador/a que ensinasse a ler e a escrever em um espaço com uma lousa e giz.

Contraopondo esta realidade, Zanetti e Schwendler (2003) e Freire afirmam que ensinar não é transferir conhecimentos, mas sim possibilitar momentos de criação e construção do conhecimento, pois, é “...na troca de saberes entre educandos e educadores e na reflexão e ação sobre a realidade em que vivem, que o conhecimento é construído” (p.15)

Portanto, destacamos que além da importância do aprendizado da leitura e escrita, a educação é, também, um ato político. Os saberes adquiridos no decorrer da vida dos educandos estão presentes nos processos de aprendizagens de valorização e de elevação destes, faz a diferença dentro deste contexto.

Amarrações a cerca do debate

Considera-se que o posicionamento de Paulo Freire em relação à aprendizagem, instigou esse coletivo à uma reflexão acerca de uma concepção de EJA que, nesta experiência, esteve viva. Observamos que a EJA pode ser uma prática educativa de inserção na sociedade como ela está organizada, ou seja, voltada aos interesses do mercado e manutenção do *status quo*, ou como uma prática libertadora que rompa com o papel que lhes é designado: o de objeto descartável. Neste sentido, a contribuição dessa concepção de EJA, enfatiza que o/a educando/a possa, conscientemente, ser o sujeito de sua própria História e de seu próprio saber.

Desta maneira, avaliamos que todo o planejamento e trabalho pedagógico deve ser coletivo, portanto, um ato político. Nesta experiência foram envolvidas diversas esferas, ou seja, os/as alfabetizando/as, educadores/as da EJA, educadores/as em formação, a Universidade, os Movimentos Sociais, a Secretaria Municipal de Educação, a divisão de EJA, os projetos de articulação municipal e nacional, sendo assim, a experiência foi um ato coletivo o que demonstra na prática que todo ato político é, também, coletivo.

Esta experiência contribuiu com nossa formação como futuras educadoras, possibilitando vivenciar concretamente a prática do processo de alfabetização nesta modalidade e, ainda, que nós educadoras em formação pudéssemos olhar nossos limites e os desafios que se põem na atualidade, se apropriando dos diferentes saberes e

fundamentos teóricos apreendidos nas salas de aula, buscando, com isso, fazermos a práxis educadora nas intervenções pedagógicas.

Referências

BARRETO, Vera Lúcia Queiroga. *Paulo Freire e a Alfabetização*. Alfabetização: coordenação de alfabetização de jovens e adultos e idosos. (s/ referência).

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Ler e escrever: as palavras e o mundo*. IN: BRANDÃO, Carlos Rodrigues [org]. *De Angicos a ausentes: 40 anos de educação popular*. Porto Alegre/RS: MOVA-RS; CORAG, 2001. p. 13-41.

BRITTO, Luiz Percival Leme. *Educação de adultos trabalhadores na sociedade industrial*. Cap.11. IN: BRITTO, Luiz Percival Leme. *Contra o Consenso: cultura escrita, educação e participação*. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2003.

DI PIERRO, Maria Clara. *Notas sobre a redefinição da identidade e das políticas públicas da Educação de jovens e adultos no Brasil*. Campinas/SP: Revista Educação e Sociedade. vol. 26, nº 92, p. 1115-1139, Especial-outubro/2005. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 27/07/2010

DI PIERRO, Maria Clara. *Alfabetização de jovens e adultos no Brasil: lições da prática*. Brasília/DF: UNESCO, 2008.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo/SP: Paz e Terra, 1996.

ZANETTI, Maria Aparecida; SCHWENDLER, Sonia Fátima. *Formação de Educadoras e Educadores: O planejamento na alfabetização de jovens e adultos*. Curitiba/PR: Editora Gráfica Popular, 2003.

6. Os Desafios na Educação de Jovens e Adultos

Cristiano Rosa¹

Noemi Jesus²

Sinara Durante³

Sirleidina Mussopapo.⁴

O presente artigo é resultado da disciplina Processos de Alfabetização ministrada pelo educador Marcos Gehrke no curso de Pedagogia da Terra ofertado na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Participam do curso quatro movimentos sociais: Federação da Agricultura Familiar (FAF), Federação dos Empregados Rurais e Assalariados do Estado de São Paulo (FERAESP), Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e Organização de Mulheres Assentadas e Quilombolas do Estado de São Paulo (OMAUESP).

O curso de Pedagogia da Terra é estruturado a partir da pedagogia da alternância que se organiza em Tempo Escola (TE) e Tempo Comunidade (TC). O Tempo Escola é vivenciado em um período de 50 dias, em que os educandos ficam alojados na universidade e participam

¹ Graduando do Curso Especial de Licenciatura Plena em Pedagogia da Terra, turma Helenira Rezende da Universidade Federal de São Carlos - UFSCar, indicado pela Federação dos Empregados Rurais Assalariados do Estado de São Paulo, residente no Assentamento Santa Helena - São Carlos-SP

² Graduanda do Curso Especial de Licenciatura Plena em Pedagogia da Terra, turma Helenira Rezende da Universidade Federal de São Carlos - UFSCar, indicada pela Federação da Agricultura Familiar do Estado de São Paulo, residente no Assentamento Monte Alegre III-Araraquara-SP

³ Graduanda do Curso Especial de Licenciatura Plena em Pedagogia da Terra, turma Helenira Rezende da Universidade Federal de São Carlos - UFSCar, indicada pela Organização de Mulheres Assentadas e Quilombolas Federação do Estado de São Paulo, residente no Assentamento Horto Vergel - Mogi Morim-SP

⁴ Graduanda do Curso Especial de Licenciatura Plena em Pedagogia da Terra, turma Helenira Rezende da Universidade Federal de São Carlos - UFSCar, indicada pela Organização de Mulheres Assentadas e Quilombolas do Estado de São Paulo, residente no Assentamento Reage Brasil - Bebedouro-SP.

das disciplinas teóricas; já, o Tempo Comunidade é mais extenso, aproximadamente, 90 dias em os educandos devem realizar as atividades curriculares, oriundas do curso, em seu lugar de origem.

Este texto tem como enfoque a prática desenvolvida na Oficina de Capacitação Pedagógica (OCAP), prática comum nos Movimentos Sociais, nos cursos de formação de educadores, cujo intuito é a preparação para a inserção nas várias modalidades de ensino. Tendo em vista que os Movimentos Sociais possuem a concepção de que a prática teórica, por si só, não é suficiente para a preparação do educador, entendendo que a vivência da realidade é uma necessidade.

O trabalho foi realizado no município de São Carlos, interior do Estado de São Paulo, nos dias 27, 28, 29 e 30 de julho de 2010, este município, segundo dados da Secretaria Municipal de Educação, apresenta uma porcentagem de 5,6% da população analfabeta, ou que não concluíram o Ensino Fundamental Fase I (1º a 4º série).

A Ocap foi desenvolvida na modalidade de ensino Educação de Jovens e Adultos (EJA), tendo em vista que a IV Etapa – primeira Ocap – ocorreu no segundo semestre de 2009, com enfoque nas modalidades de Educação Infantil e Ensino Fundamental, na escola do campo Prof. Hermínio Pagóotto, situada no Assentamento Bela Vista do Chibarro, município de Araraquara, interrompida devido ao surto da gripe Influenza I H1N1, popularmente conhecida como “Gripe Suína”.

A segunda oficina foi desenvolvida no Centro Municipal de Educação Infantil (CEMEI) Maria Luiza Perez, no bairro Jardim Paulistano, periferia do município de São Carlos. Este bairro é constituído por vários estabelecimentos comerciais e residências de médio porte, posto de saúde, bancos, supermercados, farmácias, padarias, praças entre outros.

O projeto de alfabetização no município é realizado através do programa MOVA (Movimento de Alfabetização) criado, em São Paulo, quando Paulo Freire era Secretário de Educação do Município. O programa só existe, pois conta com parcerias entre governo municipal e organizações comunitárias. Sua existência é viabilizada em cidades cuja gestão é realizada por administrações populares como, o Partido dos Trabalhadores (PT), no caso da cidade de São Carlos.

Para Freire (1981), o analfabetismo não é só um problema pedagógico, mas também social e político. A educação é um compromisso humano e, portanto, social, que encaminha os sujeitos ao crescimento pessoal e, assim, ao crescimento da sociedade. Na visão do autor uma educação prática, formadora de homens e mulheres cidadãos, capazes de lutar por seus direitos a uma vida digna e melhor, transformando a sociedade, tornando-a verdadeiramente democrática.

O objetivo, do programa, é diminuir a taxa de analfabetismo, oferecendo acesso à educação de forma adaptada às necessidades e condições dos educandos jovens e adultos. Em vista disso, as salas vinculadas ao programa estão instaladas em locais em que existem poucas escolas e grandes demandas por educação básica.

Para que nossa inserção nas salas de EJA fosse efetivada, houve primeiramente um contato com a Secretaria Municipal de Educação, por meio das responsáveis por esta modalidade de ensino, no município, que vieram até à Universidade para realizar uma contextualização da EJA na cidade.

Partindo destas informações, os coordenadores do curso de Pedagogia da Terra definiram as salas em que cada grupo de educadores seria encaminhado. Vale ressaltar que, para a formação do grupo de educadores levou-se em considerações os seguintes critérios: um integrante pertencente a cada movimento e experiência em sala.

Os educandos acompanhados pelo grupo, participantes do programa, eram migrantes nordestinos, filhos de trabalhadores do campo, a maioria aposentados, com idades entre 41 e 73 anos e que não tiveram a oportunidade de estudar no tempo “correto” por questões financeiras e outras.

Para que pudessemos desenvolver a prática na OCAP, foi preciso a elaboração de um planejamento de atividades, no qual a fundamentação teórica partiu dos conceitos de Paulo Freire.

Freire é considerado um educador popular, que durante sua trajetória de vida esteve sempre comprometido com a transformação social, sua opção de viabilizar uma proposta educacional inclusiva acaba atingindo jovens e adultos que não puderam frequentar a escola devido à exclusão econômica e social.

Na CEMEI, Maria Luiza Perez, funcionam duas salas de educação infantil no período diurno, o refeitório é utilizado, no período noturno, como sala de aula de uma turma de 16 educandos de EJA que funciona há dois anos, a docente responsável, em 2010, era graduada em Educação Física.

Desenvolvimento da Prática

No primeiro dia de aula, de acordo com a proposta planejada, realizaríamos apenas a observação do trabalho da educadora responsável e sua relação com os educandos e destes entre si, com o objetivo de observar o desenvolvimento da leitura e escrita de cada um para que nossa prática pudesse contribuir com o processo de alfabetização. Entretanto, por uma falha de comunicação, foi preciso assumir a turma, neste primeiro dia. A necessidade fez com que o improvisado fosse priorizado, apesar do conhecimento de que esta não é uma prática aconselhável.

Fundamentados nas ideias de Freire e, em algumas de nossas experiências, iniciamos aula com uma conversa com os educandos, explicando quem éramos, por que estávamos ali e de onde éramos. Na sequência, solicitamos aos educandos que se apresentassem, informando: lugar de origem, profissão, prole, estado civil, etc.

A partir da fala dos educandos, realizamos um ditado com palavras significativas para os mesmos, a fim de perceber o nível de leitura e de escrita em que estes se encontravam.

Diante deste contexto e enquanto educadores, devemos sempre refletir sobre nossa prática, sabendo que esta carrega consigo a intencionalidade de uma visão social, como afirma Freire (1991 apud Britto):

Quanto mais penso criticamente, rigorosamente, a prática de que participo ou prática de outros, tanto mais tenho a possibilidade, primeiro, de compreender a razão de ser da própria prática, segundo, por isso mesmo, me vou tornando capaz de ter prática melhor. Assim, pensar minha experiência como prática inserida na prática social é trabalho sério e indispensável. (Freire apud Britto, 1991, p.106).

Sabendo que a prática é um processo de aprendizagem construído a partir do meio em que estamos inseridos, o maior desafio foi realizar uma atividade – o estágio - que tem como ponto de partida uma realidade distinta da nossa pertencente a um determinado contexto. Diante disso, conhecer a realidade e os sujeitos que nela estão inseridos foi o primeiro aprendizado, tendo em vista que esse conhecimento traz os principais elementos para desenvolver a prática, levando o sentido de ensino e aprendizado de forma significativa aos educandos.

No segundo dia, iniciamos a aula apresentando a atividade a ser desenvolvida a partir do poema “Vida e Morte Severina” do autor, João Cabral de Melo Neto, que retrata a história de retirantes nordestinos. Na sequência a educanda-educadora, Sinara, distribuiu uma cópia impressa do texto para que os educandos iniciassem a leitura.

Após, a leitura, a educanda-educadora Sirleidina promoveu um diálogo com os educandos a respeito do referido texto tirando dúvidas quanto ao significado de algumas palavras e destacando cada trecho. Em seguida, a educanda-educadora, solicitou aos educandos que lessem o texto individualmente e que destacassem os vários nomes citados ao longo do texto, esta atividade teve o acompanhamento de todo o grupo.

Ao término, da atividade, foi entregue uma folha de papel, na qual os educandos sistematizaram fatos marcantes ocorridos em suas vidas, aqueles que demonstravam limites em relação à escrita contaram com o auxílio individual dos educandos-educadores, dessa forma, cada um ficou responsável de realizar a leitura e a correção do texto produzido pelo(s) educando(s).

A leitura e a interpretação coletiva do texto, “Morte e Vida Severina”, possibilitou a apropriação e desenvolvimento dos educandos, uma vez que puderam constituir uma relação de aproximação com a realidade vivenciada; além de contribuir para o estímulo da oralidade.

A etapa seguinte foi realizar a releitura do referido texto e o acompanhamento mais próximo de cada educador possibilitou aos educandos maior compreensão das diferentes dificuldades e necessidades na aprendizagem dos mesmos.

Já no terceiro dia os educadores, Cristiano e Noemi, entregaram recortes que continham trechos de um texto poético elaborado pelo grupo de educandos-educadores. O texto fora construído a partir das informações obtidas do diálogo, realizado no dia anterior, com os educandos. Estas estrofes continham dados sobre a vida, local de origem, nomes de familiares, idades e datas representativas para cada um dos educando. O objetivo desta atividade era provocar nos educandos: a leitura e a organização das frases, de acordo com as informações contidas em cada uma.

No segundo momento, da aula, os educandos deveriam localizar seus nomes e as informações que lhes diziam respeito e, em seguida, deveriam escrever um texto, acrescentando as informações que julgassem necessárias.

Feito isso, foi realizada, novamente, a leitura do texto *Morte e Vida Severina* por parte dos educandos com acompanhamento dos educadores, com a finalização escrita por cada um.

A elaboração de um breve texto, frase ou palavra, por parte dos educandos (considerando os diferentes níveis), sobre sua realidade apresentou-se como um limite na organização e sistematização das ideias. Sendo esse um desafio tanto do educador de significar essa aprendizagem, quanto do educando adquirir a escrita como instrumento na transposição do pensamento.

Entendendo que o processo de leitura e escrita compreende tanto valorizar o saber, como relacionar o conhecimento e a compreensão dos códigos estabelecidos e exigidos no contexto social, assim, compreendemos a necessidade da responsabilidade e domínio sobre o conteúdo a ser transmitido.

De maneira que a aprendizagem se dá através do reconhecimento global da construção de sentidos dos conceitos de usos sociais, as intervenções e didáticas devem ser pertinentes e propiciar sempre avanços na aprendizagem.

Diante destes apontamentos, consideramos como avanço o desenvolvimento de atividades significativas. Compreendendo que a educação é um processo que deve ser ligado à vida, tornando os sujeitos integrantes da emancipação e transformação individual e social. A esse respeito Freitas e Bicas (2009) ressaltam que os educandos

devem ser estimulados a refletir, agir de forma crítica sobre sua própria situação, tornando-se sujeitos participativos da sua própria libertação.

Vivenciar, concretamente, a prática de alfabetização de jovens e adultos possibilitou uma importante reflexão sobre os desafios de atuar na EJA.

Entendemos que a criatividade e o dinamismo, em sala, são fundamentais, porém é preciso considerar que o modelo de aprendizagem, socialmente estabelecido, acaba por influenciar a visão que o educando carrega consigo, sobre o estudo e aprendizado de forma tradicionalista e condicionada; por isso, os momentos de atividades dinâmicas devem ser planejados com cautela e respeito aos educandos até que se consiga transmitir a importância desses na aprendizagem.

A elaboração do planejamento também faz parte desses desafios, considerando que este é um instrumento importante na vida do educador; deve-se ter em mente a intenção da educação que queremos. Juntando, assim, nosso aprendizado e entendimento da teoria com o desenvolvimento da prática.

Considerações finais

Concluímos que a realização da oficina contribuiu para nossa formação como futuras(os) educadoras(es). Sendo que o desenvolvimento da prática nos levou a compreender a importância da educação de jovens e adultos dentro do contexto social de modo que esta se concretize em sua totalidade.

Através da Ocap nos apropriamos de metodologias de ensino-aprendizagem que possibilitam o acúmulo de experiência, que serão fundamentais para quando formos executar nossas práticas nas respectivas comunidades, tendo assim, uma maior compreensão das realidades existentes nas salas de Eja, sabendo que nosso foco é no campo, pudemos também comparar que as realidades do campo e da cidade não se diferem tanto assim.

Como educador não podemos de maneira alguma desconsiderar a realidade social e cultural dos educandos, pois para Freire é importante que os indivíduos estejam inseridos em um processo de criação, em que o educando aprenda a falar a palavra, para depois reescrever o mundo,

para transformá-lo. Segundo o autor, a leitura do mundo precede a leitura da palavra.

A realidade deve ser vivenciada concretamente pelos sujeitos do processo que participam das decisões sociais, em vista disso a realização da oficina possibilitou a reflexão sobre a realidade a fim de despertar inquietações que impulsionem outras práticas pedagógicas a serem realizadas em nossas vidas como educadores.

Referências

BRITO, Luiz Percival Leme. *Contra o consenso; cultura escrita, educação e participação*. Campinas/SP: Mercado de letras, 2003 (Coleção idéias sobre Linguagem) p. 195-209.

FREIRE, Paulo. *Ação Cultural para a liberdade*. 5. ed. Rio de Janeiro/RJ: Paz e Terra, 1981.

FREITAS, Marcos Cezar de.; BICCAS Maurilane de Souza. *História social da educação no Brasil (1926-1996)*. São Paulo/SP: Cortez, 2009. (Biblioteca básica da história da educação brasileira; v.3).

7. Aprendizados da prática pedagógica na Educação de Jovens e Adultos

Albertina Pereira dos Santos¹

Ana Flávia Flores²

Josefa Adjane Dionísio Pereira³

Introdução

O presente artigo apresenta uma experiência dos (as) educandos (as) do curso Pedagogia da Terra da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), na realização da Oficina de Capacitação Pedagógica (OCAP) que consiste no planejamento, desenvolvimento e avaliação de uma prática nas turmas de Educação de Jovens e Adultos (EJA), Movimento de Alfabetização (MOVA) e Brasil Alfabetizado (BA) do município de São Carlos/SP, no período de 26 a 30 de julho de 2010, com carga horária de 20hs.

O desenvolvimento desta prática justifica-se devido à especificidade do trabalho pedagógico com pessoas jovens e adultas, visto que um dos objetivos do curso Pedagogia da Terra é habilitar os futuros pedagogos (as) para a atuação também na EJA. Os (as) educandos (as) de Pedagogia da Terra foram divididos em 11 turmas e organizadas em oito grupos de quatro pessoas e três grupos com três pessoas, e distribuídos em 11 bairros do município de São Carlos, que trabalham com MOVA e BA.

¹ Graduanda do curso Pedagogia da Terra, turma Helenira Resende, Universidade Federal de São Carlos e militante do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST).

² Graduanda do curso Pedagogia da Terra, turma Helenira Resende, Universidade Federal de São Carlos e militante do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST).

³ Graduanda do curso Pedagogia da Terra, turma Helenira Resende, Universidade Federal de São Carlos e pesquisadora bolsista I.C. – CNPq do Nupedor (Núcleo de Pesquisa e Documentação Rural). Uniara (Centro Universitário de Araraquara), coordenado pela Prof^ª. Dr^ª. Vera Lúcia Silveira Botta Ferrante.

Dentre esses, fomos um dos grupos de três pessoas participantes da OCAP, no sentido de socializar como se deu a experiência do mesmo em sala de aula, atuando por três dias como educadores do processo de alfabetização, no bairro popular Antenor Garcia na cidade de São Carlos, no qual, segundo a professora da sala diz, tem em torno de seis mil moradores sendo que, mil são analfabetos.

O trabalho foi realizado de forma coletiva entre as educandas da Pedagogia da Terra, sendo supervisionadas pela coordenação do Curso, na qual contou também com a participação da Professora responsável pela sala de aula do MOVA.

Para tanto, este artigo traz não só esta experiência na OCAP, mas começa primeiro contando um pouco da trajetória da EJA de forma rápida e resumida, ~~bem~~ como surge o MOVA e BA no município indo para o detalhamento da intervenção pedagógica, bem como as análises feitas como forma de refletir e adquirir aprendizados, no sentido de avançarmos na construção desafiadora que é a de ser educadores (as) comprometidos (as) com as causas dos oprimidos, buscando liberdade de uma atuação que de fato venha a modificar a realidade inserida. Já para as considerações finais fizemos uma reflexão do papel do educador (a) na atuação do trabalho pedagógico na EJA, analisando os processos de alfabetização que exige que o (a) educador (a) possa compreender o educando (a) como sujeito de sua própria aprendizagem.

Processo histórico da Educação de Jovens e Adultos (EJA)

Discutir a Educação de Jovens e Adultos requer uma análise histórica de como se deu o ensino nesta modalidade da educação brasileira. Desse modo, iniciaremos trazendo os percalços desta história. Segundo Beisiegel (APUD FREITAS; BICCAS, 2009) “a educação de adultos tornou-se novamente um problema nacional no final do Estado Novo, mas que a Constituição de 1934 já contemplava este tema como área de interesse da União” (p. 211). Contudo Freitas; Biccas (2009, p. 211) afirmam que:

O investimento na alfabetização de adultos revela-se importante estratégia no processo de promoção educacional para toda a

população brasileira, visando não só elevação do nível educacional do país, mas também o nível de bem-estar geral da população. Naquele contexto, pensar a sociedade do futuro implicava repensar a sociedade daquele próprio tempo presente e isso abria espaço à circulação de representações sobre a recuperação do atraso educacional como o objetivo de diminuir as altas taxas de analfabetismo. Investir na educação dos adultos poderia constituir-se maneira eficaz de, em curto prazo, diminuir também repercutir na qualidade da educação das crianças pequenas, o que também contribuiria para a contenção do aumento das taxas de analfabetismo.

A primeira Campanha de Educação de Adultos Analfabetos (CEAA), promovido pelo Ministério da Educação e Saúde no Brasil foi, segundo Beisiegel (APUD FREITAS; BICCAS):

...uma ação exemplar por dar centralidade ao problema do analfabetismo dos adultos nas cidades e nas áreas rurais e também por enfrentar este problema por meio de uma política de governo visando elevar o nível educacional de toda a população brasileira. (2009, p. 212)

Nesta perspectiva, a campanha de educação tinha por objetivo promover o desenvolvimento do povo brasileiro no sentido de integrá-lo ao projeto de nação, que enfatizava os aspectos morais para além dos cuidados com a saúde e a educação. Pretendia-se, portanto, educar para o trabalho urbano.

Entre os anos de 1947 a 1952, a própria campanha já apresentou um inventário de dificuldades, desafios e avanços alcançados pelas Comissões instauradas tanto nas regiões urbanas, quanto nas rurais. Foram apresentadas questões sobre as condições de trabalho dos serventes que atuavam nos cursos noturnos sem nenhuma remuneração, mobilização local, matrícula e frequência dos alunos, dinheiro insuficiente para atender as escolas escolhidas, etc. É nesse repertório de críticas que começa uma reflexão pedagógica em torno do alfabetismo e suas conseqüências sociais e psicológicas (FREITAS; BICCAS, 2009).

No governo de Juscelino Kubitschek disseminado o otimismo, estabilidade política que teria sido propiciada por uma elevação dos

índices de crescimento econômico. Esse governo investia fortemente no setor de infra-estrutura e incentivou a industrialização (FREITAS; BICCAS, 2009). Em 1958 o governo JK convocou um Congresso de Educação de Jovens e Adultos que priorizou a discussão sobre o ensino primário, nesse contexto aparece o relatório produzido por Paulo Freire dizendo que o problema do Nordeste não era o analfabetismo e sim a miséria. Esse apontamento deixava a educação conectada ao desenvolvimento, mas a partir de então, adquiriu uma nova reformulação. Voltando para a defesa de ações direcionadas a formação da consciência do povo brasileiro, do ponto de vista individual e coletivo, particularmente da população mais pobre, que acumulava séculos de preterição (FREITAS; BICCAS, 2009), a proposta de Paulo Freire visava "... elaborar uma pedagogia ligada à vida não apenas relacionada à escolarização formal, mas também à comunidade." (FREITAS; BICCAS, 2009, p. 227). Segundo Paulo Freire:

A partir das relações do homem com a realidade, resultantes de estar com ela e de estar nela, pelos atos de criação, recriação e decisão, ele dinamizando seu mundo. Vai humanizando-a. Vai acrescentando a ela algo que ele mesmo é o fazedor. (...) E é ainda o jogo dessas relações do homem com o mundo e do homem com os homens, desafiando e respondendo ao desafio, alterando, criando, que não permite a imobilidade, a não ser em termos de relativa preponderância, nem das sociedades nem das culturas. E, na medida em que cria, recria e decide, vão se conformando as épocas históricas (FREIRE, APUD, FREITAS; BICCAS, 2009, p. 229).

Portanto, para Paulo Freire o processo de transformação se daria na dinâmica das próprias relações entre os homens, e mais ainda por meio da educação.

Entre as décadas de 1960 e 1980, ocorreram experiências populares de educação, essa nova proposta de alfabetização de adultos projetou Paulo Freire através do Movimento de Cultura Popular. Com linguagem simples os procedimentos para o processo de alfabetização esclareciam a concepção do homem, de educação e sociedade, nesse sentido, construiu sua própria metodologia de alfabetização (FREITAS; BICCAS, 2009).

Já no período da ditadura militar o plano de alfabetização foi extinto pelo Decreto Nº 53.886/64 e o Movimento de Educação de Base (MEB) teve atuação fortemente inibida (FREITAS; BICCAS, 2009). O MEB criado entre 1960 e 1961, vinculado aos movimentos de cultura popular que, segundo Brandão (2001):

... procurou pautar o seu trabalho de alfabetização no diálogo entre todos os participantes do projeto pedagógico, na conscientização como um suposto fundador do próprio exercício do aprendizado do ler-e-escrever e na motivação à participação consciente e politicamente responsável, tanto nos trabalhos locais, comunitários, quanto em projetos amplos de transformação de toda a sociedade brasileira. (p.38).

No período da ditadura a educação de adultos foi reformulada passando a ocupar um importante lugar no processo de mediação entre estado e sociedade, o objetivo dessa ação era capacitar o analfabeto marginalizado a ser participante na sociedade. Pretendia-se uma consciência “democrática cristã” que beneficiaria a ditadura impedindo “a exploração de grupos extremistas”, a alfabetização dada nesse momento tinha como foco apoiar o golpe militar e concretizar seus objetivos.

Implantado pela Lei 5.692 o ensino MOBREAL, que caracterizava a educação de jovens e adultos uma reposição de escolaridade, aceleração, certificação através dos cursos e exames, e tinham pouco prestígio, pois em 1980 foi feito um Censo do MOBREAL e a conclusão é que este programa não atingiu as expectativas.

O MOBREAL contou sempre com forte aparato governamental e teve continuamente à sua disposição fartos recursos financeiros para executar seus programas. No entanto, segundo o Censo de 1980, seus resultados foram pífios, absolutamente insatisfatórios. As pessoas não sabiam ler nem escrever representavam 25,8% da população. (FREITAS; BICCAS, 2009, pg. 262).

As políticas públicas educacionais dos anos 1990 não corresponderam às expectativas geradas pela nova Constituição. Essa década priorizou o acesso das crianças e dos adolescentes ao ensino

fundamental, ficando em plano secundário as políticas de educacionais para jovens e adultos (UNESCO, 2008).

As várias iniciativas de Educação de Jovens e Adultos não contemplaram a demanda de analfabetos existente no país. E principalmente no campo, há grande contingente de sujeitos que não puderam concluir seus estudos em idade própria, mesmo que esse direito sendo assegurado na Lei de Diretrizes e Bases (LDB) no artigo 37 “a educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria” (p.27).

Movimento de Alfabetização e Brasil Alfabetizado em São Carlos/SP

O município de São Carlos possui os dois programas respectivamente, o que diferencia é o órgão financiador sendo o Movimento de Alfabetização (MOVA) é municipal e o Brasil Alfabetizado (BA) do governo federal. São Carlos implantou o MOVA em 2002 e desde 2003 adere anualmente ao BA.

Os Programas MOVA e Brasil Alfabetizado possuem os mesmos objetivos e ações. Eles visam a diminuição do analfabetismo e a elevação da escolaridade de jovens acima de 15 anos, adultos e idosos. Sendo que, segundo os dados do IBGE de 2000, em São Carlos há 24.000 jovens e adultos que não completaram o 1º ciclo do ensino fundamental e, destes, 8 mil são analfabetos, o que representa 5,6% da população municipal.

As ações dos dois programas priorizam o trabalho voluntário bolsistas da atuação dos educadores (as), sendo que, os (as) mesmos (as) tenham envolvimento com as comunidades e formem suas turmas, as atividades das aulas ocorrem em caráter de formação continuada de 2hs semanais e 38hs para formação inicial de educadores de também 38hs. Para a continuação dos estudos os educandos (as) são encaminhados (as) para EJA, nas salas de Núcleos e Escolas Municipais (EMEBs).

A organização da EJA no município é pensada através Secretária Municipal de Educação que tem uma Divisão de Educação de Jovens e

Adultos⁴ que cuidam dos programas: MOVA BA e EJA de Ensino Fundamental (1ª a 8ª série).

Prática pedagógica desenvolvida em sala do MOVA – São Carlos/SP

Foi realizada a prática de intervenção pedagógica em uma sala do MOVA, nos dias 26 a 30 de julho, que consistiu no planejamento, desenvolvimento e avaliação da mesma, para contribuição da nossa formação, enquanto educador (a). No primeiro dia em sala de aula seria de observação para verificar o nível de aprendizagem dos alunos e através dessa planejar a prática para os outros dias.

A intervenção pedagógica proporcionou uma reflexão da teoria com a prática e principalmente a relação do (a) educador (a) com os (as) educandos (as) que segundo Paulo Freire “... sempre vi a alfabetização de adultos como um ato político e um ato de conhecimento, por isso mesmo, como ato criador” (FREIRE, APUD, HARA, 1992, p.14), portanto, se esta relação não tiver o ato político que, ao menos, tenha o ato criador de conhecimento que contribua na formação dos (as) educandos (as).

Neste primeiro dia conhecemos o Centro Cultural Rosa de Nazaré no bairro Antenor Garcia, este centro é uma biblioteca comunitária que sede o espaço para as aulas do MOVA, este momento foi de retorno dos (as) educandos (as) do período de recesso, e encontramos em uma sala de 13 educandos (as) apenas 6 educandos (as). A primeira atividade aplicada neste dia de observação foi nossa própria apresentação como filhos de assentados, mostrar para os (as) educandos (as) que também somos do nível mesmo social e como se deu a luta pela reforma agrária nos assentamentos, foi uma troca de experiência, pois depois de se identificar a turma se sentiu segura e falou da onde veio, da saudade de

⁴ O município de São Carlos conta com: 25 salas (20 Zona Urbana e 5 Zona Rural); Locais das salas: Água Vermelha, Jardim Gonzaga, Cidade Aracy, Santa Eudóxia, Maria Stella Fagá, Jardim Maracanã, Vila São José, Monte Carlo, Antenor Garcia, Vila Santa Madre Cabrini, Santa Felícia, Romeu Tortorelli, São Carlos I, Jardim Paulistano, Vila Izabel, Jardim Pacaembu e Varjão; Número de alunos: 450 alunos (375 Zona Urbana e 75 Zona Rural); Educadores: 18 educadores populares.

viver no campo, das dificuldades e diferenças de morar na cidade, da vida de imigrante que vem do Nordeste para o Sudeste em busca de novas condições de vida, dos problemas vividos que impediram continuar os estudos e só agora, depois de muito tempo, tiveram a oportunidade de continuar os estudos, e principalmente através desse diálogo percebemos o sentimento de inferioridade que eles (as) estavam sentindo o que serviu como base para planejar os restantes dos dias da prática.

Através da observação percebemos que os (as) educandos (os) se sentiram inferiores por estarem estudando neste momento da vida, depois que estavam senhores (as), então, pensando nessa dificuldade, fizemos um planejamento de atividades que valorizassem o aprendizado, indiferente de qual momento da vida isso aconteça, pois segundo Brandão (2001) “E esse é apenas um dos motivos pelos quais nós, que somos educadores e educadoras, devemos acreditar que, mais do que os templos, as salas de aula são o lugar de milagre...” (p. 22), neste sentido, analisando o que o autor nos traz, devemos proporcionar pequenos milagres do aprendizado, trabalhar o valor de aprender e contribuir na formação do (a) educando (a).

A metodologia planejada dentro desse contexto de valorização do aprendizado foi trabalhar com alfabeto móvel na construção de novas palavras, em dinâmicas que ofereça a interação entre os (as) educandos (as), em poesias e música que contribuíssem na reflexão do aprendizado e como é importante estudar não importa qual o momento da vida, pois estamos sempre em processo de renovação do nosso próprio conhecimento, como destaca Brandão:

Quando se pensa a alfabetização como um trabalho pedagógico complexo, um trabalho que envolve o todo de uma pessoa em suas várias dimensões e que deve contribuir para a sua formação integral como um ser pensante com todas as conseqüências derivadas disto, então um conhecimento das várias dimensões interconectadas da cultura-que-se-aprende-quando-se-é-alfabetizado para a ser essencial. (BRANDÃO, 2001, p.28).

Então, o papel do educador (a) é perceber qual a cultura, qual o contexto e qual a expectativa do educando (a) na relação ao

aprendizado e buscar metodologias que proporciona essa formação integral e uma reflexão do valor da aprendizagem.

Reflexão da prática pedagógica desenvolvida

É possível extrair do rápido processo de vivência na OCAP, que ainda precisamos de um tempo maior para refletir e adquirir aprendizados, no sentido de avançarmos na construção desafiadora que é a de ser educadores (as) comprometidos (as) com as causas dos oprimidos, buscando liberdade de uma atuação que de fato venha a modificar a realidade inserida. A partir dessa tímida intervenção com educandos (as) do MOVA com certeza levamos muitos aprendizados, em especial o de poder olhar com humildade suas histórias de vida, observando o valor de um povo guerreiro que lutou durante toda tempo, na busca de um futuro melhor sobre tudo para sua família.

Percebemos que ser educadores (as) de EJA não é simplesmente ir dar aula, mas sim uma troca de experiência que proporciona trocas de conhecimentos entre educandos (as) e educadores (as).

Processos de Alfabetização para Jovens e Adultos desafios para o educador e educadora

A OCAP na EJA nos fez compreender a dor e a delícia de sermos educadores (as) em qualquer situação ou área do conhecimento, entendendo que nem tudo que levamos como planejamento é a verdade do exercício do ensino- aprendizagem, e que o mesmo não pode ser aplicado de forma engessada, pois temos que nos preparar sempre levando em consideração os princípios históricos da turma e os resultados esperados para com aqueles em desenvolvimento e trocas de aprendizado, os quais são elementos fundamentais de um bom andamento entre teoria e prática.

Dessa forma, os processos de alfabetização de adultos é colocado como enorme desafio na vida de educadores (as) e também dos (as) educandos (as), entendendo que não é um contexto que acontece de uma hora pra outra, por isso o chamamos de processo, uma construção.

Sendo assim, a alfabetização de adultos é a maneira de inserir o conhecimento científico na vida existente dos sujeitos que vivenciam este processo, talvez possa ser entendido como o momento das reflexões pelo entendimento que se tem da cultura popular existente no grupo.

Importante destacar que a alfabetização é um longo processo de construção, no qual precisa ser pensado e construído a partir do cotidiano dos educandos (as) e não os tratando como alunos⁵ tendo em vista o trabalho em conjunto com educadores e educadores, um processo que visa o respeito pelas culturas e vivências, valorizando o conhecimento adquirido ao longo da vida.

O processo de aprender a ler escrever é um direito humano que demorou muito tempo para ser pensando. E na sociedade atual, vários autores tentam trazer presente esta temática, mostrando a demanda de se trabalhar de forma que atenda de fato os interesses dos educandos, incentivando-os para as descobertas futuras sobre suas potencialidades, as quais são consideradas como, de fundamental importância e rever a história do surgimento da escrita ao longo da humanidade, onde explica Brandão (2001) que: “A palavra escrita inventa o sentido do futuro, pois a escrita e as ideias que derivam dela roubam do mito um pensamento oral, o seu poder de dizer “quem fomos para ser quem somos”. (p.19)

A importância de se trabalhar a Educação de Jovens e Adultos na perspectiva de uma nova construção para a vida, é um objetivo dialógico que precisa ainda ser avançado, pois é preciso compreender que alfabetizar não quer dizer ensinar a ler e escrever palavras apenas, mas um excelente momento de pensar sobre o conhecimento que temos construído, no decorrer de um longo tempo. Ou seja, é preciso dialogar sobre as práticas inseridas na alfabetização de adultos, as quais ainda em muitos casos são tidas como modo tradicional da educação formal, aquela que prepara para o trabalho, a partir de níveis de domínios e exploração humana, molda o educando como o que não sabe nada e o educador aquele que tudo sabe e vem passar para o outro, sem se

⁵ Segundo Brandão: Podemos observar de passagem que a própria palavra “aluno” provém também do reconhecimento de uma falha, de uma ausência: “aquele que não possui a luz”

preocupar com menor sentido da construção humana, desrespeitando todo potencial cultural da vida.

A Educação de Jovens e Adultos requer um processo que exige que o educador possa compreender o educando como sujeito de sua própria aprendizagem, na qual segundo a autora Hara (1992) se dá da seguinte forma “O homem, sujeito de sua própria aprendizagem, constrói seus conhecimentos nos diferentes momentos da vida e nas diferentes situações que vivência; a escrita é um desses conhecimentos” (p.25), mas para que essa educação aconteça de fato na prática é preciso acima de tudo que o (a) educador (a) compreenda e tenha vontade de fazer, ou construí-la em conjunto com seus educandos (as) a partir de suas práticas cotidianas, dessa forma, para que as coisas aconteça de forma criativa e construtiva é preciso compromisso de cada ser envolvido, e é isso que precisa ter os pedagogos em seu trabalho.

Referências

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Ler e escrever: as palavras e o mundo*. IN: BRANDÃO, Carlos Rodrigues [org]. *De Angicos a ausentes: 40 anos de educação popular*. Porto Alegre/RS: MOVA-RS; CORAG, 2001. p. 13 – 41.

BRASIL, *Lei de Diretrizes e Bases da Educação*. Lei Nº 9394/1996. Edição atualizada em 2007. Aracaju/SE: SINTESE, 2007.

FREITAS, Marcos Cesar de; BICCAS, Maurilane de Sousa. *História social da educação no Brasil (1926 – 1996)*. São Paulo/SP: Cortez, 2009.

HARA, Regina. *Alfabetização de adultos: Ainda um desafio*. São Paulo/SP: CEDI, 1992, 3ª edição.

UNESCO. *Alfabetização de jovens e adultos no Brasil: lições da prática*. Brasília/DF: UNESCO, 2008.

8. Alfabetização de Jovens e Adultos: um desafio na educação

Fabiana Francisca da Silva¹

Marielen Barbosa Araújo²

Sara da Silva³

Rita Luciene M.Santos⁴

“Alienado do processo de trabalho pedagógico, individualizado, sujeito a avaliação fragmentadas e longe do trabalho material produtivo, o aluno é condenado a uma situação de ensino sem maior sentido para ele.”

Luíz Carlos de Freitas

O presente artigo relata a intervenção desenvolvida durante a Oficina de Capacitação Pedagógica (OCAP) na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA), realizado pela turma de Pedagogia da Terra “Helenira Resende” da Universidade Federal de

¹ Fabiana Francisca da Silva graduanda do curso de Licenciatura plena em Pedagogia da Terra, turma Helenira Resende na Universidade Federal de São Carlos. Sendo indicada pela Federação dos Empregados Rurais e Assalariados do Estado de São Paulo – FERAESP. Moradora do assentamento Bela Vista no município de Araraquara – SP integrante do Movimento Pé Vermelho.

² Marielen Barbosa Araújo graduanda do curso de Licenciatura plena em Pedagogia da Terra, turma Helenira Resende na Universidade Federal de São Carlos. Sendo indicada pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra-MST. Moradora do assentamento Rodeio no município de Presidente Bernardes – SP.

³ Sara da Silva graduanda do curso de Licenciatura plena em Pedagogia da Terra, turma Helenira Resende na Universidade Federal de São Carlos. Sendo indicada pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra-MST. Moradora do assentamento Irmã Alberta município de Perus – SP.

⁴ Rita Luciene Marques Sobrinho dos Santos graduanda do curso de Licenciatura plena em Pedagogia da Terra, turma Helenira Resende na Universidade Federal de São Carlos. Sendo indicada pela Federação dos Empregados Rurais e Assalariados do Estado de São Paulo – FERAESP. Moradora do assentamento Horto Aimorés no município de Bauru-SP.

São Carlos (UFSCar) durante o tempo escola⁵ que visa capacitar educadores/as para atuação na EJA.

A OCAP é uma prática desenvolvida, especificamente, nos cursos que possuem movimentos sociais envolvidos como, por exemplo: o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Esta oficina é fruto da disciplina de Processo de Alfabetização, durante a qual aprendemos a planejar atividades para colocá-las em prática na sala de aula no período da regência. O período da oficina foi acompanhado por uma equipe de apoio que se revezou durante os três dias de atividades em diferentes turmas.

Nosso grupo ficou incumbido de acompanhar a turma de EJA do Centro de Juventude “Eliane Viviane”, localizado no bairro Monte Carlos, município de São Carlos, criado a partir de uma necessidade do bairro em incentivar a juventude a participar de momentos de lazer e formação profissional, visto que a população vinha sofrendo com o tráfico de drogas.

O espaço físico do Centro é composto por: uma secretaria, quatro salas de aulas, uma sala de informática, um auditório, uma cozinha, uma quadra de futsal, uma quadra de areia e uma piscina. O horário de funcionamento é das 8:00 às 22:00 horas de segunda à segunda e atende adolescente e jovens na faixa etária de 15 à 29 anos oferecendo cursos profissionalizantes e oficinas como: eletricista, manicure, auxiliar de almoxarifado, design de sobancelha, capoeira, música, natação e aulas de futebol.

Para a realização do estágio, contamos com a colaboração da Prefeitura Municipal de São Carlos e da Secretaria Municipal de Educação que disponibilizou transporte para que nos deslocássemos até o bairro e à turma.

⁵ Os cursos realizados pelos movimentos sociais, se organizam através da metodologia da pedagogia da Alternância, em que os educandos passam parte do sua formação no Tempo Escola, ou seja na Universidade se apropriando da teoria, e o outro Tempo denominado Tempo Comunidade, em que os educandos desenvolvem práticas educativas e de estágio em suas realidades, dando continuidade aos estudos vinculando-os com a prática e realizando reflexões sobre esta.

A sala em que funciona o Movimento de Alfabetização (MOVA) foi cedida pelo Centro desde janeiro de 2010, devido à necessidade de um melhor ambiente para as aulas que aconteciam, anteriormente, em uma igreja do bairro com condições precárias. A questão da falta de estrutura é algo evidente em vários locais em que o MOVA foi implantado, pois a verba do programa não financia estrutura física, apenas materiais didáticos e bolsa auxílio aos educadores. Toda a realidade aqui descrita a respeito do MOVA, na cidade de São Carlos, nos foi apresentada por duas representantes da Secretaria de Educação do Município um dia antes do início do trabalho nas salas de EJA.

A turma de alfabetização conta com 16 educandos entre aposentados e donas de casa e, segundo informações colhidas durante o primeiro contato com a turma, muitos são originários de outros Estados, como por exemplo, Paraná, Minas Gerais e Bahia. Neste momento de diálogo, os educandos apresentaram os motivos que os levaram a não frequentar a escola e, logo, a situação de não alfabetização, dentre eles podemos citar: a distância, a necessidade de ajudar as famílias no trabalho da roça, entre outros.

No que se refere à educadora, responsável pela turma, uma senhora pernambucana, viúva, 58 anos, formada no magistério, sempre procura trabalhar em sala com materiais diversos para atender os níveis de aprendizagem dos educandos.

Para entendermos melhor a situação do analfabeto, no Brasil, é necessário entender a história da Educação de Jovens e Adultos. Somente a partir de 1947 foi implementada as primeiras políticas públicas destinadas à instrução dos jovens e adultos. Mas, até os dias de hoje muitas dessas políticas continuam no papel ou sofrem com a falta de investimentos, ficando sempre à margem e tendo um caráter emergencial, pois segundo Di Pierro:

A experiência nacional e internacional de mais de meio século demonstram que campanhas que apelam a urgência da alfabetização em massa podem, em um primeiro momento sensibilizar a sociedade e mobilizar a demanda de jovens e adultos, mas salvo raras exceções não produzem resultados efetivos e duradouros. (2008, p. 32)

Por isso, a diminuição do número de analfabetos no Brasil, ainda, é um grande desafio que está diretamente ligada à questão da desigualdade social, pois os mais atingidos com este problema são os habitantes do meio rural, os pobres e afro-descendentes. Assim, a educação tem o papel de formação a fim de tornar esses sujeitos críticos e atuantes em um processo de transformação da realidade.

Pensando em alfabetização, devemos nos basear nas contribuições de Paulo Freire, que propunha que a alfabetização deveria vir não só com o ato de ler e escrever, mas como forma de conscientização. Para tanto, deveria ser baseada na vida através de diálogos e com palavras geradoras retiradas da realidade dos educandos, palavras estas que devem ser pragmáticas e silábicas, como ele mesmo afirmava: “Em um trabalho baseado na educação popular, trabalhadores e trabalhadoras têm o direito e a possibilidade de conhecer melhor o que já sabem e o direito de conhecer aquilo que ainda não conhecem”. (FREIRE apud ZANETTI, 2003, p.16)

Assim, o educador precisa potencializar o conhecimento que os educandos já possuem em sua vivência acrescentando a este o conhecimento científico.

Na perspectiva de Paulo Freire, a alfabetização é trabalhada a partir do método analítico, ou seja, parte do texto para a palavra, diferentemente, da forma como fomos alfabetizados através do método sintético, que parte da letra para a sílaba e depois para palavra e, em seguida, para o texto.

Não podemos esquecer das pesquisas de Emília Ferrero. Suas contribuições chegam ao Brasil na década de 1980, com a proposta de escrita espontânea, em que os educandos são convidados a escrevem a partir de suas hipóteses de escrita, sendo assim, o educador faz a intervenção e reescreve a palavra em conjunto, pois de acordo com Soares (1999, p. 62)

Assim, no quadro desta nova concepção de língua a prática de uso da escrita na escola é considerada como sendo fundamentalmente a instituição de situações de enunciação em que a expressão escrita se apresenta como alternativa possível ou a mais adequada para atingir um objetivo ou necessidade ou desejo de interação com interlocutor ou interlocutores claramente identificados.

Diante disso, constatamos também a importância da cultura na construção da fala e da escrita através da relação e interação entre as pessoas.

PRÁTICAS DESENVOLVIDAS

No primeiro dia que foi de observação

Após a apresentação da educadora sobre o que seria este estágio, nos apresentamos aos educandos. Feito isso, iniciamos a aula com a apresentação de todos, com a intenção de saber: nome dos educandos; local de nascimento e porque não estudaram na infância.

Durante as falas, percebemos que em comum todos viveram uma parte da infância na roça, onde a dificuldade de acesso à escola impossibilitou a alfabetização.

Dentro desta apresentação surgiu a indagação por parte dos educandos do que seria ACAMPAMENTO e ASSENTAMENTO, após termos falado que no curso todos são filhos de assentados.

No debate, os educandos relataram que ali perto do bairro existia o acampamento “Horto São Carlos” e que alguns deles iam buscar verduras neste local.

Explicamos, com a utilização da lousa todo o processo de acampamento e de transição para o assentamento, as dificuldades e depois o trabalho nos lotes. Após, a educadora deu sequência na aula com palavras escritas por ela na lousa e, através destas, os educandos deveriam formar frases de acordo com a realidade, neste trabalho, auxiliamos ajudando os educandos.

No segundo dia de prática

Em sala de aula realizamos atividades com o tema: Recordação da infância, visto que a educadora já havia liberado a turma para o nosso trabalho.

Ao chegar ao local, penduramos na sala um alfabeto produzido por nós com letras maiores, para o auxílio dos educandos, pois na sala só havia um alfabeto pequeno com letras que não podiam ser lidas pelos

educandos, além disso, alguns cartazes com frases de incentivo do autor Paulo Freire.

Iniciamos a aula fazendo a leitura do texto xerocopiado “A Cocada” de Cora Coralina.

As Cocadas

Eu devia ter nesse tempo dez anos. Era menina prestimosa e trabalhadeira à moda do tempo.

Tinha ajudado a fazer aquela cocada. Tinha areado o tacho de cobre e ralado o coco. Acompanhei rente à fornalha todo o serviço, desde a escumação da calda até a apuração do ponto. Vi quando foi batida e estendida na tábua, vi quando foi cortada em losangos. Saiu uma cocada morena, de ponto brando atravessada de paus de canela cheirosa. O coco era gordo, carnudo e leitoso, o doce ficou excelente. Minha prima me deu duas cocadas e guardou tudo mais numa terrina grande, funda e de tampa pesada. Botou no alto da prateleira.

Duas cocadas só... Eu esperava quatro e comeria de uma assentada oito, dez, mesmo. Dias seguidos namorei aquela terrina, inacessível. De noite, sonhava com as cocadas. De dia as cocadas dançavam pequenas piruetas na minha frente. Sempre eu estava por ali perto, ajudando nas quitandas, esperando, aguando e de olho na terrina. Batia os ovos, segurava gamela, untava as formas, arrumava nas assadeiras, entregava na boca do forno e socava cascas no pesado almofariz de bronze.

Estávamos nessa lida e minha prima precisou de uma vasilha para bater um pão-de-ló. Tudo ocupado. Entrou na copa e desceu a terrina, botou em cima da mesa, deslembada do seu conteúdo. Levantou a tampa e só fez: Hiiii... Apanhou um papel pardo sujo, estendeu no chão, no canto da varanda e despejou de uma vez a terrina. As cocadas moreninhas, de ponto brando, atravessadas aqui e ali de paus de canela e feitas de coco leitoso e carnudo guardadas ainda mornas e esquecidas, tinham se recoberto de uma penugem cinzenta, macia e aveludada de bolor.

Aí minha prima chamou o cachorro: Trovador... Trovador... e veio o Trovador, um perdigueiro de meu tio, lerdo, preguiçoso, nutrido, abanando a cauda. Farejou os doces sem interesse e passou a lambar, assim de lado, com o maior pouco caso.

Eu olhando com uma vontade louca de avançar nas cocadas. Até hoje, quando me lembro disso, sinto dentro de mim uma revolta – má

e dolorida - de não ter enfrentado decidida, resoluta, malcriada e cínica, aqueles adultos negligentes e partilhando das cocadas bolorentas com o cachorro.

Cora Coralina

Em seguida, fizemos a interpretação do texto em conjunto. Para aqueles que estão no início da alfabetização, solicitamos para circular as vogais, já para aqueles que sabiam ler e escrever solicitamos que fossem respondendo algumas questões sobre o texto.

Finalizamos a noite convidando os educandos a comparecer na aula no dia seguinte para continuação desta e que convidassem os amigos que ainda não haviam voltado das férias, já que só haviam 6 alunos em sala. Neste dia, fomos acompanhados por um dos supervisores do estágio, o Educador Paulo que além de nos observar contribuiu em sala de aula.

No terceiro dia da regência da OCAP

Realizamos as atividades a partir do tema: “Doces que mais gosto”. Este foi escolhido pelo fato de que no dia anterior, após a leitura, os educandos ao lembrarem sua infância relataram as lembranças de doces que mais gostavam e alguns, até hoje, produzem os doces. Neste dia, fomos acompanhados pelo Educador Marcos, que assistiu nossa regência.

Começamos a noite com a dinâmica da teia de aranha, utilizando um novelo de lã com a intenção de relembrar fatos marcantes da aula anterior, em específico o texto trabalhado. Destacamos que os educandos falaram bastante sobre a imaginação da menina que pensava nos doces o tempo todo.

Na dinâmica cada educando deveria lembrar uma palavra do texto e jogar o novelo a outro educando em sequência formando assim uma teia.

Depois da dinâmica lemos o alfabeto em conjunto e, em seguida, perguntamos o nome dos doces preferidos de cada um. Enquanto um dizia os outros escreviam em seus cadernos, com o nosso auxílio fazendo assim um ditado com nomes de doces. O objetivo, desta atividade, foi trabalhar a escrita e a oralidade. Nesta prática, havíamos

pensado em escrever na lousa o nome dos doces, mas como em sala de aula sempre há mudanças, acabamos por ir de carteira em carteira.

Entregamos, então, uma receita xerocopiada de cocada para cada educando, esta foi conseguida por telefone com a mãe de uma de nós educadoras, através desta, eles fizeram a leitura e depois resolveram um problema matemático de adição relacionado aos ingredientes da receita. Para auxílio dos colegas um dos educandos resolveu os problemas na lousa.

Por fim, encerramos as atividades com um agradecimento à educadora e os educandos, pelos três dias de observações e prática e pelo trabalho em conjunto de aprendizado, para isso, utilizamos um acróstico com o nome da educadora e bilhetes com frases de Paulo Freire de incentivo a cada um dos educandos, na sequência, realizamos a distribuição de diferentes doces por nós adquiridos.

Avaliando a prática

Neste contexto, avaliamos que há uma possível troca de conhecimentos e experiências, os educandos possuem saberes diversificados para contribuir dentro da sala de aula e que nós enquanto educadores, ainda, temos alguns vícios da educação que recebemos em nossas escolas.

Ao chegarmos à sala de EJA, notamos que alguns educandos eram mais tímidos, mas já no fim do primeiro dia, após depositarem certa confiança em nós, todos já estavam participando, efetivamente, dos debates em sala e com isto nos ajudando nos outros dias de aula.

As dificuldades são muitas como: a distância, as estruturas das salas, o trabalho e, assim, dificultam a permanência na escola, quanto maior for a quantidade de educandos maior, ainda, é o desafio para a educadora transmitir conhecimento.

Olhando para nossa atuação, ainda, se faz necessário superar dificuldades como a falta de dinâmica para envolver os educandos e trabalhar com diferentes níveis, além da elaboração do planejamento e segui-lo, bem como a organização do tempo das atividades.

Contudo, enquanto futuras pedagogas, temos o papel de aprender a dar aulas e alfabetizar. Aprendemos muito ao longo destes dias de trabalho em conjunto, proveitoso quando se trata de aprendizado.

A alfabetização é a forma de aprender o código da linguagem, aprender com o alfabeto e fazer uso deste no contexto, nós como futuros educadores, devemos ensinar não só o alfabeto, mas também os números através das histórias deles, para assim, contextualizar elementos para que os educandos entendam.

Dentro do alfabeto, devemos trazer as famílias silábicas que auxiliarão nos trabalhos em sala de aula e iniciar com palavras que vão sendo trabalhadas e se tornem frases.

O educador deve problematizar as escritas dos educandos, isto para ajudar no processo de alfabetização, trabalhar a escrita espontânea, ou seja, o educando escreve a seu modo palavras significativas ligadas à vida e nós ajudamos intervindo e ensinando se a palavra está ou não correta.

Desta forma, finalizamos com muita felicidade já que sabemos que temos muito a aprender, mas que também demos um grande passo na organização em grupo, divisão de tarefas e aprendizados na sala de estágio e saímos com o espírito de que estamos um pouco mais preparadas para o estágio do tempo comunidade.

Referências

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Ler e escrever: as palavras e o mundo*. IN: BRANDÃO, Carlos Rodrigues [org]. *De Angicos a ausentes: 40 anos de educação popular*. Porto Alegre/RS: MOVA-RS; CORAG, 2001. p. 13 – 41.

DI PIERRO, Maria Clara. *Alfabetização de jovens e adultos no Brasil: lições da prática*. Brasília/DF: UNESCO, 2008.

FREITAS, Luis Carlos de. *Crítica da organização do trabalho pedagógico e da didática*. Campinas/SP: Papirus, 1995.

SOARES, Magda Becker. *Aprender a escrever, ensinar a escrever*. IN: ZACCUR, Edwiges (Org.). *A magia da linguagem*. Rio de Janeiro/RJ: DP&A: SEPE, 1999. p. 49-73.

ZANETTI, Maria Aparecida; SCHWENDLER, Sônia Fátima. *Educação Popular: Aprendendo com Paulo Freire*. Curitiba/PR: Editora Gráfica Popular, 2003.

9. Experiências vivenciadas na EJA

Daniele de Jesus loureiro de Melo¹

Maria Alves da Silva²

Jociara Keila da Silva³

Viviane Aparecida Ribeiro de Almeida⁴

Este artigo relata as experiências vivenciadas na Oficina de Capacitação Pedagógica (OCAP) da modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA) acontecidas de 27 a 29 de julho de 2010. A OCAP é uma proposta pensada pelos Movimentos Sociais e tem como objetivo desenvolver oficinas de formação para educadores e educadoras. Essa formação aconteceu no sexto semestre do primeiro curso de Pedagogia da Terra⁵ do estado de São Paulo, essa é demanda da disciplina

¹ Graduanda do curso de Pedagogia da Terra da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), militante do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), residente na regional de Itapeva.

² Graduanda do curso de Pedagogia da Terra da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), militante do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) na Grande São Paulo e residente no Assentamento Comuna da Terra Irmã Alberta.

³ Graduanda do curso de Pedagogia da Terra da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), militante da Organização de Mulheres Assentadas e Quilombolas do Estado de São Paulo (OMAQUESP) e residente no Assentamento Rural Araras III na cidade de Arararas/SP.

⁴ Graduanda do curso de Pedagogia da Terra da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), indicada pela Federação dos Empregados Rurais Assalariados do Estado de São Paulo (FERAESP), e residente no Assentamento Horto Guarany em Pradópolis/SP.

⁵ Este curso é uma parceria entre os movimentos sociais camponeses: Federação da Agricultura Familiar (FAF), Federação dos Empregados Rurais e Assalariados do Estado de São Paulo (FERAESP), Organização de Mulheres Assentadas Acampadas e Quilombolas do Estado de São Paulo (OMAQUESP) e o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST); juntamente com a Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e o Instituto Nacional de Colonização da Reforma Agrária (INCRA) com a

“Processos Educativos” ministrada pelo educador Marcos Gehrke, de 26 a 30 de julho de 2010.

A disciplina teve duração de uma semana, a nossa rotina começava as 8h horas da manhã na sala de aula, interrompíamos as 12h para o almoço e retomávamos as aulas das 14h as 18h da tarde. Na segunda-feira vieram duas representantes da Secretaria Municipal e coordenadoras do Movimento de Alfabetização (MOVA) para falar sobre o Movimento e Brasil Alfabetizado (BA)⁶ e das salas de EJA. Na terça, quarta e quinta-feira os horários foram alterados: começávamos as 08h horas da manhã na sala de aula, interrompíamos as 12h para o almoço e retomávamos às aulas das 14h às 16h. Às 17h30 foi o horário marcado para nos deslocar do alojamento com destino às salas da EJA em São Carlos.

A OCAP contou com o apoio da prefeitura municipal, da Secretaria de Educação e também de supervisores e supervisoras (professores e coordenadores e monitores do curso de Pedagogia da Terra) que nos acompanharam fazendo observações críticas sobre nossa prática em sala de aula, como não havia um/a supervisor/a por grupo fizeram um processo de revezamento.

As manhãs de quarta, quinta e sexta-feira foram destinadas para avaliação e reflexão crítica das práticas e impressões do dia anterior, em seguida o educador Marcos deu continuidade aos conteúdos da disciplina e o período das 14h às 16h foi destinado ao planejamento das aulas e preparação dos materiais pedagógicos.

Os educandos e educandas do curso de Pedagogia da Terra se dividiram em 11 grupos de quatro e três membros, cada um ficou encarregado de fazer observações, planejamento de aulas e regências

duração de quatro anos. A primeira etapa teve início em janeiro de 2008 através do regime de alternância.

⁶ Programas de Alfabetização com os mesmo objetivos e ações, visam a diminuição do analfabetismo e a elevação da escolaridade dos jovens com no mínimo 15 anos, adultos e idosos. O município de São Carlos implanta o programa MOVA em 2002 e o programa BA passa a existir em 2003, o que diferencia os programas são os órgãos financiadores, sendo o MOVA municipal e o BA o governo federal. Estes programas oferecem aos professores cursos de formação na EJA.

nas salas da EJA, essas salas estão localizadas nos vários bairros do município de São Carlos para facilitar o acesso da população. O local onde estávamos alojados ficava muito distante de alguns bairros e a prefeitura municipal cedeu dois ônibus para a nossa locomoção.

O nosso grupo ficou encarregado de desenvolver as práticas pedagógicas na sala de aula localizada no Bairro periférico Cidade Aracy, o local é caracterizado por casas, igrejas e um centro com comércios pequenos, essas informações puderam ser constatadas porque chegávamos ao bairro 40 minutos antes do início das aulas e usávamos esse tempo para conhecer os quarteirões próximos a sala da EJA e rever o plano de aula em uma sorveteria.

Nosso grupo ficou encarregado de observar e desenvolver as práticas pedagógicas na sala de EJA, onde as aulas são ministradas regularmente por um professor. Essa sala de aula ocupa uma das salas do Centro de Referência e Assistência Social (CRAS) no período noturno. A sala conta com 20 carteiras universitárias, uma lousa, uma pia, mesa e cadeira do professor e fora daquela sala havia um cantinho de leitura que segundo uma educanda pouco usada por educandos (as).

A partir da entrevista feita com o professor da turma no dia 29 de julho de 2010 tivemos muitas informações.

No primeiro semestre a sala da EJA era composta por 27 educandos, sendo seis homens e 21 mulheres; retomando o segundo semestre restaram na sala um total de 17 educandos, 16 mulheres e um homem. Os motivos das desistências variam entre: distância das residências, horário de trabalho, e um aluno por motivo de saúde e outros avançaram para a escolarização na EJA; a faixa etária dos educandos/as variam de 30 a 78 anos. Os educandos enfrentam muitas dificuldades na aprendizagem, por terem ficado muito tempo fora da escola, essas dificuldades enfrentadas hoje foram influenciadas pela situação socioeconômica à qual grande parte da classe trabalhadora ainda enfrenta. Hoje os educandos/as encontram nos programas MOVA e BA, uma chance de mudar essa realidade resgatando através destes programas o conhecimento sistematizado ao qual jovens e adultos não tiveram acesso na idade certa.

O professor procura trabalhar a alfabetização voltada para realidade local, que auxiliem na busca da solução dos problemas cotidianos. Fazendo um paralelo do que ocorre no entorno, além disso, também procura passar as informações sobre os programas sociais existentes no município. O educador utiliza no processo de alfabetização o livro didático da EJA, jornal local, revistas e reportagens sobre acontecimentos da atualidade retirados da internet.

Durante um diálogo informal constatamos que a maioria das mulheres são donas de casa, mas quando aparece alguma oportunidade, trabalham como diarista. E o único educando frequente na sala era trabalhador da construção civil.

EJA e Alfabetização

A escrita foi criada e aperfeiçoada de acordo com as necessidades do ser humano, portanto, tornou-se um bem cultural socialmente construído pela humanidade ao longo dos anos. Ela é uma atividade funcional que não se completa em si mesma, mas atende a propósitos como: transmissão de informações, a comunicação entre os sujeitos e a busca por novos conhecimentos.

Na década 30 acompanhando a evolução da escrita o padrão de trabalho industrial passa a exigir dos indivíduos o mínimo de educação, ou seja, leitura e escrita para o manuseio de máquinas. Em meados dos anos 90, a eletrônica expande no setor industrial e a sociedade que é alimentada pelo sistema capitalista necessita de trabalhadores com um nível de conhecimento maior.

Como o objetivo do sistema é sanar esse problema o capital adapta e controla a contradição educar/explorar oferecendo um modelo de educação padronizado, visando à formação do indivíduo para o trabalho e não para a vida, tal qual afirma Freitas (1995, p. 28) “O capital procurará equacionar a contradição educar/ explorar tentando controlar mais diretamente o aparelho educacional e impondo seu projeto político.”, tornando a alfabetização o primeiro passo para o indivíduo apropriar-se do código escrito e prestar serviço para a industrialização.

Sendo a educação escolar o meio pelo qual a burguesia controla e torna a classe trabalhadora submissa, disponibiliza-a também para os trabalhadores e sua prole, assegurando-a como um “direito de todos” através da Lei de Diretrizes e Base (LDB).

A princípio, a LDB garante educação para as crianças e os jovens em idade correspondente aos períodos de escolarização, mas novamente a evolução da tecnologia influencia, pois existiam muitos jovens e adultos da classe trabalhadora que eram analfabetos, não escreviam ou liam, esse então se torna mais um desafio para a sociedade porque sem alfabetização esses indivíduos não consomem a produção tecnológica construída para alimentar e postergar o sistema capitalista.

E para converter a situação acima a favor do capital, a LDB 9394/1996 atualizada em 2007, compreende no artigo 37 “A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria.” (BRASIL, 2007, p.27).

A EJA é baseada nas concepções e propostas do círculo de cultura criado por Paulo Freire. Sendo assim, podemos encontrar nessa pedagogia um princípio voltado para uma formação humana e emancipadora. Contudo, apesar de a LDB assegurar e garantir teoricamente a todos uma educação escolar igualitária as práticas pedagógicas instaladas nas escolas públicas são defasadas, pois Freitas afirma:

Nesse modelo de exploração, a educação do trabalhador não tem papel central. Trata-se de treiná-lo rapidamente, dentro da empresa, para executar tarefas repetitivas durante algum tempo (um ano ou dois) após o qual ele é mandado embora para que se contrate outro por um salário menor. (1995, p. 125).

Diante disso, o educador da EJA deve mediar o conhecimento sistematizado do/as educandos/as para que se apropriem da leitura e da escrita real⁷ possibilitando a inserção do/a mesmo/a no mundo letrado que a todo o momento os/as exclui da sociedade.

⁷ É a escrita de um sujeito, sobre um fato, para um leitor, com uma finalidade, escolhendo um tipo de texto.

Primeiro dia da OCAP - 27/07/2010

O primeiro momento foi destinado a observar e conhecer a turma, nos apresentamos contextualizando o curso, em seguida, nos apresentamos dizendo de onde viemos e que pertencíamos aos Movimentos Sociais.

Colocamos nossa proposta de trabalho durante os três dias que ficaríamos com os educandos da EJA, explicamos para o professor todos os passos e como seriam desenvolvidas as atividades. Em seguida o professor iniciou a aula com a leitura de um texto chamado Espaço Verde, fazendo a discussão com os alunos sobre o texto, e pediu para cada educando ler o mesmo. Mas somente duas educandas se propuseram a ler as outras educandas ainda tinham a necessidade de dominar a leitura.

O professor explicou que deu esse texto, porque estava ligado à realidade de cada educando da EJA. Essa discussão foi longa, o professor falou sobre o capitalismo e o socialismo, mas os alunos não se interessaram muito, pois não tinham o domínio do assunto. Observamos que a leitura e discussão do texto permearam o restante da aula.

Neste sentido entendemos que o professor poderia propor aos educandos/as que participassem da leitura e depois escolhessem uma palavra geradora que contém no próprio texto para problematizar facilitando a compreensão da leitura, como relata a autora Soares (1999, p. 53) “O adulto aprende a escrever agindo e interagindo com a língua escrita, experimentando a escrever, ousando escrever, fazendo uso de seus conhecimentos prévios sobre a escrita.”

O professor também poderia ter trabalhado ativamente a participação dos/as educandos/as através da escrita espontânea, conforme afirma Soares, (1999, p. 55) “Deve-se trabalhar a escrita espontânea, por que é escrevendo que se aprende a escrever, sendo sempre acompanhada e problematizada pelo educador.”

Segundo dia da OCAP - 28/07/2010

Iniciamos o dia com uma avaliação com os supervisores da regência. Discutimos sobre os planos de aula que iríamos trabalhar com os educandos da EJA, com o tema “Meu espaço na comunidade”.

No primeiro dia da regência apresentamos a proposta para o professor que concordou com a ideia. Então fomos para sala de aula e colocamos para os educandos a proposta das atividades que havíamos elaborado.

Iniciamos a aula com uma dinâmica, que nós educandas-educadoras aprendemos na disciplina de espanhol, que consiste em: escrever os nomes de cada um na folha de sulfite; colar a folha nas costas de cada um com os nomes trocados; fazer um círculo e, um por vez, vai ao centro do círculo mostrar qual nome esta escrito. Os leitores deram dicas e características referentes ao nome e, por fim, quem estava no centro tinha que adivinhar o nome escrito nas costas.

A dinâmica teve por objetivo trabalhar escrita e leitura permitindo que os educandos/as reflitam sobre as características do outro e promover a comunicação e a interação entre todos e todas. Ao término da dinâmica colocamos os nomes dos educandos na parede com intuito de poderem reconhecer seus próprios nomes.

Em seguida passamos na lousa as seguintes questões: Qual é seu nome? Qual é seu estado civil? Você tem filhos? Quantos? Qual o nome de seus filhos e filhas? Quanto tempo você leva para chegar ate a escola? Você trabalha? Em quê? Para que os educandos da EJA pudessem responder sobre sua história de vida.

Realizamos estas questões com intuito de conhecer a realidade de cada educando, para fazermos o planejamento da aula seguinte, com base nos estudos de Paulo Freire “Ensinar partindo da realidade.”

Durante a regência percebemos que a maioria dos educandos tinham necessidade de auxílio na escrita e leitura devido a vários níveis de aprendizagem, nós enquanto educandas-educadoras nos dividimos e fizemos o acompanhamento de cada educando individualmente mediamos a escrita e leitura.

Ao término da aula contamos com a visita de uma representante do MOVA, para ver como estava o andamento da aprendizagem dos educandos, essa visita é feita mensalmente com a finalidade de constatar o desenvolvimento dos educandos/as.

Em seguida terminamos a aula, com um tempo suficiente para a realização das atividades propostas pelo grupo. Encerramos com agradecimento ao professor e aos educandos/as.

Terceiro dia da OCAP

Ainda na Universidade, fizemos uma avaliação do dia anterior, socializamos nossa primeira experiência na sala de aula para a turma e replanejamos as aulas desse dia. Chegando à sala da EJA, antes dos educandos mostramos a proposta de aula para o professor, que novamente aprovou sem contestar.

Antes de iniciarmos a atividade colocamos a cartolina na parede da sala de aula com as perguntas norteadoras, a fim de facilitar a leitura, porque as letras estavam com maior visibilidade. Por sermos quatro educandas-educadoras resolvemos nos dividir da seguinte forma: duas de nós ministrariam a aula, outra relataria as atividades que se desenvolvessem e a outra faria a entrevista com o professor.

Demos início as atividades, enquanto duas trabalhavam nas atividades fazendo as perguntas norteadoras de carteira em carteira ajudaram cada educando escrever sua resposta no caderno. As perguntas foram: Porque os educandos pararam de estudar? Porque resolveram voltar a estudar?

A partir da resposta que os educando escreveram no caderno, as educandas-educadoras pediram que eles/elas resumissem em uma só palavra, conforme respondiam às questões, as educandas-educadoras problematizavam as palavras através da escrita, a leitura era feita coletivamente e os educandos foram convidando a participar da atividade indo a lousa para iniciarmos a decodificação das palavras colocando as famílias silábicas; de cada palavra dita.

Estas palavras foram à resposta da primeira questão.

**TRABALHO – FAMILIA – OPORTUNIDADE – PROFESSORA –
MARIDO – FILHO – TRANSPORTE – DISTÂNCIA**

Estas palavras foram respostas da segunda questão.

**BÍBLIA – APRENDER – LER – ESCREVER NOME – MELHOR
EMPREGO – PEGAR ÔNIBUS – FAZER COMPRAS.**

Após a decodificação perguntamos quais as outras palavras poderíamos formar a partir das sílabas que estavam no quadro, e os educandos foram formando novas palavras, um por vez no quadro. Geramos as seguintes palavras:

TRALHA – FALA – PORTA – PORTO – FOLHA – DITO – FALHA – MILA – MILI – MOLA.

Os educandos participaram ativamente e disseram que daquela forma era mais fácil de aprender.

Finalizamos a regência com a seguinte dinâmica:

Todos formaram círculo; tínhamos que lembrar quem estava do nosso lado direito e do lado esquerdo; todos se misturavam, e em um determinado momento parávamos e cada um tinha que segurar a mão dos parceiros da esquerda e da direita; devido o local que paramos nos misturamos e os braços ficaram entrelaçados; e era necessário desfazer o entrelaçamento sem soltar as mãos.

A dinâmica teve a intenção de trabalhar o raciocínio, a memória e mostrar que coletivamente podemos alcançar nossos objetivos. E para encerrarmos dissemos que nunca é tarde para buscar novos conhecimentos porque aprendemos na relação com o outro. E agradecemos a paciência e a colaboração de todos e todas durante as atividades.

Considerações finais

A prática pedagógica permitiu a nós, enquanto futuras pedagogas da terra refletissem o quanto é importante à busca constante de conhecimentos e o quanto se torna prazeroso relacionar a realidade dos educandos com os conteúdos curriculares.

O educador deve ter consciência do seu papel diante da sociedade e oferecer aos educandos subsídios que contribuam com o processo de alfabetização dos mesmos para assim diminuir os limites da classe trabalhadora. Percebemos que os “erros” cometidos pelos educandos são construtivos nos processos de alfabetização.

Compreendemos que o planejamento das atividades é importante para possibilitar um trabalho qualitativo, uma vez que o mesmo é um norteador das atividades planejadas e que nem sempre tudo que está planejado é colocado em prática.

Destacamos como desafio, trabalhar em uma sala diversificada composta por diferentes níveis de alfabetização; a procura das atividades transmitidas no cotidiano; o cuidado necessário para aplicar as atividades individuais ou coletivas; e principalmente ter em mãos um bom planejamento das aulas proporcionando aos educandos e educandas da EJA a possibilidade de sistematização do conhecimento adquirido ao longo da vida.

Referências

BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB*. Lei nº 9394/1996. Edição atualizada em 2007. Aracaju/SE: SINTESE, 2007.

FREITAS, Luiz Carlos. *Crítica da organização do trabalho Pedagógico é da didática*. Campinas/SP: Papirus, 1995.

SOARES, Magda Becker. *Aprender a escrever, ensinar a escrever*. IN: ZACCUR, Edwiges (Org.). *A magia da linguagem*. Rio de Janeiro/RJ: DP&A: SEPE, 1999. p. 49-73.

10. Alfabetização: aprendendo e ensinando

Daiane Leite Barbosa Ramos¹

Estefânia Loureiro de Melo²

Silvani da Silva³

Vânia Dalila Silva de Souza⁴

“A educação será libertadora na medida em que incentivar a reflexão e a ação consciente e criativa das classes oprimidas em relação ao seu próprio processo de libertação” (Paulo Freire).

Este artigo apresenta a primeira experiência no processo de Alfabetização de Jovens e Adultos (EJA), do curso da Pedagogia da Terra⁵, a fim de habilitar a turma Helenira Resende para atuarem no ensino da Educação de Jovens e Adultos – EJA.

Neste sentido foi proporcionada a realização da Oficina de Capacitação Pedagógica – OCAP⁶, no período de 26 a 30 de julho de

¹ Graduanda do Curso Pedagogia da Terra, Turma Helenira Resende, Universidade Federal de São Carlos e Militante do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST.

² Graduanda do Curso Pedagogia da Terra, Turma Helenira Resende, Universidade Federal de São Carlos e Militante do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST.

³ Graduanda do Curso Pedagogia da Terra, Turma Helenira Resende, Universidade Federal de São Carlos. Pesquisadora bolsista I.C – Funadesp do Nupedor (Núcleo de pesquisa e documentação rural). Uniara (Centro universitário de Araraquara), Coordenado pela Prof. Dr^a Vera Lúcia Silveira Botta Ferrante.

⁴ Graduandas do curso Pedagogia da Terra, Turma Helenira Resende, Universidade Federal de São Carlos e militante da Organização das Mulheres Quilombolas do Estado de São Paulo – OMAQUESP.

⁵ Pedagogia da Terra, é uma parceria entre a Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) o Instituto Nacional de Colonização da Reforma Agrária (INCRA) e os Movimentos Sociais Camponeses com duração de 4 anos.

⁶ OCAP – Oficina de Capacitação Pedagógica, prática pelo movimentos sociais

2010, com carga horária de 20hs, que consistiu em conhecer a realidade de jovens e adultos no Movimento de Alfabetização (MOVA) de São Carlos; construir o planejamento da alfabetização, que consistiu em estudar os fundamentos da mesma e o planejamento da intervenção pedagógica; e o desenvolvimento e avaliação da prática pedagógica. Para a realização da OCAP, a turma foi dividida em 11 grupos que atuaram em 5 bairros de São Carlos⁷.

Inicialmente o texto trará a breve fundamentação histórica da EJA, posteriormente a experiência vivenciada no bairro Santa Felícia, que descreveremos logo abaixo, em seguida o vivido (prática) a luz da teoria pedagógica da alfabetização estudada na disciplina “Processo de Alfabetização”, para finalizar algumas considerações possíveis.

Teoria na prática

Historicamente a educação dos trabalhadores vem sendo tratada com descaso. Dessa forma a EJA também carrega esse legado de desinteresse do poder público em efetivar a Educação de qualidade para os jovens e adultos que não tiveram a oportunidade de estudar em idade apropriada.

Embora Estado de São Paulo seja referência em “desenvolvimento” econômico e industrial, esse desenvolvimento não tem contribuído para que os trabalhadores jovens e adultos voltem ocupar seu lugar nas escolas. De acordo com Di Pierro (2009, p. 9) atualmente no campo no Estado de São Paulo projeta-se que a população jovem e adulta com 18 anos ou mais de idade seja superior a 31 mil pessoas, 12% eram analfabetos absolutos e 40% tinham no máximo quatro anos de estudos.

Para os Movimentos Sociais a valorização da formação na dimensão humana, contribui no processo de conscientização e emancipação do ser humano. Através das práticas educativas propostas na EJA, pretende-se romper com a lógica de manipulação, exclusão e

⁷ Para realização da OCAP, tivemos o apoio da Prefeitura Municipal e Secretaria de Educação de São Carlos, que disponibilizaram as salas nos seguintes bairros: Cidade Araci, Antenor Garcia, Monte Carlo, Jardim Paulistano e Santa Felícia, sendo a Turma Pedagogia da Terra com 41 educandos divididos em 11 grupos.

ignorância da classe trabalhadora, indo para além da técnica de aprendizagem.

Para a melhor compreensão do leitor ressaltamos que o MOVA foi gestado e articulado pela sociedade através dos movimentos populares, onde havia iniciativa na alfabetização de jovens e adultos, institucionalizavam as ações que eram desenvolvidas pelos movimentos e, apesar da colocação de projeto apartidário sua incidência deu-se nas prefeituras petistas. Concordando com essa proposta dos Movimentos Sociais, desenvolvemos as atividades no município de São Carlos.

O município de São Carlos, importante cidade do interior paulista, conhecida como capital da tecnologia, tendo duas Universidades Públicas⁸ de grande importância no país ainda tem um grande número de analfabetos, o que revela que a tecnologia ainda não está para todos. Apesar de a cidade ter o prestígio da modernidade, dados da Contagem Populacional realizada pelo IBGE em 2000, com o principal objetivo de traçar um perfil da situação educacional no Brasil, revelou que 24.000 jovens e adultos de São Carlos, não completaram o 1º ciclo do ensino fundamental e destes, 8 mil são analfabetos, o que representa 5,6% da população municipal.

A fim de mudar este índice o município apresenta as seguintes propostas para diminuir o analfabetismo e aumentar a escolaridade com as seguintes ações de políticas públicas: Inscrições e orientações para educadores voluntários bolsistas para atuação no MOVA e Programa Brasil Alfabetizado (PBA).⁹

⁸ Universidade São Carlos, e Universidade Usp de São Paulo.

⁹ Formação Inicial para os educadores (38 horas); Formação Continuada (duas horas semanais) ao longo dos programas; Continuidade dos alunos na EJA, encaminhamento para as salas de Núcleos e EMEBs; Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo (HTPC) com os professores da EJA (duas horas semanais); Curso de Pós-Graduação, Especialização em Educação de Jovens e Adultos em parceria com a UFSCar/NIASE; Projeto Arte na EJA - oficinas artísticas que promovem geração de renda, cultura, lazer e socialização. Implantação em março de 2009. Oficinas Oferecidas: fuxico, tear de pregos, pintura em guardanapo, decoupage em madeira, telha, tela e camisetas, Biscuit, inglês, espanhol, etc; Noções de Economia Solidária conjuntamente com o Projeto Arte na EJA; Exposição do Projeto Arte na EJA

Prática

Habilitar os educadores e educadoras em formação, para atuarem em seus estágios foi um dos objetivos desta prática. Para tanto se fez necessário uma experiência pedagógica na Alfabetização, de modo extrair elementos que ajudaram na sua formação e atuação no tempo comunidade.

A prática a ser descrita aconteceu no Bairro Santa Felícia, no espaço da igreja Santa Rita, com a participação de quatro educandas do curso Pedagogia da Terra. É importante contextualizar a prática pedagógica constando a realidade do bairro e dos educandos.

O bairro Santa Felícia segundo os moradores foi loteado há mais de 30 anos e, dispõem hoje de boa infraestrutura tendo estabelecimentos comerciais, pequenas indústrias, escolas municipais e estaduais, posto de saúde, área de lazer e igrejas. Notam-se características religiosas, tendo destaque três igrejas católicas. Para os moradores esta referência é devido ao antigo dono da área ser um padre, que fundou as igrejas com fins religiosos e sociais.

Ainda hoje a igreja Santa Rita trabalha com diversas atividades no salão paroquial sendo: Oficina de balé, ginástica, reuniões da Assistência Social e Alfabetização - EJA.

O espaço físico se caracteriza da seguinte forma, no primeiro piso tem um grande salão onde são realizadas as oficinas, no piso superior tem apenas uma única sala, onde acontece a EJA. A caracterização do espaço não privilegia os alunos, já que os mesmos tem que enfrentar vários lances de escadas, sendo um grande problema para educandos, já que estes são senhores e senhoras com mais de 50 anos, a sala é pequena e mal ventilada, também não há bebedouro e nem banheiro.

Estão matriculados 16 educandos, que frequentam as aulas de segunda a quinta-feira das 19hs às 21hs, no entanto, nos três dias de inserção frequentaram apenas seis educandos, moradores do bairro, que buscam na alfabetização a chance de inserir no mundo letrado.

(outubro de 2010); Ações Comunitárias (divulgação das salas e matrículas de alunos nas regiões do Cidade Aracy e Maria Stella Fagá). (dados apresentados pelas representantes da secretaria da educação do município – núcleo EJA. 2010 s/d).

Segundo Zanetti, Schwendler, (2003, p.13) “O adulto vem para alfabetização para aprender a ler e escrever”. Citando Freire as mesmas autoras nos dizem:

Uma educação que tem rosto, que tem projeto, utopia, que seja feita a partir da realidade, da cultura, da história de sujeitos que, muitas vezes, esperam mais da metade de suas vidas para poderem segurar um lápis em suas mãos. São mulheres e homens que, com suas mãos, pegaram na enxada e na foice, cortaram cercas acariciaram os filhos e querem escrever não só o seu nome, mas palavras que tenham significados em suas vidas (ZANETTI; SCHWENDLER 2003, p.13).

No dia 27 de julho de 2010, realizamos uma pesquisa com os moradores, para identificar características relevantes a serem usadas na alfabetização. Para isso, saímos andando pelo bairro fazendo perguntas, para possível planejamento da regência. Com isso Gehrke nos traz que o processo de investigar e perceber os temas geradores na realidade é o início do planejamento na educação.

Feito o retrato da comunidade nós, educandas da Pedagogia da Terra, seguiram até a igreja onde acontecem as aulas de EJA. Enquanto aguardavam a chegada da professora tivemos a oportunidade de conhecer os alunos. Este momento foi aproveitado para coletar mais dados, através das apresentações casuais e depois num momento mais formal na sala de aula. A professora responsável fez a apresentação, propondo que desenvolvêssemos a regência. No entanto, aquela não era a atividade prevista, pois neste primeiro dia o objetivo era observar a atuação da professora, os conteúdos e o desenvolvimento dos educandos.

Esta situação potencializou a importância do educador se preparar para um segundo plano, caso o mesmo não aconteça, para isso o professor precisa ter clareza de quais itens devem ser contemplados, possibilitando o sucesso de todos os alunos no processo de alfabetização.

Aproveitamos o momento para dialogar com os educandos, pedindo que estes contassem suas origens como: De onde vieram? Por que não estudaram? Qual foi sua trajetória de trabalho? Utilizamos

como metodologia uma roda de conversa com intuito de desconstruir a organização da sala que era tradicional (enfileirada).

Ressaltamos que, para os alunos, não houve estranhamento com a metodologia, entretanto, a professora ficou impressionada pois pensava que começaríamos aplicando conteúdo na lousa. A partir da experiência do primeiro dia o grupo pode fazer uma análise, propondo um plano de ensino de acordo com os relatos da história de vida dos alunos, sabendo que a maioria era imigrante com raízes no campo, tínhamos como desafio fazer uma intervenção que trouxesse aquelas questões à tona.

No dia 28 de julho de 2010, após várias conversas a respeito das informações obtidas no dia anterior, resolvemos trabalhar com a música na sala de aula, tendo como objetivo de proporcionar formas de aprendizagem de escrita bem como o pensamento crítico.

Através da música “Cio da Terra” de Milton Nascimento e Chico Buarque, sugerindo como tema gerador¹⁰ “TERRA E TRABALHO”, foi feita a leitura da música em voz alta, para averiguar se os mesmos conheciam a letra e o que a música relacionava com a discussão anterior. No decorrer da leitura destacaram palavras desconhecida do universo vocabular dos educandos (Cio, Debulhar, Bago, Forjar, Afagar), e com as palavras fizemos um exercício de escrita, utilizando o dicionário e alfabeto móvel¹¹. Para entendermos o alfabeto móvel buscamos em Tiepollo (2003, p. 58) a seguinte interpretação:

Por intermédio do alfabeto móvel, os educandos poderão perceber as diferentes posições que as letras podem ocupar, experimentarão as trocas de letras e poderão descobrir as posições possíveis e as impossíveis das letras dentro do nosso sistema de escrita. Enfim, estarão vivenciando concretamente o funcionamento do sistema alfabético.

¹⁰ Tema Gerador, uma relação de troca horizontal entre professor e aluno, onde o diálogo predomina, na busca de respostas frente a uma problematização.

¹¹ Alfabeto Móvel é um instrumento que ajuda a compreender o sistema alfabético.

Para o crescimento do grupo, houve o acompanhamento do professor da disciplina “Processo de Alfabetização” que observou a prática, este destacou que o plano de aula não foi bem explorado, esse fato também foi percebido pelo o grupo que após a reflexão decidiu reelaborar o plano de aula para melhores explorá-las e desenvolvê-la. Isto nos mostrou que ensinar é uma constante aprendizagem e, que os “erros” possibilitam os acertos.

No dia 29 de julho de 2010, foi dada a sequência nas atividades proposta. Neste dia o grupo mais seguro, conseguiu explorar o plano de ensino com mais eficácia, retomando o objetivo estabelecido. Ficou destacado neste dia o tema gerador “TERRA E TRABALHADORES” para tratarmos este tema utilizamos a palavra geradora “TRABALHO”, esta palavra partiu dos relatos de experiência de vida dos educandos, pois tinham uma relação comum com a terra, já que a maioria eram imigrantes. Esta palavra apresenta uma riqueza fonética, silábica e pragmática. A mesma possibilitou que os alunos e alunas superassem as expectativas das educadoras.

Nesta regência, a participação dos alunos foi intensa, os de níveis pré-silábicos produziram atividades no caderno através da colagem das palavras da música, os silábicos se desafiaram a escrevê-las na lousa, ficamos felizes em ver os alunos fazerem a leitura em voz alta. Já que os mesmos haviam revelados que tinham vergonha de fazer isto, no entanto isso aconteceu de forma natural.

A partir da experiência, o grupo avaliou que houve avanço gradativo na medida em que se adquiriria mais experiência em sala de aula, tanto na parte das educadoras quanto dos alunos.

Compreendemos que há limites na organização e elaboração no plano e divisão de tarefas. Percebe-se que ainda a alfabetização de adultos tem limites a serem superados entre eles, vale destacar a confusão da metodologia e técnicas existentes, na qual se pronuncia uma e se pratica outra.

No ultimo dia, demos continuidade às atividades, com alfabeto móvel, aproveitando para decodificar e problematizar a palavra TRABALHO, feito com alfabeto grande, em seguida ensinamos e formamos as sílabas na lousa, que compunham as palavras: Baralho, Rato, Alho, entre outras, neste momento teve presente a participação

dos educandos indo até a lousa.

Para fazer o encerramento, o grupo levou materiais pedagógicos para ornamentar a sala como: calendário, relógio e alfabeto móvel, pois não havia estes tipos de materiais.

Foram registrados os momentos com relatos e fotos tirados durante a OCAP, o mesmo foi utilizado para o encerramento com uma apresentação de slide e entregue em seguida uma lembrança para cada educando, um lápis com uma decoração de borboleta.

Considerações finais

O Jovem e adulto participante do MOVA e BA, possuem alguns conhecimentos prévios sobre o mundo letrado, que adquiriram em curtas passagens pela escola ou na realização de atividades cotidianas e de trabalho. Com o desenvolvimento em sala de aula e presente com situações de leitura e escrita, tornam-se, capazes de articular de forma mais autônomas na sociedade letrada.

Contudo, o educador tem de respeitar e saber o tempo de cada educando, a fim de contribuir no processo de sua alfabetização, junto criar situações na qual possa trazer significado que estimule a compreender os códigos do mundo letrado.

A OCAP proporcionou ao grupo, experiências bem como ter o pensamento crítico e elaboração a partir da realidade do educando, pois a experiências sociais dos adultos permite que seu conhecimento seja ponto de partida para seu aprendizado da leitura e da escrita. Compreendendo-se que é necessário um bom planejamento de ensino, organização o diálogo e sendo atuação em grupo se faz necessário a divisão de tarefas. Assim pode-se afirmar que o ato de alfabetizar vai além do ensinar a ler e escrever, é compartilhar conhecimento na busca da construção de novos sujeitos.

No processo de formação, se tem momentos em que o educando passa por desafios, e é os desafios que nos motiva a aprender novas formas de ensinar e aprender.

Referências

DI PIERRO, Maria Clara. *Escolarização em assentamentos no estado de São Paulo: uma análise da Pesquisa Nacional de Educação na Reforma Agrária 2004*. Revista Brasileira de Educação, vol. 14, n. 41, 2009.

ZANETTI, Maria Aparecida; SCHWENDLER, Sonia Fátima. *Formação de Educadoras e Educadores: O planejamento na alfabetização de jovens e adultos*. Curitiba/PR: Editora Gráfica Popular, 2003.

11. Aprendendo com a prática: trocando experiências

Cristiane Rodrigues da Costa¹

Edvaldo dos Santos²

Giseli de Fátima Teixeira Ramos³

Silvia Cristina dos Santos⁴

“A superação não se faz no ato de consumir idéias, mas no de produzi-las e de transformá-las na ação e na comunicação.”

Paulo Freire

Este artigo tem por objetivo apresentar a experiência de uma prática pedagógica com ênfase na Educação de Jovens e Adultos (EJA)⁵, através da Oficina de Capacitação Pedagógica (OCAP)⁶, no período de 26 a 30 de julho de 2010, no município de São Carlos, interior do estado de São Paulo.

¹ Graduanda do curso de Pedagogia da Terra da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), assentada no Assentamento Bela Vista do Chibarro, Araraquara/SP. Indicada pela Federação dos Empregados Rurais Assalariados do Estado de São Paulo (FERAESP).

² Graduando do curso de Pedagogia da Terra da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), reside na grande São Paulo/SP, militante do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST).

³ Graduanda do curso de Pedagogia da Terra da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), reside no Assentamento Formiga, Colômbia/SP. Indicada pela Organização de Mulheres Assentadas e Quilombolas do Estado de São Paulo (OMAUESP).

⁴ Graduanda do curso de Pedagogia da Terra da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), reside na Escola Popular Rosa Luxemburgo “Espaço do MST”, Agudos/SP. Militante do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem – Terra (MST). Contribuinte do setor de educação.

⁵ Refere-se aqui na educação de jovens e adultos no sentido mais amplo da prática e não sobre o programa do governo Educação de Jovens e Adultos.

⁶ A OCAP é um jeito próprio que os movimentos sociais têm para fazer formação de professores. Quando fazemos teoria e prática, juntos estamos construindo outra concepção de educação.

Esta oficina foi proposta para os educandos/as do curso de Pedagogia da Terra da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Os educando se dividiram 11 subgrupos, a partir dos critérios elencados pela coordenação do curso⁷. Um dos principais critérios foi promover a interação entre aqueles que tinham experiência em EJA com os que não tinham.

Nosso grupo foi composto por quatro educandos/as, tendo por finalidade integrar os estudantes do curso a uma primeira experiência e aperfeiçoamento de regência na EJA através da OCAP. Com duração de uma semana, a mesma foi planejada e organizada da seguinte forma: Apresentação e organicidade das turmas de EJA do município de São Carlos pelas representantes da Secretaria da Educação; Planejamento de atividades de alfabetização, confecção de materiais pedagógicos, produção de relatório e avaliação coletiva e por fim este texto.

A intervenção em sala de aula ocorreu no período noturno das 19h10 às 20h50. Sendo o que nos períodos das manhãs eram voltados para as avaliações coletivas dos grupos com os acompanhantes; no período da tarde (re) planejamento da prática.

APRESENTANDO NOSSA PRÁTICA

O primeiro encontro: uma aproximação

No primeiro momento estabelecermos um diálogo com a educadora e os educandos/as, afim de observarmos os seguintes aspectos: a dinâmica da sala, o perfil dos educandos e também trocamos experiências para nos conhecermos melhor de modo a extrair elementos para os planejamentos que iríamos desenvolver durante a semana pois, toda prática comprometida com os sujeitos parte do conhecer e reconhecer a realidade, sem isso Freire diria que a prática é uma invasão cultural.

O bairro Cidade Aracy, está localizado na cidade de São Carlos, que é considerada um pólo de produção tecnológica, com duas Universidades renomadas a Universidade de São Paulo (USP) e a

⁷ A coordenação do curso é composta por representantes da universidade, dos movimentos sociais do campo e monitores.

Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Contudo, observou-se a contradição, que segundo relatos da educadora é um lugar com muitos analfabetos, migrantes oriundos do campo, de diferentes estados do país que migraram para o estado de São Paulo com a perspectiva de melhores condições de vida. Para Bezerra (2002) isso acontece devido a situação de insatisfação do lugar de origem, buscando em outros espaços melhores condições de vida e trabalho, como o autora descreve.

Não ter trabalho no Norte e haver o vislumbre de encontrá-lo no sul ou sudeste, fez e ainda faz com que muitas famílias se “exilem” de sua terra natal à procura deste meio, único meio de sobrevivência de quem só tem os braços para o trabalho... Eles também existem porque existe carência de mão-de-obra em um lugar e excesso de pobreza no outro. (BEZERRA, 2002, p.19)

Os educandos/alfabetizandos, mesmo sendo urbanos atuam como trabalhadores temporários no campo em colheita de café e laranja; corte de cana, granja e na indústria por haver um grande desenvolvimento por conta da tecnologia moderna. Ainda assim existe um alto número de desempregados neste bairro.

Um dos motivos que levaram os educandos a estudar nesta escola (a primeira escola construída no Bairro) se dá pelo fácil acesso. Os filhos e netos destes estudaram e estudam nesta instituição escolar. Os educandos de EJA nesta escola têm merenda escolar e materiais didáticos. A sala de aula onde realizamos o estágio é composta por mesas e cadeiras adequadas a idade dos educandos/as. A sala conta com 18 educandos/as matriculados/as, estando presentes nestes dias 12 educandos/as, com a idade entre 31 a 71 anos. A maioria era de mulheres.

Devido a distância do local onde nos encontrávamos, houve uma parceria da prefeitura municipal e a Universidade, a fim de viabilizar transporte para locomoção da turma até as respectivas salas de aula.

Fomos bem recepcionados pelos funcionários/as, pela educadora e educandos/as, isso foi um fator importante para que pudéssemos intervir em sala de aula, conforme o planejamento, o grupo avaliou que

esta experiência foi uma vivência rica e que contribuiu para os estágios na modalidade de EJA que realizamos no tempo comunidade⁸.

Em uma conversa com professora, a mesma relata um pouco sobre sua experiência a qual destacamos o seguinte em seu diálogo:

Eu entrei sem saber trabalhar, fui me formando apenas na teoria (Paulo Freire) com a experiência aos poucos fui melhorando, mas me identifiquei com o material que já tinha do magistério e fui aplicando esse material, fui passando por métodos diferentes e me aperfeiçoando. Aprendi pouco sobre Paulo Freire e não usei, pois só ficou na teoria, e usei o que já sabia.

A educadora responsável pela sala de aula, em conversas nos contou também, ter parado os estudos em um momento de sua vida, depois retomou. Este fato contribui para que a educadora seja dedicada em seu trabalho com os educandos/as, tanto que chegou á buscá-los em suas casas para estudar.

No dia 27 de julho de 2010, tivemos o primeiro contato com os educandos/as do Movimento de Alfabetização (MOVA)⁹, de início realizamos uma roda de conversa de forma descontraída com o intuito de conhecê-los para diagnosticar os níveis de conhecimento bem como os conhecimentos prévios adquiridos em suas trajetórias.

Durante a observação a professora relatou que o objetivo do MOVA é trabalhar com texto, mas a mesma, no decorrer do trabalho em EJA optou por outros métodos, a apostila “Construindo a cidadania”, por exemplo, nem sempre servem para o desenvolvimento

⁸ O curso de Pedagogia da Terra é um curso de alternância, portanto é composto por Tempo Escola (momento em que os educandos/as permanecem na Universidade se apropriando da teoria, durante um período aproximado de 50 dias), e Tempo Comunidade (momento em que vivenciam na prática em suas comunidades as teorias aprendidas, num período aproximado de 90 dias).

⁹ O MOVA é um projeto da Prefeitura de São Carlos articulado com o Programa Brasil Alfabetizado (BA) do Governo Federal. Ele oferece aulas de alfabetização para jovens e adultos, acima dos 15 anos, que não tiveram a oportunidade de aprender a ler e escrever.

dos seus trabalhos. Percebemos que os alunos acham um pouco difícil compreender.

Obtivemos ainda as informações dos educandos/as, de que são motoristas, aposentados, donas de casa e metalúrgicos. Com isso atingimos o objetivo de conhecer os educandos e se apropriar da realidade onde esses estão inseridos. Percebemos durante as apresentações, que a sala de aula não tem um ambiente alfabetizador¹⁰, apesar de estar em um espaço de uma instituição formal de ensino conforme Freire:

A alfabetização é algo muito sério, não só sério, mas profundo, político, muito mais um puro exercício lingüístico do comando da linguagem. E precisamente porque é comando de linguagem é mais do que fonemas, é mais do que sons. É história mesmo. É vida. É desvelamento da ideologia que esta contida na própria linguagem, no próprio discurso (FREIRE, 2001, p.25).

O segundo encontro: um desafio

Com o diagnóstico da turma pronto, no dia 27 de julho de 2010 realizamos o planejamento da prática pedagógica que agora apresentaremos em detalhes.

Começamos a nos atentar muito nas dificuldades dos educandos/as e logo percebemos que não eram dificuldades e sim necessidades. Segundo o professor da disciplina Processos de Alfabetização, Marcos Gehrke, “Queremos trabalhar na necessidade e não na dificuldade, o educando tem necessidade e não dificuldade de aprender algo”. (DIÁRIO DE CLASSE: 28 de julho de 2010).

Optamos por desenvolver atividades de comum acordo com a realidade retratada pelos educandos/as. Depois de muito pensar e refletir, sobre o que propor no planejamento, o grupo acordou que seria fundamental tratar de um tema que trouxesse a relação entre o campo e a cidade que está presente na realidade da turma, por isso escolhemos a música: A CANETA E A ENXADA, que segue abaixo:

¹⁰ Entendemos por ambiente alfabetizador um espaço desprovido de recursos didáticos e materiais pedagógicos; falta de exposição das atividades produzidas pelos educandos/as, murais e alfabeto visível.

A caneta e a enxada

Certa vez uma caneta foi passear lá no sertão
Encontrou-se com uma enxada, fazendo a plantação.
A enxada muito humilde, foi lhe fazer saudação,
Mas a caneta soberba não quis pegar sua mão.
E ainda por desaforo lhe passou uma repreensão.”
Disse a caneta pra enxada não vem perto de mim, não
Você está suja de terra, de terra suja do chão
Sabe com quem está falando, veja sua posição
E não se esqueça à distância da nossa separação.
Eu sou a caneta soberba que escreve nos tabelião
Eu escrevo pros governos as leis da constituição
Escrevi em papel de linho, pros ricos e barão
Só ando na mão dos mestres, dos homens de posição.
A enxada respondeu: que bateu vivo no chão,
Pra poder dar o que comer e vestir o seu patrão
Eu vim no mundo primeiro quase no tempo de adão
Se não fosse o meu sustento não tinha instrução.
Vai-te caneta orgulhosa, vergonha da geração
A tua alta nobreza não passa de pretensão
Você diz que escreve tudo, tem uma coisa que não
É a palavra bonita que se chama....educação!

Esta música teve o objetivo de retratar a história de homens e mulheres, trabalhadores do campo e suas leituras de mundo, desenvolvendo a oralidade, a escrita e a leitura.

A metodologia desenvolvida nesse momento foi: distribuição do texto, com a letra da música “A caneta e a enxada”, em letras grandes para que possam ler; ouviram a música em um CD player e na sequência a leitura e interpretação oral do texto que se misturou com relatos de experiências vivenciadas pelos mesmos, isso na roda de conversa; depois fizemos a escolha das palavras mais significativas do texto para desenvolver a escrita ou reescrita das palavras pelos educandos/as com apoio do alfabeto móvel.

A partir das concepções freirianas retratadas por Zanetti; Schwendler (2003) considera-se que:

A primeira e importante reflexão a ser feita com os alfabetizandos é sobre a sua história de vida. A partir das histórias de vida, podemos

refletir com eles e elas porque não são alfabetizados, qual o significado e os determinantes sociais, políticos, econômicos e culturais da exclusão escolar. Pode-se mostrar que, embora não tenha tido acesso ao saber letrado, elas e eles construíram saberes ao longo de sua vida, aprenderam e ensinaram na família, no trabalho, na igreja, no movimento social, enfim construíram sua cultura. (p.19)

Percebemos que a cultura do homem camponês está fortemente presente na sala de alfabetização, que a falta de alfabetização no campo dificulta o entendimento da leitura da palavra. Nesse sentido, Brandão (2001) em consonância com Freire pensam:

... a alfabetização como um trabalho pedagógico complexo, um trabalho que envolve o todo de uma pessoa em suas várias dimensões e que deve contribuir para a sua formação integral como um ser pensante com todas as conseqüências derivadas disto, então um conhecimento das várias dimensões interconectadas da cultura-que-se-aprende-quando-se-é-alfabetizado passa a ser essencial. (p.28).

No decorrer da atividade notamos que alguns educandos/as evidenciaram estar em níveis de aprendizagem diferentes e para estes tivemos que propor uma atividade de acordo com sua escolarização, para isso dividimos as tarefas: uma acompanhava alguns educando/as na leitura individual, enquanto as outras duas educadoras acompanhavam alguns educandos/as com o alfabeto móvel na formação das palavras significativas elencadas pelos mesmos.

As atividades foram distribuídas de forma organizativa entre nós para um bom desempenho do grupo e a garantia de um bom atendimento aos educandos. Assim todos tiveram a oportunidade de atuar em sala de aula e estar em permanente contato com os educandos/as, nesse sentido o objetivo da OCAP foi contemplado.

Nosso terceiro encontro: agora a despedida

O grupo pensou em desenvolver uma atividade voltada para o cotidiano dos educandos. Assim, elaboramos um planejamento mais estruturado para podermos atingir o objetivo, que foi trabalhar com embalagens de gêneros alimentícios, instigando os educandos a

explorar e a refletir sobre as informações contidas nas embalagens. Seguindo este objetivo, realizamos duas atividades distintas e interconectadas com as embalagens: A decodificação da palavra e a problematização dos valores, marca quantidade etc. Neste sentido Freire nos diz que:

Aprender a ler e a escrever se faz assim uma oportunidade para que mulheres e homens percebam o que realmente significa dizer a palavra: um comportamento humano que envolve ação e reflexão. Dizer a palavra em sentido verdadeiro é o direito de expressar-se e expressar o mundo, de criar e recriar, de decidir, de optar. (FREIRE, 1987, p 49).

Ficamos tensos e ansiosos devido a isso, não atingimos o trabalho com a diversidade da sala e o planejamento de aula, mas o aspecto positivo foi que a atividade executada obteve sucesso na questão da leitura de mundo e leitura da palavra.

Ao final, nas socializações em sala de aula podíamos comparar as experiências e nos avaliarmos pelo que vivemos anteriormente, fazendo relatos de como foi este processo e ouvimos os relatos dos outros grupos. Este foi um fator muito produtivo e construtivo durante esses dias.

Depois, nosso foco se dirigiu para a questão de estarmos ensinado em sala de aula. Precisamos dar mais importância para os aspectos coletivos, distribuir melhor as tarefas e podermos conhecer mais a história de vida dos educandos/as.

Nas primeiras observações gerais pudemos nos ater sobre o trabalho multisseriado¹¹ e trabalho com texto. Entendemos que a leitura não pode ser do educador/a para o aluno/a e sim do aluno/a para o próprio desenvolvimento do aluno/a.

Devemos tomar cuidado com a tendência de nos estendermos nas conversas, quem têm que falar são os educandos/as, assim acabamos nos perdendo na conversa, devemos ser mais ouvintes do que falantes, só então podemos melhor trabalhar a partir da realidade.

¹¹ Entendemos por trabalho multisseriado aquele que engloba vários níveis de ensino em uma única sala.

A partir dos estudos sobre a história da educação de jovens e adultos no Brasil percebe-se que o acesso á educação para as classes trabalhadoras não é recente. Prazeres (2008) apresenta um histórico que coloca em discussão a necessidade e a luta pela educação desses sujeitos “Os primeiros vestígios da educação de adultos no Brasil são perceptíveis durante o processo de colonização, após a chegada dos padres jesuítas, em 1549.” (s/nº)

Segundo informações obtidas pelo senso do IBGE (1910) “o direito a ler e escrever era negado a quase 11 milhões e meio de pessoas com mais de 15 anos”. Somente existiam nessa época alguns grupos sociais mobilizados para a educação de jovens e adultos, com a aprovação do Decreto nº19. 513, de 25 de agosto 1945 muitos foram os interesses para alfabetizar, a oficialidade da lei influenciou novos projetos e novas campanhas.

Dentre estes podemos citar: a Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos – CEAA (1947); voltado para atender às necessidades de qualificação da mão-de-obra para o setor industrial (além da necessidade de ampliar os “currais” eleitorais mantidos pelas práticas “clientelísticas”), os demais tinham o intuito de atender às populações das regiões menos desenvolvidas, além da preocupação de conscientização e integração desse grupo através da alfabetização e utilização do sistema Paulo Freire. (PRAZERES, 2008, s/nº)

O regime militar (1964-1985) reprimiu movimentos sociais e seus integrantes que tinham interesse na alfabetização popular e autorizou o MOBREAL¹².

A Lei de Diretrizes de Bases (LDB) 5692/71 que contemplava o caráter supletivo da EJA, excluindo as demais modalidades, não diferia dos objetivos do MOBREAL. Somente com a nova LDB nº 9394/96, no art.37 e art.38, é que se passa a contemplar as várias modalidades de educação de jovens e adultos e uma melhor adequação as novas

¹² Movimento Brasileiro de Alfabetização (a partir de 1985, passa a se chamar Fundação Educar), tendo como principal objetivo: erradicar totalmente o analfabetismo, mas, principalmente, preparar mão-de-obra necessária aos seus fins aos interesses capitalistas do Estado.

exigências sociais. Dentre algumas alterações podemos citar: redução da idade mínima de 15 anos para o ensino fundamental e 18 para o ensino médio; criando um capítulo único o capítulo 07, para esta modalidade, defendendo uso de didática apropriada às características do alunado, condições de vida e trabalho, incentivando a aplicação de projetos especiais que proporcione o alcance dos objetivos desejados.

Diante deste histórico é que Paulo Freire se faz importante para este projeto, pois para ele, os processos educativos têm que partir do pressuposto de transformação da realidade onde a educação teria o papel de despertar a consciência crítica libertando as da consciência ingênua imposta pela sociedade opressora, já que a elite sempre pensou a educação como meio de dominação.

A proposta de alfabetização de Paulo Freire embasada na conscientização do sujeito trabalha á partir do conhecimento prévio do educando, ou seja, seus princípios se resumem na frase mais conhecida de Freire nos diversos espaços e momentos que ele viveu “A leitura do mundo precede a leitura da palavra”.

Para Paulo Freire (APUD, ZANETTI; SCHWENDLER, 2003), a alfabetização é um ato de criação no qual o alfabetizando aprende a dizer a sua palavra, para (re) escrever o mundo, transformá-lo. Aprender a dizer sua palavra implica na leitura de mundo, que vem antes da leitura da escrita e da palavra, portando nossa prática enquanto educandos/as e futuros educadores/as dedicados a educação para a classe trabalhadora, se identifica com essa metodologia.

As ideias teóricas que indicam a prática de ação conjunta com a reflexão e a atitude de uma nova ação (ação-reflexão-ação) mostram que nossos momentos vividos na prática da educação de jovens e adultos nestes dias tiveram as mesmas ideias como grande importância.

Avaliamos que a OCAP atingiu seu objetivo. Foi uma nova experiência, seu processo propiciou a reflexão das ações que provocaram novas ações, se tornando uma práxis concreta.

Pudemos entender a necessidade do planejamento como uma ferramenta de trabalho, precisamos colocar os objetivos para os educandos/as e não para nós como educadores/as.

Ao fim da última reflexão, percebemos grandes falhas e a necessidade de (re)planejamento e aperfeiçoamento para ensinar e planejar na área da matemática e um grande sucesso na decodificação da palavra.

Contudo, aprendemos que tais erros não devem ser repetidos, mas seu acontecimento foi encarado de forma construtiva para todos. Ficamos satisfeitos pelas intervenções das acompanhantes pedagógicas que nos proporcionou momento de reflexão sobre as nossas práticas em sala de aula, que iremos levar os aspectos positivos como motivo desafiador para o processo de necessidades e superação dos limites encontrados.

Referências

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Ler e escrever: as palavras e o mundo*. IN: BRANDÃO, Carlos Rodrigues [org]. *De Angicos a ausentes: 40 anos de educação popular*. Porto Alegre/RS: MOVA-RS; CORAG, 2001. p. 13 – 41.

BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação*. Lei nº 9394/1996. Edição atualizada em 2007. Aracaju/SE: SINTESE, 2007.

BRASIL, *Ação educativa. Educação de jovens e adultos, Propostas curricular para o1º segmento do ensino fundamental*. São Paulo/SP; Brasília/DF: MEC, 1997.

BEZERRA, Maria Cristina dos Santos. *De colonos a proprietários: A Saga da Formação do Bairro dos Pires*. Dissertação de Mestrado. Sociedade pró memória de Limeira. Limeira, 2002.

MST. *Alfabetização de jovens e adultos: como organizar*. Caderno de Educação 3, São Paulo/SP, 2000.

PRAZERES, Flávio. *História da educação de jovens e adultos – EJA*. Disponível em:<http://pt.shvoong.com/humanities/1780318-hist%C3%B3ria-da-educa%C3%A7%C3%A3o-jovens-adultos/ACESSO>

Acesso em: 28/07/2010.

ZANETTI, Maria Aparecida; SCHWENDLER, Sonia Fátima. *Formação de Educadoras e Educadores: O planejamento na alfabetização de jovens e adultos*. Curitiba/PR: Editora Gráfica Popular, 2003.

VERSÃO BETA

REVISTA VINCULADA AO DEPARTAMENTO DE LETRAS
Fundada em Julho de 2002

ISSN 1677-2016

EDITORES

Prof. Dr. Valdemir Miotello
Profa. Dra. Maria Isabel de Moura

CONSELHO EDITORIAL

Profa. Dra. Mônica Baltazar Diniz Signori
Profa. Dra. Vanice Oliveira Sargentini
Prof. Dr. Nelson Viana
Profa. Dra. Tânia Pellegrini

REVISOR

Carlos Alberto Turati

MANUTENÇÃO DA REVISTA ELETRÔNICA

www.versaobeta.ufscar.br

Hélio Márcio Pajeú

Correspondências e artigos para:

miotello@terra.com.br

